



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DIRLEY APARECIDO DE MOURA

**COTIDIANO ESCOLAR E EDUCAÇÃO FÍSICA:
SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E IMPLICAÇÕES
PEDAGÓGICAS EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA**

CAMPINAS - SP

2016

DIRLEY APARECIDO DE MOURA

**COTIDIANO ESCOLAR E EDUCAÇÃO FÍSICA:
SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E IMPLICAÇÕES
PEDAGÓGICAS EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, na Área de EDUCAÇÃO FÍSICA E SOCIEDADE.

Orientadora: ELAINE PRODÓCIMO

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO DIRLEY
APARECIDO DE MOURA, E ORIENTADA
PELA PROF^a. DR^a. ELAINE PRODÓCIMO.

CAMPINAS - SP

2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

M865c Moura, Dirley Aparecido de, 1986-
Cotidiano escolar e educação física : semelhanças, diferenças e implicações pedagógicas em relação à indisciplina / Dirley Aparecido de Moura. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Elaine Prodócimo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Indisciplina escolar. 2. Educação física. 3. Desenvolvimento moral. 4. Violência escolar. I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: School daily routine and physical education : similaritie, differences and pedagogical implications concerning indiscipline

Palavras-chave em inglês:

Schhol indiscipline

Physical education

Moral development

School violence

Área de concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Mestre em Educação Física

Banca examinadora:

Elaine Prodócimo [Orientador]

Eliana Ayoub

Telma Pileggi Vinha

Data de defesa: 26-08-2016

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA¹

Prof^a. Dr^a. Elaine Prodócimo

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Eliana Ayoub

Membro Titular da Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Telma Pileggi Vinha

Membro Titular da Banca Examinadora

¹ A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

DEDICATÓRIA

Dedico ao amor da minha vida por todo carinho, amor e compreensão Débora Priscila.

Dedico à Carolina, Elza, Idalino, Donizete, Devanir, Laura e Isabela.

Dedico à minha orientadora, professora e amiga Elaine Prodócimo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por todo apoio espiritual e por estar comigo em todos os momentos da minha vida!

Agradeço, em especial, ao amor da minha vida por todo auxílio nos tempos mais difíceis, por todo carinho, amor e compreensão, Débora Priscila, sem você não teria condições de enfrentar tantos desafios que surgiram na minha vida. Te amo, meu amor!

Aos professores e funcionários da UNICAMP que contribuíram para o meu crescimento pessoal, profissional e intelectual.

Aos integrantes da banca examinadora Eliana Ayoub, Telma Pileggi Vinha, Jocimar Daolio e Ademir De Marco pela participação e contribuição.

Aos integrantes dos grupos de estudo: GEPEVs e ESCOLAR pelo auxílio sempre que precisei.

À todas as escolas que participaram do estudo e, em especial, aos professores e gestores que contribuíram de maneira ímpar para a realização dessa pesquisa.

À minha orientadora e amiga pela compreensão e apoio durante a execução desse trabalho, se não fosse por você, Elaine Prodócimo, não teria conseguido enfrentar tantas dificuldades que apareceram no decorrer do caminho, muito obrigado!

Agradeço à Carolina, Elza, Idalino, Donizete, Devanir, Laura e Isabela pelo apoio e auxílio permanente sempre que precisei.

Agradeço a todos os meus amigos, em especial ao Jones, Pikeno, Ricardo, Bela, Juju, Davi, Fernando, Bruno, Tota, Lucas, Alemão, Nona, Treco, Marcão, Gil, João, Joel e Macarrão por todo auxílio nos momentos mais críticos.

QUASE

Ainda pior que a convicção do não e a incerteza do talvez é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo que poderia ter sido e não foi. Quem quase ganhou ainda joga, quem quase passou ainda estuda, quem quase morreu está vivo, quem quase amou não amou. Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos, nas chances que se perdem por medo, nas idéias que nunca sairão do papel por essa maldita mania de viver no outono.

Pergunto-me, às vezes, o que nos leva a escolher uma vida morna; ou melhor não me pergunto, contesto. A resposta eu sei de cór, está estampada na distância e frieza dos sorrisos, na frouxidão dos abraços, na indiferença dos "Bom dia", quase que sussurrados. Sobra covardia e falta coragem até pra ser feliz. A paixão queima, o amor enlouquece, o desejo trai. Talvez esses fossem bons motivos para decidir entre a alegria e a dor, sentir o nada, mas não são. Se a virtude estivesse mesmo no meio termo, o mar não teria ondas, os dias seriam nublados e o arco-íris em tons de cinza. O nada não ilumina, não inspira, não aflige nem acalma, apenas amplia o vazio que cada um traz dentro de si.

Não é que fé mova montanhas, nem que todas as estrelas estejam ao alcance, para as coisas que não podem ser mudadas resta-nos somente paciência porém, preferir a derrota prévia à dúvida da vitória é desperdiçar a oportunidade de merecer. Pros erros há perdão; pros fracassos, chance; pros amores impossíveis, tempo. De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma. Um romance cujo fim é instantâneo ou indolor não é romance. Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo impeça de tentar. Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive já morreu.

Sarah Westphal

COTIDIANO ESCOLAR E EDUCAÇÃO FÍSICA: SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS EM RELAÇÃO À INDISCIPLINA

RESUMO

A presente pesquisa teve como tema a indisciplina escolar e como objetivo geral: analisar as manifestações de indisciplina em diferentes momentos do cotidiano escolar, entre eles, as aulas de EF. Os objetivos específicos foram: analisar o entendimento de professores e direção da escola sobre indisciplina escolar e a forma como lidam com ela; analisar a percepção de diferentes professores sobre quais alunos são considerados indisciplinados e por quê; identificar se alunos envolvidos nas situações de indisciplina nos diferentes momentos do cotidiano escolar são também os envolvidos nas situações de indisciplina nas aulas de EF; analisar como a escola lida com os alunos considerados indisciplinados; analisar a presença de trabalho (ou proposta de ação) entre educandos, educadores e gestores em referência ao tema.

Foram realizadas observações não-participantes de três aulas de educação física e três aulas de outras duas disciplinas, escolhidas por sorteio, de uma turma de 9º ano de ensino fundamental de seis escolas estaduais da cidade de Indaiatuba/SP. Também foram realizadas entrevistas com os professores das aulas observadas e com membro da equipe gestora, bem como a análise documental dos registros de ocorrências de indisciplina em cada uma das escolas. Os dados foram categorizados a partir da análise de conteúdo, organizados e interpretados a partir da triangulação dos dados na busca de responder às questões levantadas. Com relação ao entendimento que os docentes possuem sobre indisciplina escolar, chegamos ao resultado que os professores não possuem um conhecimento amplo sobre todas as vertentes desse fenômeno, variando em suas respostas. Com relação à forma que os docentes lidam com a indisciplina escolar, obtivemos alguns exemplos negativos e outros positivos. Tivemos como resultado principal que os alunos se comportam de maneira indisciplinada nos diferentes momentos observados, principalmente nas atividades que não possuem atrativo aos mesmos. Enquanto, aulas diferenciadas com práticas inovadoras e um bom planejamento por parte do professor diminuem os casos de indisciplina. O ponto crucial não é o componente curricular e sim os conteúdos trabalhados, o planejamento e a metodologia empregada nas aulas. Constatamos também que a indisciplina escolar ainda é um tabu em muitas instituições. O tema não tem a atenção necessária, não há uma formação e programas específicos preventivos, bem como não há uma participação conjunta de alunos, docentes e toda a comunidade escolar em relação ao tema. Devemos salientar a importância dessa discussão e um debate rico sobre a indisciplina escolar em todas as escolas para que haja uma compreensão por parte de todos os protagonistas dessa instituição; para que o tema seja abordado, estudado, refletido para que possa haver alternativas para esse entrave pedagógico que tanto limita na busca de uma educação de maior qualidade. Assim como é necessária a inclusão do tema nos cursos de formação de professores, bem como os processos de formação continuada em relação ao assunto.

Palavras-Chaves: 1. Indisciplina Escolar. 2. Educação Física. 3. Desenvolvimento Moral. 4. Violência Escolar.

ABSTRACT

SCHOOL DAILY ROUTINE AND PHYSICAL EDUCATION: SIMILARITIE, DIFFERENCES AND PEDAGOGICAL IMPLICATIONS CONCERNING INDISCIPLINE

This research had had school indiscipline as a theme and objective to analyze the indiscipline manifestations in different contexts in school daily routine and, among them, the PE classes. The specific goals were: analyze what teachers and school management understand as school indiscipline and how they deal with it; analyze the perceptions of the different teachers of which students are considerate undisciplined and why; indentify if the students involved in indiscipline situations are also undisciplined in PE classes; analyze how the school deal with students considerate undisciplined; analyze the presence of a action proposition towards indiscipline situations among students, faculty and management. Non interactive observations of three physical education classes and three of other sorted disciplines were done, in a 9th grade group in six state schools of Indaiatuba, São Paulo. Were also realized: interviews with the teachers whose classes were observed and member of the management staff; and analysis of the indiscipline record of each group, on each of the schools. The data was categorized by content, organized and understood by the triangulation of those sources in other to answer the questions made. Analyzing the interviews about indiscipline, varying their answers, teachers had shown very little knowledge of this phenomenon and all its aspects. About the way teachers deal with the school indiscipline, we have got positive and negative examples. The most important result was that the students have undisciplined behavior in many situations, but mainly whenever the activities are not attractive to them. Meanwhile, different classes, with innovative practice and well-planned by the teacher decrease the cases of indiscipline. The differential is not the subject taught, but the content, the planning and methodology administrated in class. WE have also learned that the indiscipline is still a taboo in many institutions. The topic does not have the deserved attention, there is not proper training, neither specific preventable programs; the students, teachers and school community does not contributed to a discussion of the subject. We must stress the importance of having and rich discussion about school indiscipline subject in every school in order to have comprehension of all the protagonists of each institution; the subject must be addressed, studied, considered so we may find alternatives to this pedagogical obstacle that limits a higher education standard. It is also necessary the inclusion of the theme Indiscipline in graduation courses that prepares teacher and other training programs.

Key words: 1. School Indiscipline. 2. Physical Education. 3. Moral development. 4. School Violence.

LISTA DE QUADROS

1. QUADRO I - QUADRO DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS ACOMPANHADAS--65
2. QUADRO II - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola A – 9º Ano 01-----68
3. QUADRO III - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola B – 9º Ano 02-----75
4. QUADRO IV - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola C – 9º Ano 03-----81
5. QUADRO V - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola D – 9º Ano 04-----87
6. QUADRO VI - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola E – 9º Ano 05-----94
7. QUADRO VII - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola F – 9º Ano 06-----101
8. QUADRO VIII – QUADRO DE REGISTRO
DE OCORRÊNCIAS DE INDISCIPLINA POR ESCOLAS-----109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	13
Objetivos-----	18
1. PRIMEIRO CAPÍTULO: INDISCIPLINA, VIOLÊNCIA E VALORES NAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS-----	20
1.1. Autoridade e Poder-----	20
1.2. Moral: Anomia, Heteronomia e Autonomia-----	26
1.3. Violência / Indisciplina-----	34
1.4. Disciplina / Indisciplina-----	36
2. SEGUNDO CAPÍTULO: METODOLOGIA-----	53
2.1. Levantamento de informações - Procedimento-----	55
2.2. Roteiro – Entrevista com os Professores-----	57
2.3. Roteiro – Entrevista com a Direção Escolar -----	57
2.4. Organização e Análise de Dados-----	58
2.5. Caracterização das Escolas-----	60
2.5.1. Escola A – Caracterização da Escola-----	60
2.5.2. Escola B – Caracterização da Escola-----	61
2.5.3. Escola C – Caracterização da Escola-----	62
2.5.4. Escola D – Caracterização da Escola-----	63
2.5.5. Escola E – Caracterização da Escola-----	63
2.5.6. Escola F – Caracterização da Escola-----	64
3. TERCEIRO CAPÍTULO: RESULTADOS E REFLEXÕES-----	66
3.1. Escola A-----	66
3.1.1. Descrição das situações de indisciplina (caso a caso) -----	69
3.2. Escola B-----	73
3.2.1. Descrição das situações de indisciplina (caso a caso) -----	76
3.3. Escola C-----	79
3.3.1. Descrição das situações de indisciplina (caso a caso) -----	82
3.4. Escola D-----	85

3.4.1. Descrição das situações de indisciplina (caso a caso) -----	88
3.5. Escola E-----	92
3.5.1. Descrição das situações de indisciplina (caso a caso) -----	95
3.6. Escola F-----	98
3.6.1. Descrição das situações de indisciplina (caso a caso) -----	102
3.7. Análise Geral-----	105
3.7.1. Visão dos professores e gestores sobre a indisciplina escolar-----	118
3.7.2. Possíveis causas para a indisciplina escolar-----	128
3.7.3. Formas de lidar com a indisciplina escolar-----	132
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	161
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	165

INTRODUÇÃO

Não há planejamento maior que todos os nossos sonhos, realizações, vivências, experiências, desejos, sentimentos, inquietações, frustrações, emoções, nossa própria vida e a maneira de se viver. Felizmente passamos por fatos inesperados e momentos que nos despertam para situações imprevistas, improváveis e nos levam a caminhos que nunca imaginávamos.

Enfrentamos diversas situações em todos os momentos da nossa vida que podem passar despercebidas ou nos marcamos fortemente e desencadeiam momentos de reflexão, interesse e nos mudam fortemente da nossa rota segura, do nosso caminho traçado e nos movem em busca de propósitos maiores e mais desafiadores, afinal são esses momentos que nos fazem continuar caminhando, são momentos que nos levam a diminuir a velocidade estarrecedora que vivemos e parar para refletir, pensar e sentir:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24).

Um fato desse ocorreu na minha vida e mudou drasticamente o que planejava e pensava em fazer no futuro traçando novos desafios e oportunidades que me levaram e me levarão a lugares inimagináveis.

Entre meados de 2008 e início de 2011, quando eu era inspetor de alunos de uma escola estadual e tinha como dever profissional acompanhar os alunos e encaminhar alguns casos de indisciplina à direção escolar, seja por atos observados por mim, seja por atos repassados por outros profissionais, eu tive um contato com a indisciplina escolar que me instigou a pesquisar e conhecer um pouco mais sobre o tema.

No ano de 2009, iniciei uma conversa com a Professora Dr^a. Elaine Prodócimo para que a mesma orientasse minha pesquisa sobre a indisciplina escolar, que acabou culminando no meu Trabalho de Conclusão de Curso (2011): Indisciplina na escola: alunos considerados indisciplinados nas aulas de educação física, também são considerados indisciplinados no cotidiano escolar? (Um estudo de caso). Sendo a minha primeira produção realizada como uma pesquisa acadêmica.

Além dos fatos acima, eu cursava educação física na FEF - UNICAMP, e por meio de um curso marcante: **EL 511 – Psicologia e Educação (2010)** ministrado pela Professora Dra. Luciene Regina Paulino Tognetta na Faculdade de Educação – UNICAMP, eu tive um outro contato com o fenômeno da indisciplina e da violência escolar, além de contatos com teóricos da temática.

Esses fatos acima contribuíram igualmente para suscitar a vontade de entender um pouco mais sobre a indisciplina escolar, além de analisá-la em diferentes contextos e momentos dos cotidianos escolares, portanto foram aspectos decisivos que nos levaram a dar prosseguimento com os estudos sobre a temática.

Dessa forma, essa dissertação é uma continuidade dos estudos iniciados na graduação, aprofundando mais o tema e trabalhando de maneira um pouco diferenciada em relação ao trabalho anterior.

A indisciplina escolar é um fenômeno existente nas escolas que cria enormes dificuldades para docentes e alunos. Os professores reclamam da falta de respeito dos alunos e de sua dificuldade em lidar com o tema, que prejudica as relações interpessoais e o processo de ensino-aprendizagem, como apontado por Zechi (2014, p. 12):

No contexto escolar, são constantes as queixas de educadores sobre comportamentos considerados como violência, indisciplina e falta de respeito dos alunos. Essas inúmeras queixas remetem ao problema de como lidar com esses episódios e apontam para uma necessidade de se buscar estratégias que possam melhorar a qualidade das relações interpessoais estabelecidas nas escolas e o processo de ensino-aprendizagem.

A indisciplina escolar é um tema de alta relevância, que merece pesquisas, pois pode criar uma convivência difícil, alterando significativamente a relação professor – alunos, dificultando a interação entre os próprios professores, entre os gestores e entre esses dois segmentos, e mesmo entre os alunos, além de contribuir, entre outros fatores, para uma precarização do ambiente escolar dificultando a prática pedagógica, com professores com dificuldades em exercer a sua profissão dignamente.

Isso causa um alto grau de incidência de transtornos psicológicos nos docentes, como a Síndrome de Burnout², ansiedade, estresse, dentre outros, causados por pressões e expectativas em torno desses profissionais, e que podem acarretar em afastamentos, licenças,

² O termo burnout é definido, segundo um jargão inglês, como aquilo que deixou de funcionar por absoluta falta de energia. Metaforicamente é aquilo, ou aquele, que chegou ao seu limite, com grande prejuízo em seu desempenho físico ou mental. (TRIGO; TENG; HALLAK, 2007, p. 225)

abandono da profissão, precarização do ambiente de trabalho e adoecimento mental, como constatamos em Souza e Leite (2011, p. 1116):

Entre os profissionais mais sensíveis à síndrome, é o professor a categoria mais estudada e mais suscetível à síndrome de burnout. Movida pelas crenças nas possibilidades de transformação pela educação, ela seria mais vulnerável ao desenvolvimento da síndrome de burnout, pois haveria um descompasso entre as expectativas profissionais e a impossibilidade de alcançá-las. Da mesma forma, as perspectivas sociais, familiares e dos dirigentes do sistema educacional para que os professores tenham um desempenho que seja capaz de superar as diversidades culturais e sociais, sem lhes dar condições para atingi-lo, contribuem para gerar ansiedade, estresse e acabam por levar ao burnout.

A indisciplina vem sendo tratada como um dos maiores problemas na escola. Diversos autores têm estudado o tema (Garcia, Aquino, Vinha, Tognetta, La Taille) e trazemos como exemplo a introdução de uma entrevista com um desses pesquisadores:

[...] Joe, que é Doutor em Educação pela PUC/SP, também tem percebido que é comum a confusão entre violência e indisciplina. **“A violência assusta mais, mas o grande ponto da escola, hoje, é a questão pedagógica da indisciplina.”** Para o educador, a indisciplina pode ser pensada como algo relacionado ao desenvolvimento sociomoral da criança e do adolescente. [...] Joe aponta que a indisciplina causa um desgaste cotidiano dos professores, particularmente com uma parcela de 5 a 15% dos alunos. **“É uma parte pequena da sala de aula que dá trabalho aos professores. Chamamos de uma faixa de alunos instáveis, imprevisíveis.”** [...] (OLIVA; GARCIA, 2010, Grifo Nosso).

Notamos como a indisciplina escolar é algo recorrente no cenário educacional e como esse fenômeno é um dos maiores entraves pedagógicos das escolas afetando de maneira significativa as práticas escolares e o ambiente educacional que acaba refletindo na qualidade de ensino e aprendizagem em nossas escolas. Outro fator presente nas escolas citado acima é a violência e suas relações com a indisciplina escolar, tema que trataremos posteriormente.

Merece destaque o fato do fenômeno da indisciplina escolar, apesar de ser um dos maiores obstáculos no ambiente educacional: **“Os relatos dos professores testemunham que a questão disciplinar é, atualmente, uma das dificuldades fundamentais quanto ao trabalho escolar [...]”** (AQUINO, 1996, p. 40), ainda é um tabu em muitas escolas, que evitam discussões sobre essa questão entre os educandos e os educadores, como percebemos em estudo de Lourencetti e Palma (2011, p. 749) sobre o conhecimento dos alunos dos primeiros anos do ensino fundamental do município de Ibiporã/PR sobre indisciplina:

Ainda, ao verificar a ocorrência de tal desentendimento do termo Indisciplina pode nos revelar uma falta de discussão no contexto escolar sobre o assunto, o que não favorecerá nossos educandos no processo de construção da moral, para chegar a ter

atitudes autônomas como tanto é expresso nos projetos políticos pedagógicos das escolas.

A temática da indisciplina está nestas últimas décadas sendo bastante discutida e refletida, mas ainda falta muito, principalmente em relação a formação dos professores e sua formação continuada.

No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) chegamos à conclusão de que alunos considerados indisciplinados nas aulas de Educação Física (EF) também são considerados indisciplinados nos demais cotidianos escolares, entretanto notamos que não há uma única causa que possa ser generalizada para a indisciplina a todos os momentos, o problema está mais nas atividades em si e no significado que as mesmas possuem para os alunos e na forma como são propostas, haja vista a semelhança das aulas e das atividades que observamos no TCC, havendo até um excesso de aulas teóricas de EF (MOURA, 2011).

Este estudo amplia a pesquisa realizada no TCC trazendo informações sobre outras escolas e outras turmas.

Pelo fato do fenômeno da indisciplina escolar ser algo recorrente nas escolas, muitos educadores procuram a melhor forma de se relacionar com a mesma:

Há muito a indisciplina deixou de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras, tendo se tornado um dos maiores obstáculos pedagógicos nos dias atuais. Assim, a maioria dos educadores busca a forma apropriada de atender e/ou administrar o ato indisciplinado. Compreender ou reprimir? Encaminhar ou Ignorar? (AQUINO, 1996, Capa).

A indisciplina é uma reclamação constante de muitos professores. Nos contextos escolares é um tema que os educadores precisam conviver, conforme cita Garcia, (2006, p 123):

Nas escolas, diante das expressões de indisciplina, padecem os educadores, sem talvez um projeto de ação alternativo, e ainda por conquistar uma formação mais adequada e que lhes proporcione melhores recursos para enfrentar os tantos desafios que encontram no ambiente educacional. No ambiente escolar, as indisciplinas, particularmente nas últimas décadas, teriam se tornado expressões usuais, rupturas com as quais os professores precisam conviver em sala de aula.

Portanto, a discussão sobre a questão da indisciplina escolar é algo crucial nas escolas brasileiras que deve ser levada em conta para uma educação de maior qualidade. Mas, qual o motivo de querermos entender a indisciplina escolar em diferentes aulas? Em nossa experiência profissional constatamos, por diversas vezes, comentários conflitantes de professores sobre a indisciplina escolar, as situações e até os alunos ditos indisciplinados. Por vezes, observamos que o que é indisciplina para um professor não é para outro e que alunos que eram considerados indisciplinados nas aulas de matemática, por exemplo, não eram

considerados indisciplinados nas aulas de EF. Assim sendo, surgiu a intenção de analisar se há mesmo e o porquê dessas diferenças, ou seja, o que é indisciplina para os professores? Como eles lidam com esse tema? Quais os motivos dos mesmos alunos serem considerados indisciplinados em uma atividade e em outra não? Realmente há essa diferença entre distintos contextos escolares? Essas são algumas questões que nos instigaram a investigar e conhecer mais sobre o fenômeno da indisciplina escolar em diferentes momentos e contextos escolares.

Segundo Carvalho (1996) a indisciplina, depende bastante do contexto social onde é analisada. O contexto da aula de EF é diferenciado das demais aulas de outras disciplinas e de outros cotidianos escolares, pois trabalha com o movimento por meio de jogos, danças, lutas, esportes e ginástica, sendo assim é notável que sejam aulas mais dinâmicas, em que não é possível, ou desejável, manter uma posição estática por muito tempo. O deslocar-se que, em aulas de outras matérias dentro de sala, muitas vezes, é tido como indisciplina, nas aulas de EF é esperado que se faça.

Devemos considerar essas diferenças entre as aulas de EF e de outras matérias e como a indisciplina pode se manifestar de maneira diferente nos diferentes contextos. É conhecido que há casos comuns em todos os ambientes escolares, entretanto há situações específicas que podem ser observadas dentro da sala de aula e outras distintas nos demais espaços escolares, como o pátio e a quadra, por exemplo, além da própria dinâmica diferenciada entre as aulas, como relatado:

Os professores de Educação Física deparam-se com duas situações distintas de manejo de turma: a sala de aula e a quadra ou outro ambiente externo de aula. Na sala de aula, geralmente, acontecem as aulas teóricas de Educação Física como ocorrem nas demais disciplinas da escola. Já as aulas práticas costumam acontecer em um ambiente externo, como um campo ou uma quadra poliesportiva. Assim, a dinâmica das aulas de Educação Física mostra-se diferenciada na escola, seja em sala ou quadra de aula, justamente por envolver atividades ligadas aos conteúdos das manifestações da cultura corporal, as quais fazem com que haja o contato físico entre os estudantes e se maximizem conflitos e as questões ligadas às atitudes e valores. O comportamento do estudante pode ser distinto nesses ambientes, bem como os métodos de manejo de turma utilizados pelos professores. (SANT'ANA, 2012, p. 60)

Nas aulas de EF podem ocorrer todos os casos de indisciplina escolar vistos nas outras matérias, até porque as aulas de EF também ocorrem nas salas de aula, além de pátio, quadra, salas de vídeo, entre outros espaços, assim como casos específicos de indisciplina, por conta da liberdade de movimento e espaço, próprios desse componente curricular.

Diante do exposto, as questões levantadas no presente estudo são: Quais características de indisciplina são encontradas pelos professores? O que os professores e a

direção escolar entendem por indisciplina? Quais alunos são considerados indisciplinados e por quê? Os alunos considerados indisciplinados na escola os são nos diferentes contextos da rotina escolar? Como se comportam nas aulas de EF em que o movimento é permitido e os alunos sentem-se “mais livres” em comparação com as outras aulas? Como são tratados esses alunos pela instituição escolar? Como os professores e a direção escolar trabalham com a indisciplina? Há alguma discussão entre educandos, educadores e gestores sobre os projetos da escola, bem como sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) em referência ao tema? Há alguma discussão entre educandos, educadores e gestores sobre a indisciplina escolar e sobre as normas e regimentos escolares? Quais características das aulas influenciam na manifestação de indisciplina?

Objetivos

A presente pesquisa teve como objetivo geral:

- Analisar as manifestações de indisciplina em diferentes momentos do cotidiano escolar entre eles, as aulas de EF.

Os objetivos específicos foram:

- Analisar o entendimento de professores e direção da escola sobre indisciplina escolar e a forma como lidam com ela.
- Analisar a percepção de diferentes professores sobre quais alunos são considerados indisciplinados e porquê.
- Identificar se alunos envolvidos nas situações de indisciplina nos diferentes momentos do cotidiano escolar são também os envolvidos nas situações de indisciplina nas aulas de EF.
- Analisar como a escola lida com os alunos considerados indisciplinados.
- Analisar a presença de trabalho (ou proposta de ação) entre educandos, educadores e gestores em referência ao tema.

Por ser um tema muito presente em todas as escolas, consideramos de primordial importância aprofundar os conhecimentos, para aperfeiçoamento dos programas didático-pedagógicos, algo que deve ser considerado e estudado como um desafio crescente que deve ser enfrentado.

Temos que a questão da indisciplina escolar hoje em dia nos traz muitas dúvidas: os professores por vezes não entendem o que é; como lidar; o que fazer; falta uma formação mais adequada para lidar com esse fenômeno; tentam punir, encaminhar, compreender, reprimir; todos esses aspectos, e diversos outros, foram considerados nesse estudo. Também foi analisada a questão da indisciplina escolar nas aulas de EF e nos demais momentos do cotidiano escolar. Outro ponto investigado foi como os professores e a direção escolar tentam evitar ou solucionar a questão.

Estudos sobre o tema da indisciplina escolar são altamente importante pois trata-se de algo que altera significativamente o clima escolar, prejudicando sensivelmente as relações escolares e impactando negativamente no propósito educacional e de formação cidadã das escolas.

Pretendemos que esse estudo auxilie os educadores e gestores, bem como nas políticas públicas, para uma intervenção preventiva nas escolas para que possamos melhorar as relações entre todos os envolvidos na comunidade escolar para que os confrontos e a indisciplina sejam resolvidos de forma benéfica a todos e contribuam positivamente para a formação.

O tema da pesquisa é importante, e conseqüentemente essas relevâncias e implicações pedagógicas que a indisciplina escolar gera são os principais fatores que contribuíram para a escolha do assunto.

PRIMEIRO CAPÍTULO: INDISCIPLINA, VIOLÊNCIA E VALORES NAS INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS

Nesse capítulo, abordamos alguns dos principais conceitos sobre disciplina e indisciplina, autoridade, poder, moral; temas que nos estudos relacionam-se e possuem estreito entrelaçamento nas situações ocorridas nas escolas, além de serem frequentemente utilizadas para descrever e explicar fenômenos de indisciplina nas instituições educativas.

Autoridade e Poder

Muito se fala hoje em dia sobre a indisciplina, mas afinal o que seria esse “monstro pedagógico” que muitos educadores se referem como um dos, senão o principal, problema existente nas escolas brasileiras? Para Ens et al (2014, p. 518):

Nas representações dos professores sobre evasão da profissão, foi possível identificar um discurso permeado de queixas, tais como: a profissão é muito desvalorizada, os salários não são condizentes, a indisciplina dos alunos interfere no trabalho. [...] Tais questões são apontadas nas pesquisas como um dos motivos da diminuição da procura pela docência na Educação Básica e a grande evasão dos cursos de licenciatura, a não atratividade pela docência.

Antes de apresentarmos alguns conceitos sobre indisciplina procuramos nos ater brevemente a outras expressões comumente utilizadas e relacionadas com ela. Não cabe aqui uma discussão exaustiva sobre esses termos, mas sim explicitarmos os significados que adotamos no presente estudo.

Em primeiro lugar procuramos discutir autoridade e poder, quais seus conceitos mais recorrentes e como utilizamos nessa pesquisa. No senso comum, por vezes, as pessoas confundem o poder e a autoridade como sendo simplesmente aqueles exercidos por governos, instituições, como a policial ou outras pessoas e organizações que ocupam posições de destaque. Entretanto será que é apenas isso? Será que há semelhanças ou diferenças entre poder e autoridade? O que seria autoridade e o que seria poder?

As expressões autoridade e poder são confundidas entre si por diversas vezes, elas possuem algumas relações, mas não são sinônimas. Sobre essa confusão, Arendt (2010) se manifesta, unindo ainda, às duas palavras anteriores, o vigor, a força e a violência:

Penso ser um triste reflexo do atual estado da ciência política que nossa terminologia não distinga entre palavras-chave tais como “poder”, “vigor”, “força”, “autoridade” e, por fim, violência - as quais se referem a fenômenos distintos e diferentes, e que dificilmente existiriam se assim não fosse [...] Poder, vigor, força, autoridade e violência seriam simples palavras para indicar os meios em função dos quais o homem domina o homem; são tomados por sinônimos porque têm a mesma função. Somente quando os assuntos públicos deixam de ser reduzidos à questão do domínio é que as informações originais no âmbito dos assuntos humanos aparecem, ou, antes, reaparecem, em sua autêntica diversidade. (ARENDRT 2010, p. 59-60).

Na conceituação de autoridade Durozoi e Roussel, no Dicionário de Filosofia (1993, p. 46) expõem:

Em psicologia social, a noção designa a ascendência moral e o poder de irradiação daquele que se impõe aos outros sem coerção. No limite, a autoridade compreendida desse modo confunde-se com o poder carismático. Quando a autoridade baseada no prestígio de um homem se exerce no domínio do saber, ocorre então um entrincheiramento atrás do argumento de autoridade, que consiste em estabelecer uma asserção ou em fundar uma doutrina sem prova racional. No campo político, trata-se do poder - institucionalizado ou não - de comandar [...]

Vimos que até no conceito da obra acima o termo pode confundir-se com o “poder carismático” ou o “poder de comandar”. Ainda sobre a autoridade, analisamos o que retrata o dicionário Michaelis (2001, p. 99):

...1 - Direito ou poder de mandar. 2 - Poder político ou administrativo. 3 - Representante do poder público. 4 - Capacidade, poder. 5 - Pessoa que tem grande conhecimento em determinado assunto. 6 - Influência que uma pessoa tem sobre as outras.

Novamente, o termo autoridade aparece como “poder político ou administrativo”, dentre outros conceitos ligados diretamente ao poder, o que influencia e as vezes determina a compreensão das pessoas.

É interessante a confusão entre autoridade e poder. No II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral: Conflitos na Instituição Educativa: Perigo ou Oportunidade? (2011), o estudioso Joe Garcia numa conferência sobre indisciplina escolar cita: “As pessoas confundem autoridade com poder”. Em decorrência disso: “Os professores querem mais poder, mas sentem mais falta de autoridade”. (Informação Verbal)³.

³ Informação verbal concedida por Joe Garcia no II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral. Conferência: INDISCIPLINA NA ESCOLA: DIFERENTES LEITURAS DE PESQUISA. 04/07/2011.

Portanto, também por ocorrerem diversos equívocos sobre os conceitos de autoridade e poder e por sua relação com o tema da indisciplina é que foi necessária a adoção e delimitação dessas expressões para o presente estudo e para tal adotamos como conceito de autoridade o que reflete Arendt (2010, p. 61-62):

A **autoridade**, relacionada com o mais enganoso desses fenômenos e, portanto, um termo do qual se abusa com frequência, pode ser investida em pessoas - há algo como a autoridade pessoal, por exemplo, na relação entre a criança e seus pais, entre aluno e professor-, ou pode ser investida em cargos como, por exemplo, no Senado romano (**auctoritas in Senatu**) ou em postos hierárquicos da Igreja (um padre pode conceder a absolvição mesmo bêbado). *Sua insígnia é o reconhecimento inquestionável por aqueles a quem se pede que obedeam; nem a coerção nem a persuasão são necessárias.* (Um pai pode perder a autoridade tanto ao bater em seu filho quanto ao discutir com ele, ou seja, tanto se comportando em relação a ele como um tirano quanto o tratando como igual.) *Conservar a autoridade requer respeito pela pessoa ou pelo cargo.* O maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo, e o meio mais seguro para miná-la é a risada. (Negrito - Grifo da Autora, Itálico - Grifo Nosso).

Dessa forma, quando falamos em preservação da autoridade nas escolas, não precisamos usar de castigos, suspensões e advertências, e muito menos os professores se colocarem como iguais aos alunos discutindo com eles. A autoridade requer um reconhecimento e um respeito pelo cargo ou pela pessoa.

A autoridade requer uma nova abordagem para sua compreensão, pois a visão tradicional que uma pessoa que ocupa um determinado cargo hierarquicamente superior é legitimada como autoridade pelos seus subordinados, por exemplo, professor e alunos, está superada, há as formas de autoridade legitimadas pelo respeito e conhecimento que os alunos possuem por determinado docente:

[...] Goergen (2009) considera, por exemplo, que é preciso haver novos fundamentos para a necessária autoridade na relação educativa, posto que a autoridade tradicional não mais se sustenta. Defende uma autoridade proveniente do conhecimento, da competência. A autoridade deve ser decorrente de os alunos sentirem-se respeitados. [...] (RAMOS, 2013, p. 131).

O outro termo aliado ao anterior que, por vezes gera confusão e discussões é “poder”. O que é? Qual a sua função? A respeito desse conceito Durozoi e Roussel, no Dicionário de Filosofia (1993, p. 372) afirmam:

O verbo é sinônimo de ter a possibilidade, o direito ou a permissão. O substantivo tem um sentido mais forte: praticamente sinônimo de **potência**, designa a capacidade de (em particular legal ou moral) de (sic) agir, ou o exercício de uma autoridade (que, quando se evoca um poder pessoal, tende ao arbitrário). Daí, no sentido concreto, a instituição que exerce essa autoridade [...]

Notamos que, mais uma vez, poder, autoridade, e outros termos possuem relações e semelhanças, e são usados para explicarem-se mutuamente, contudo, como vimos, não são conceitos idênticos e possuem significados diversos, tratarmos esses temas com o mesmo significado é cometer um equívoco. Para Arendt (2010, p. 60-61):

O *poder* corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. Quando dizemos que alguém está “no poder”, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome. A partir do momento em que o grupo, do qual se origina o poder desde o começo [...] desaparece, “seu poder” também se esvanece [...] (Grifo da Autora).

Num estudo sobre Hannah Arendt, poder e a crítica da “tradição”, Perissinotto (2004, p. 118), faz uma complementação enfatizando quatro aspectos do poder:

A definição acima enfatiza quatro aspectos: primeiro, o poder é um fenômeno do campo da ação humana; não é, portanto, uma “estrutura”, nem se iguala à posse de determinados recursos; segundo, o poder é um fenômeno do campo da “ação coletiva”; terceiro, o poder surge na medida em que um grupo se forma e desaparece quando ele se desintegra, o que reforça a tese de que o poder está ligado a um momento de fundação; por fim, “estar no poder” significa “estar autorizado” pelo grupo a falar em seu nome.

O poder é um termo que contempla as atividades humanas decorrentes da legitimidade a elas conferidas, portanto, o poder está presente quando há relações sociais mútuas entre as pessoas, dessa forma não há poder, quando não há sociedade, e sem poder não teríamos uma convivência civilizada, extinguindo as formas de civilizações existentes na atualidade.

Aguiar (2011, p. 127) no trabalho “A dimensão constituinte do poder em Hannah Arendt”, sintetiza como essa expressão aparece nas obras da referida autora:

Arendt situa o poder, portanto, no âmbito da significação, do sentido, na esfera da linguagem e, por isso, não o confunde com a força e a violência. A mudez, a insensatez, o automatismo e o controle são características do terror, da tirania e da necessidade natural, ao passo que o poder é permeado pela legitimidade e pela significação. A aposta arendtiana na política é a aposta de que a capacidade de agir e falar podem se inserir na lógica da fundação de espaços para a liberdade e não da morte, pois, conforme a pensadora, “o homem foi feito para começar e não para morrer”.

Para a violência necessitamos de força, da intenção de causar dano, já o poder exige um reconhecimento de alguém ou de um grupo para que o mesmo sobreviva, ou seja, o poder está intrínseco à humanidade e as suas teias existentes. Dessa forma o poder é algo que está presente em todas as relações humanas e só sobrevive quando há convivência de um certo grupo para que alguém o represente.

Não é um mero aparato nas mãos de dominantes contra dominados, mas sim uma característica presente em algum grupo. Então, quando falamos em poder não devemos pensar apenas nas macrorrelações existentes nas instituições e nas próprias sociedades, mas sim trazer esse fenômeno para as microrrelações individuais, como vemos abaixo em Marinho (2008, p. 20) sobre as relações de poder em Foucault:

Dentro da noção de poder em Foucault, nós vimos também a ideia de um poder como uma força que não possui um lugar fixo e não é propriedade de ninguém, não é uma coisa espacial, é somente um elemento dentro das relações entre os indivíduos. Ter consciência disso é indispensável para saber praticar sua liberdade e respeitar a liberdade dos outros. Essa consciência deve modificar nossa estrutura de relações e nossa luta contra as injustiças que se cometem em nome do poder. “O poder é em realidade de relações, um feixe mais ou menos organizado, mais ou menos piramidado, mais ou menos coordenado, de relações” (FOUCAULT, 2001, p. 302) In: (MARINHO, 2008, p. 20).

Guirado (1996, p. 60) sobre as relações de poder e indisciplina, baseado nos conceitos de poder de Foucault, afirma o que adotamos aqui como conceito de poder:

[...] *Poder é exercício regional de forças, sempre móveis e mutáveis, do interior das relações que se estabelecem*, e não algo que acontece de cima para baixo, por vigência de lei, de regimento ou de cargo. É tensão constante no dia-a-dia, e não emanações de “grupos no poder”, como ouvimos dizer com frequência. (Grifo Nosso).

Portanto, o poder não é algo que existe só nas mãos de pessoas que dominam, ou dentro de instituições altamente hierarquizadas, o poder está presente nas relações humanas e nas complexas situações dentro das sociedades, o que muda são os arranjos existentes e que moldarão a forma de poder vivente na instituição, no local ou na relação.

Já a autoridade necessita de um determinado reconhecimento e respeito pelas pessoas ou pelos cargos que se tratam de autoridades autênticas e legítimas, ou seja, a autoridade legitima o poder:

Mas qual é exatamente a relação entre “poder” e “autoridade”? Creio que Celso Lafer sintetiza adequadamente a relação entre esses dois conceitos ao dizer que “o princípio (início) da ação conjunta estabelece os princípios (preceitos) que inspiram os feitos e acontecimentos da ação futura” (2002: 24). Ou seja, o poder enquanto fundação define

as regras do jogo dentro das quais a autoridade será, ao mesmo tempo, reconhecida e exercida. Essa distinção conceitual é muito importante, pois, como nota a própria autora, o poder é um “momento fugaz” (Arendt 1981: 212-13) que, por si só, não garante a durabilidade da comunidade política. Desse modo, é preciso forjar um conceito que se dedique a pensar essa realidade cronologicamente posterior ao poder. Eis aqui o papel do conceito de autoridade: ele descreve a capacidade de mandar sem que o mandante tenha que coagir o subordinado ou persuadi-lo a cada nova ordem dada. A autoridade é reconhecida imediatamente por todos que, em função desse reconhecimento, atribuem respeito aos seus portadores e os obedecem. A origem desse respeito encontra-se no ato fundacional, isto é, no poder. Portanto, é preciso discordar de Arendt quando, em outro texto, afirma que “o poder e a autoridade diferem tanto quanto o poder e a violência” (1988: 144), pois, parece-me, entre poder e autoridade há claramente uma relação de complementaridade e não de oposição. (PERISSINOTTO, 2004, p. 120-121).

Diferentemente da violência, que exige uma agressão física ou moral que cause danos, como falaremos adiante, a autoridade e o poder possuem relações complementares, que requerem reconhecimento e aceitação do grupo. Portanto, poder para Arendt (2010) é uma relação entre as pessoas, que se influenciam mutuamente, e quando se diz que uma pessoa tem poder, na verdade significa que há um reconhecimento de autoridade naquele indivíduo e que o mesmo está ocupando um cargo que tem prestígio e poder, enquanto há essa legitimidade aceita pelo grupo, portanto, não é uma pessoa que é poderosa e sim os arranjos sociais que validam esse poder nas mãos de alguém.

Conceituamos poder e autoridade, porque por vezes esses termos são confundidos e usados como sinônimos, porém como vemos acima eles são conceitos distintos, mas complementares que merecem atenção específica, entretanto Arendt (2010) mostra que dificilmente encontramos algum deles em sua forma pura, sendo mais um recorte didático da realidade. O que é mais frequente são situações que o poder e a autoridade atuem conjuntamente:

Talvez não seja supérfluo acrescentar que essas distinções, embora de forma nenhuma arbitrárias, dificilmente correspondem a compartimentos estanques no mundo real, do qual, entretanto, são extraídas. Assim, o poder institucionalizado em comunidades organizadas frequentemente aparece sob a forma de autoridade, exigindo reconhecimento instantâneo e inquestionável; nenhuma sociedade poderia funcionar sem isso. [...] Ademais, nada, como veremos, é mais comum do que a combinação de violência e poder, nada é menos frequente do que encontrá-los em sua forma pura e, portanto extrema. Disso não se segue que autoridade, poder e violência sejam o mesmo. (ARENDR, 2010, p. 63).

Autoridade e poder são termos que possuem significados diferentes, embora apareçam constantemente de maneira conjunta, como ocorre nas relações escolares, como autoridades institucionais que possuem um certo poder nas relações.

São essas relações e suas implicações com a autoridade docente e da gestão escolar e o poder que os professores e as equipes gestoras sentem falta que nos fizemos conceituar e identificar cada um desses termos para evitar confusões quando explicitarmos situações ocorridas que permeiam esses termos nesse estudo.

Moral: Anomia, Heteronomia e Autonomia

Outra combinação nos estudos sobre o tema refere-se às relações entre indisciplina e a prática dos bons costumes, os valores que “deixaram de existir”, a “inversão dos mesmos”, entre outros discursos recorrentes entre os protagonistas do cenário educacional. Portanto outro termo que merece destaque é “Moral”.

Durozoi e Roussel, no Dicionário de Filosofia (1993, p. 329-330) expõem como Moral: “Conjunto de regras de conduta próprias a uma época ou a uma cultura, ou consideradas como universalmente válidas [...]”. Ainda sobre esse termo é interessante o que observamos no Dicionário de Filosofia de Abbagnano, (2000, p. 682): “[...] Objeto da Ética, conduta dirigida ou disciplinada por normas [...]”.

Piaget (1932-1994, p. 23) afirma: “[...] Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras [...]”. Em linhas gerais podemos caracterizar moral como:

[...] A *moral* é o conjunto das regras de conduta admitidas em determinada época ou por um grupo de pessoas. Em um primeiro momento dessa discussão, podemos dizer de modo simplificado que o sujeito moral é aquele que age bem ou mal na medida em que acata ou transgride as regras morais. A *ética* ou filosofia moral é a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito das noções e princípios que fundamentam a vida moral. Essa reflexão pode seguir as mais diversas direções, dependendo da concepção de ser humano tomada como ponto de partida. (ARANHA; MARTINS, 2004, p. 301, Grifos dos Autores).

A moral deve considerar a cultura de todos, entretanto não pode se sobrepor a direitos considerados universais. Para vivermos em sociedade numa civilização precisamos de normas comuns, como ressaltado por Menin (1999), que expõe que a moral tem que indicar como bom e certo o que possa ser desejável para o maior número de indivíduos possível, ou seja, um dever de todos que passa a ser universal.

Há regras e princípios não negociáveis, que podem ser discutidos e refletidos, mas que não podemos deixar de levar em conta numa conduta moral, dessa forma, esses princípios estarão presentes quando pensarmos em conceituar moral, ou mesmo nas nossas vivências práticas. Ou seja, “Entende-se então que existem princípios éticos universais, não negociáveis, tais como a justiça, a honestidade, a dignidade, igualdade, entre outros [...]” (ALMEIDA, 2009, p. 28), e a partir deles são elaboradas as normas, que variam de cultura para cultura sem “passar por cima” desses princípios. Trazemos o conceito de Lalande (apud Figueiredo, 2008, p. 6 - 7) sobre o tema:

A moral refere-se quer aos costumes, quer às regras de conduta admitidas numa sociedade determinada. Portanto, um fato moral é aceito para um tipo de sociedade de acordo com a sua tradição ou realidade cultural. A realidade moral, neste sentido, vai se referir ao conjunto desses costumes e dos juízos sobre os costumes que são objeto de observação ou de constatação segundo as regras sócio-culturais.

A moral segue princípios universais, mas suas regras variam ao longo do tempo, de sociedade para sociedade e dentre as culturas assume diversos significados, ou seja, as normas, os regimentos, etc. serão influenciados pelo contexto histórico e cultural que rege os costumes de determinada coletividade de pessoas.

Há assim duas perspectivas para analisarmos a moral, a primeira se refere ao caráter histórico, cultural, social e temporal da mesma e a segunda se refere aos princípios universalmente válidos que devem permear as regras, os regimentos e os combinados existentes em determinadas comunidades.

Assim sendo, não devemos seguir de maneira cega todas as normas e regras que são impostas “de cima para baixo”, bem como não devemos cair num relativismo, em que tudo é permitido e não levamos em conta a necessidade de se considerar o outro numa vida em sociedade:

[...] Se aceitarmos unicamente o caráter social da moral, sucumbimos ao *dogmatismo* e ao *legalismo*. Isto é, ao caracterizar o ato moral como aquele que se adapta à norma estabelecida, privilegiamos os regulamentos, os valores dados e não discutidos. Nessa perspectiva, a educação moral visa apenas inculcar nas pessoas o medo às consequências da não-observância da lei. Por outro lado, se aceitarmos como predominante a interrogação do indivíduo que põe em dúvida a regra, corremos o risco de destruir a moral: quando ela depende exclusivamente da sanção pessoal, recai no *individualismo*, na "tirania da intimidade" e, conseqüentemente, no amoralismo, na ausência de princípios. (ARANHA; MARTINS, 2004, p. 303, Grifos dos Autores).

Ou seja, a moral é dotada de um caráter histórico e social, bem como há a necessidade de relações mútuas que levem em conta princípios e valores. Como vemos abaixo:

À guisa de conclusão, deve-se entender por moral um sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes com a comunidade de forma não coercitiva. De maneira que estas normas são dotadas de um caráter histórico e social e são acatadas de forma livre e por convicção de foro íntimo (VÁZQUEZ apud FIGUEIREDO, 2008, p. 7).

Há um caráter sócio histórico na moral, bem como há a necessidade de se ter um conjunto de parâmetros que sejam democraticamente discutidos, levando em conta a vida em sociedade e a liberdade própria e dos semelhantes para que essa moral seja aplicável em determinada comunidade e época e que seus norteamentos sejam internalizados por todos. Como Aranha e Martins (1993) ressaltam os dois polos, o individual e o social, em que a moral perpassa a herança dos valores, mas é crivada por meio dos indivíduos readquirindo a dimensão essencialmente humana dos valores e princípios.

Assim sendo, a moral não levará em conta apenas o individual correndo o risco de se cair num relativismo em que tudo é válido, bem como não se aceitará apenas o social, desprezando a individualidade de cada pessoa que é influenciada e influencia a moral. Portanto concordamos com o que descrevem Aranha e Martins (2004, p. 304):

O ato moral é complexo na medida em que provoca efeitos não só na pessoa que age, mas naqueles que a cercam e na própria sociedade como um todo. Portanto, para que um ato seja considerado moral, deve ser livre, consciente, intencional, mas também *solidário*. O ato moral supõe a solidariedade e a reciprocidade com aqueles com os quais nos comprometemos. Esse *compromisso* não deve ser entendido como algo superficial e exterior, mas como uma “promessa” pela qual nos vinculamos à comunidade.

Dessas características decorre a exigência da *responsabilidade*. Responsável é aquele que “responde por seus atos”, isto é, a pessoa consciente e livre assume a autoria do seu ato, reconhecendo-o como seu e respondendo pelas consequências dele.

O comportamento moral, por ser consciente, livre e responsável, é também *obrigatório*, cria um *dever*. Mas a natureza da obrigatoriedade não está na exterioridade; é moral justamente porque deriva do próprio sujeito que se impõe a necessidade do cumprimento da norma. Pode parecer paradoxal, mas a obediência à lei livremente escolhida não é prisão; ao contrário, é liberdade. A consciência moral, como juiz interno, avalia a situação, consulta as normas estabelecidas, as interioriza como suas ou não, toma decisões e julga seus próprios atos. O compromisso humano que daí deriva é a obediência à decisão.

O compromisso, no entanto, não exclui a não-obediência, o que determinará justamente o caráter moral ou imoral do nosso ato. [...] (Grifos dos Autores).

Além de adotarmos um conceito de moral para o presente estudo, é necessária uma breve explicação de como moral e respeito se relacionam e como podemos atuar nas escolas e em outros espaços e momentos educativos para o desenvolvimento moral e social de toda a esfera educacional.

É importante sabermos, que como pensamos as relações humanas, como vivenciamos e como propomos vivências significativas sobre os aspectos morais, princípios e valores aos nossos alunos estão impactando fortemente as experiências que os mesmos passam e influenciando o desenvolvimento dos discentes, dos professores e de toda a comunidade escolar, portanto, se faz necessário que essas situações sejam positivas no desenvolvimento da autonomia moral e não a impossibilitem mantendo os sujeitos numa heteronomia moral.

Sobre moral e respeito, suas relações e as formas que podemos atuar para o desenvolvimento da moral, Piaget, (1930/1999, p. 5) cita elementos que nos ajudam a entender esses princípios:

São esses dois tipos de respeito que nos parecem explicar a existência de duas morais cuja oposição se observa sem cessar nas crianças. De modo geral, pode-se afirmar que o respeito unilateral, fazendo par com a relação de coação moral, conduz, como Bovet bem notou, a um resultado específico que é o sentimento de dever. Mas o dever primitivo assim resultante da pressão do adulto sobre a criança permanece essencialmente *heterônomo*. Ao contrário, a moral resultante do respeito mútuo e das relações de cooperação pode caracterizar-se por um sentimento diferente, o sentimento do *bem*, mais interior à consciência e, então, o ideal da reciprocidade tende a tornar-se inteiramente *autônomo*. (Grifos do Autor).

Piaget (1930-1999) acaba trazendo duas formas diferentes de moral por meio do respeito unilateral e do respeito mútuo.

Não devemos ter nas escolas apenas relações que priorizem o respeito unilateral, por meio de castigos, punições ou premiações, bem como não devemos ser românticos ao extremo e acreditarmos que todas as relações sejam baseadas em trocas de iguais e respeito mútuo e que não há diferenças nas relações, especialmente entre professores e alunos. É evidente que os professores possuem formação e preparo maior para lidar com as questões morais do que as crianças, mas não devemos achar que são os “donos da verdade”, e que os alunos devem obedecer cegamente a todas as ordens, para não serem castigados, pois assim estaríamos atuando de forma puramente heterônoma.

Há de se considerar essas duas vertentes, pois elas não são excludentes e sim complementares, nas escolas, ora atuaremos com o respeito unilateral, ora com relações que priorizem a troca, a empatia e o respeito mútuo. O problema está que muitos educadores e escolas atuam apenas com regras, castigos e premiações, sem que sejam oferecidas aos alunos atividades que enfatizem o respeito recíproco entre os estudantes, e espaços que os discentes possam refletir e discutir sobre as regras, ou seja, teríamos duas formas de desenvolver a moral nas crianças, como vemos abaixo:

Piaget mostra que a criança nasce na anomia, isto é, há uma ausência total de regras. O bebê não sabe o que deve ou não ser feito, muito menos as regras da sociedade em que vive. Mais tarde, a criança começa a perceber a si mesma e aos outros, percebe também que há coisas que podem ou não ser feitas, ingressando no mundo da moral, das regras, tornando-se heterônoma, submetendo-se àquelas pessoas que detêm o poder. Na heteronomia, a criança já sabe que há coisas certas e erradas, mas são os adultos que as definem, isto é, as regras emanam dos mais velhos. Ela é naturalmente governada pelos outros e considera que o certo é obedecer às ordens das pessoas que são autoridade (os pais, professor ou outro adulto qualquer que respeite). A criança pequena ainda não compreende o sentido das regras, mas as obedece porque respeita a fonte delas (os pais e as pessoas significativas para ela). Além do amor que a leva a querer obedecer às ordens, a criança teme a própria autoridade em si, teme ainda a perda do afeto, da proteção, da confiança das pessoas que a amam. Há também o medo do castigo, da censura e de perder o cuidado. Nessa fase o controle é essencialmente externo. Há, portanto, uma aceitação de regras que são exteriores ao sujeito. O desenvolvimento moral foi bem sucedido quando, com o tempo, esse controle vai se tornando interno, isto é, um autocontrole, uma obediência às normas que não depende mais do olhar dos adultos ou de outras pessoas. É a moral autônoma. (VINHA; TOGNETTA, 2009, p. 528).

Nossos alunos, muitas vezes, chegam às escolas num estado de heteronomia, ou em alguns casos, ainda na fase de anomia. Evidentemente, as instituições educativas não são os únicos espaços de formação cidadã e intelectual, todos os meios em que as crianças vivem influenciam nessa atividade, no entanto, a escola é um local ideal para o desenvolvimento moral, pois é um dos objetivos dessa instituição, bem como, os professores e gestores deveriam possuir o preparo para lidar com essas questões, até porque muitas vezes há falhas nos outros ambientes que os discentes frequentam.

Entretanto, muitas vezes, vemos uma transferência de responsabilidades, na qual, os familiares culpam amigos e parentes pelos comportamentos manifestados pelos filhos, as escolas, por sua vez, transferem a responsabilidade da causa à família, e também para lidar com certos problemas encaminham a outras instâncias, fatos que discutiremos adiante. É essencial que todos os ambientes que as crianças convivem possam trabalhar conjuntamente em busca do desenvolvimento moral das mesmas.

Um dos caminhos para se chegar à autonomia moral passa pelo respeito mútuo. Notamos nas discussões até aqui apresentadas, duas etapas consecutivas para se chegar a moral. Segundo Araújo (1996, p. 104): “Uma das ideias mais difundidas no meio escolar coloca a autonomia como um dos objetivos máximos da educação [...]”, entretanto segundo esse mesmo autor, como citado acima, a educação das crianças passa por uma fase heterônoma, o problema está, ao nosso ver, que as escolas muitas vezes trabalham apenas com esse tipo de moral. Não é possível descartar o respeito unilateral e nem o respeito mútuo, em outras palavras, eles não são excludentes e sim complementares, sobre isso, Macedo (1999, p. 192) cita:

Atentemos para o que já foi dito: respeito unilateral e mútuo expressam duas formas de organização das relações entre pessoas; qualificam duas estruturas e duas funções complementares de interdependência. Não é porque se critica o respeito unilateral sem sentido, ainda que tendo uma função estruturante no sistema que devamos julgar ser possível prescindir desse tipo de respeito. Crianças pequenas dependem de seus pais e professores. Não têm nível cognitivo nem condição sócio-afetiva para tomar certas decisões, as quais supõem uma estrutura ou compreensão do nível superior. Em outras palavras, não se trata de substituir o respeito unilateral pelo mútuo; não se trata de reduzir tudo a um contexto de trocas entre iguais, como se não houvesse diferenças entre crianças e adultos. Nesses termos, o respeito unilateral é tão importante quanto o respeito mútuo [...].

Há duas formas de respeito, o unilateral e o mútuo, que estão relacionadas respectivamente com as fases de desenvolvimento da moral heterônoma e autônoma, portanto, por ambas as formas de respeito existentes nas escolas serem importantes e complementares, temos também que todos os estágios de desenvolvimento moral (anomia, heteronomia e autonomia) possuem sua significância e são complementares na evolução dos indivíduos, principalmente em ambiente e âmbitos educacionais.

Antes de entrarmos propriamente nos conceitos de disciplina/indisciplina devemos nos ater brevemente às palavras anomia, heteronomia e autonomia para uma melhor compreensão das mesmas e suas relações com a moral. Sobre esses conceitos, Araújo, (1996, p. 104) retrata o seu significado etimológico:

O sufixo *nomia*, comum aos três termos, vem do grego *nomos*, e significa regras. Assim, quando se fala de *a-nomia*, pela presença do prefixo *a*, refere-se a um estado de ausência de regras, característico, por exemplo, do recém-nascido, que não concebe as regras da sociedade e não sabe o que deve ou não ser feito. O prefixo *hetero* significa vários, e isso leva à compreensão da *hetero-nomia* como um estado em que a criança já percebe a existência das regras, mas sua fonte (de onde emana) é variada; ela sabe que existem coisas que devem ou não ser feitas, e quem as determina são os outros. Finalmente tem-se a *auto-nomia*, e significa que o sujeito sabe que existem regras para se viver em sociedade, mas a fonte dessas regras está nele próprio, como sugere o prefixo *auto*.

Menin (1999) pautada nos conceitos de Piaget afirma que a heteronomia se traduz na governança por outros, ou seja, há um controle externo que quando não está presente por meio de ameaças e punições, ficamos desgovernados e deixamos de seguir certas regras de civilidade, agindo sempre em interesse próprio. No entanto, quando seguimos as regras por vontade própria, independentemente das punições ou premiações e sim por valores internalizados, estamos sendo autônomos.

Entretanto Araújo (1996), baseado nos estudos de Piaget, mostra que quando se tem apenas a visão etimológica desses termos, algumas vezes se esquece do sufixo *nomia*, e acaba-se enxergando a autonomia como se o aluno fizesse o que é certo segundo suas próprias ideias,

não considerando a vida em sociedade. O autor faz uma análise dos referidos termos sob a ótica das teorias da moralidade, são esses conceitos apresentados abaixo sobre anomia, heteronomia e autonomia que adotamos para o presente estudo:

Tentando clarear esses conceitos, numa perspectiva psicológica, o sujeito que age autonomamente é aquele em que a fonte das regras está em si próprio, em sua capacidade racional de discernir entre o certo e o errado. O que o diferencia do sujeito da anomia, que também age de acordo com o que considera certo, é que enquanto a ação do segundo tem por princípio seus interesses pessoais, desconsiderando as regras sociais, o primeiro age racionalmente levando sempre os outros e seus direitos em consideração, baseando suas ações em princípios de universalidade e justiça. Entre essas duas concepções fica o sujeito da heteronomia, que age de acordo com os outros. A fonte das regras é externa a ele, e quem sabe o que é certo ou errado, por exemplo, são os pais, os professores, Deus etc. (ARAÚJO, 1996, p. 106, Grifo Nosso).

Nas escolas lidamos com alunos, professores, funcionários, pais e toda a comunidade escolar em todos esses estágios (anomia, heteronomia e autonomia), até porque são poucas pessoas que conseguem desenvolver satisfatoriamente a autonomia moral, mesmo professores, responsáveis por desenvolver essa característica nos alunos, muitas vezes, tiveram uma formação puramente de conteúdos e não se desenvolveu a formação cidadã.

É essencial que saibamos lidar com esses aspectos da formação moral, pois se não conhecemos tais características, não conseguiremos atuar com a formação de nossos alunos realizando também um trabalho conjunto com toda a comunidade escolar.

Araújo (1996) mostra que a autonomia não é simplesmente transmitida num “passe de mágica”. É sim uma construção, primeiro o sujeito passa pela anomia, em seguida heteronomia para finalmente atingir a autonomia esperada, entretanto segundo esse autor essa passagem existe como possibilidade e poucas pessoas atingem a autonomia moral, para isso seria necessária uma integração entre ação e juízo moral, sobre isso:

Em resumo, a integração entre ação e juízo moral será possível, para Piaget, quando o sujeito se sentir obrigado racionalmente, por uma necessidade interna, a agir moralmente, de acordo com princípios universais de justiça e igualdade. Esse nível de desenvolvimento ideal da autonomia moral dificilmente poderá ser alcançado por sujeitos que vivam constantemente em ambientes de coação e respeito unilateral, uma vez que esse tipo de relação é irreduzível à moral do bem. Somente poderão construí-la lentamente (como possibilidade) os indivíduos que tenham oportunidade de estabelecer relações interindividuais com base na cooperação, na reciprocidade e no respeito mútuo. (ARAÚJO, 1996, p. 110).

Em um lugar onde só há espaço para a coação, a ameaça e a chantagem, as regras serão respeitadas pelo medo da punição, e quando a vigilância e conseqüentemente o castigo

não estiverem presentes há tendência para o descumprimento dos regulamentos, essas características são típicas de um ambiente coercitivo (OLIVEIRA, 2015).

A construção de valores e da autonomia moral se dará em ambientes que sejam cooperativos baseados na reciprocidade e no respeito mútuo, como notamos em Oliveira (2015, p. 118):

Em uma atmosfera sociomoral cooperativa, os princípios de dignidade são vivenciados e refletidos continuamente, como a justiça, o respeito mútuo, o diálogo e a igualdade, por exemplo. Ambiente este que deve favorecer as relações de cooperação, uma vez que, segundo Piaget (1965-1973), a cooperação é de suma importância para o desenvolvimento das estruturas lógicas, das noções de justiça e do sentimento de solidariedade. Dessa forma, o adulto minimiza seu autoritarismo, não utiliza sanções expiatórias ou recompensas, permite ao aluno expressar seus sentimentos e resolver seus conflitos por meio do diálogo, cria espaços de construção, discussão e revalidação das regras, estimula a ação do sujeito sobre o objeto do conhecimento, oportunizando reflexões sobre as situações-problema. Concebe, então, o conhecimento como algo a ser investigado, descoberto ou reinventado, e não transmitido. Além disso, emprega uma linguagem construtiva. Vale ressaltar que, em geral, as classes não podem ser classificadas como um ou outro: tendem a ser mais cooperativas ou mais coercitivas (VINHA; MANTOVANI DE ASSIS, 2007) In: (OLIVEIRA, 2015, p. 118).

A formação de cidadãos autônomos, comprometidos, solidários e responsáveis será possível em ambientes empáticos que levem em conta a necessidade de todos e que as relações sejam vivenciadas de modo que, ao se pensar nos direitos, os outros sejam levados em conta, assim haverá a transformação da anomia para heteronomia e por fim desenvolvendo a autonomia moral baseada em valores internalizados.

Mas sabemos que nenhuma pessoa é o todo tempo autônoma ou heterônoma, são estágios do desenvolvimento moral que permeiam as características de todas as pessoas, sendo que alguns manifestam-se mais pautados na heteronomia e outros na autonomia, entretanto há de considerar que as situações e conseqüentemente os valores possuem graus de prioridade diferentes entre as distintas pessoas, e assim uma pessoa teoricamente autônoma, poderia agir de forma heterônoma, caso o momento envolvesse algum risco a outro valor internalizado que possui maior significância:

Para explicitar melhor tal prevalência, voltemos ao tema do ‘conflito’, deixado em suspenso mais acima. Perguntávamos sobre a frequência do sentimento de obrigatoriedade em cada indivíduo e assumíamos que, para alguns, e em determinadas situações, tal sentimento sofre um ‘eclipse’: a pessoa age de forma contraditória com os deveres que, em outras situações, inspiram suas ações. Admitindo que esse fenômeno ocorre, ele pode ser explicado pela hierarquia de valores associados às representações de si. Para descrever essa hierarquia, Colby e Damon (1993)

empregam metáforas espaciais: ‘valores periféricos’ e ‘valores centrais’⁴. Os valores periféricos são aqueles que, embora associados às representações de si, têm força menor e, portanto, menos intensidade motivacional do que outros, justamente aqueles chamados de valores centrais. [...] Tal forma de pensar permite evitar a classificação binária das pessoas entre morais e imorais. Em suma, são as opções no plano ético que terão decisiva influência sobre a força do sentimento de obrigatoriedade. (LA TAILLE, 2010, p. 113).

Portanto, ninguém é cem por cento autônomo, por exemplo, uma mãe pode ter o valor da honestidade como princípio central, mas se seu filho estiver passando por um grave problema de saúde, cujo o medicamento seja caro demais para suas condições financeiras, essa mãe poderá roubar uma farmácia para curar seu filho, assim como um pai pode roubar um supermercado para alimentar seu filho, ou seja, nesses casos os valores centrais passariam a ser a cura e a alimentação dos filhos, em detrimento do valor da honestidade que passaria para um estágio de valor periférico.

Violência / Indisciplina

É frequente a confusão entre o que é indisciplina escolar e o que é violência escolar, ou seja, nas escolas, muitos alunos, educadores e gestores confundem os termos e acabam lidando com distintos fenômenos de maneiras igualitárias.

Portanto, é crucial sabermos diferenciar com o que estamos lidando para conhecermos e tomarmos as medidas necessárias a cada questão, notamos essa confusão de termos no estudo de Krawczun e Platt (2015, p. 499):

É perceptível, por meio desse depoimento, a confusão dos atos que se misturam na rotina escolar. A desobediência ao comando do docente passa a ser considerada como um ato de violência, misturando-se concomitantemente com os atos realmente constituintes da violência, como por exemplo, dano ao patrimônio, agressões de ordem física e verbal.

Nas tentativas de lidar com questões de indisciplina e violência dentro das escolas, os educadores criam regimentos com normas sobre infrações e punições, muitas vezes misturando atos de distintas origens e características, como é o caso dos termos citados, como se tudo se encaixasse dentro de um único fenômeno. No entanto sabemos que há diferenças

⁴ Mais uma vez, reencontramos uma ideia de Nietzsche (1995): “o homem é uma pluralidade de forças hierarquizadas” (p. 289). Nota do autor.

entre um aluno que não quer fazer a atividade e um discente que agride fisicamente o colega para que o mesmo o deixe copiar a lição.

É evidente que há boa vontade de docentes e gestores na tentativa de solucionar os problemas educacionais, sejam eles de ordem indisciplinar ou violenta, entretanto notamos uma falta de preparo, formação e conhecimento que acarreta nessa confusão de conceitos sobre os temas e nas maneiras corretas de intervir ou prevenir, dependendo do fenômeno abrangido.

Há uma disparidade sobre o que os educadores, gestores e toda a comunidade escolar entendem por indisciplina e violência escolar, o que é corroborado pelo depoimento de Brito (2009, p. 6045 - 6046):

Formado em Educação Física há mais de 15 anos, atuei como professor desta matéria em algumas escolas públicas, na cidade de Curitiba, estado do Paraná. Em diversas ocasiões, ouvi relatos de colegas de profissão sobre alunos indisciplinados, fato que esteve presente em todas as escolas onde trabalhei. Ao longo dos anos, conversando com professores de Educação Física e observando algumas de suas aulas, notei que havia uma diversidade de entendimentos conceituais a respeito da indisciplina, fato que interferia e direcionava suas práticas pedagógicas, seus conteúdos, suas metodologias e, até mesmo, seus processos de avaliação. Para aqueles docentes, segundo o que pude perceber, os conceitos de indisciplina escolar, violência e vandalismo tinham o mesmo significado e, quando tais incidentes ocorriam, eram tratados, todos, como se fossem indisciplina escolar.

Nesse mesmo trecho, Brito (2009, p. 6046) traz uma nota de rodapé citando Estrela (2002, p. 132-133) que diz o seguinte:

[...] Estrela (2002, p. 132) afirma “que os meios de comunicação social tendem a reforçar a associação entre indisciplina, violência e delinquência”, o que é uma generalização abusiva, pois a indisciplina escolar, na maior parte dos casos, não é violência e muito menos delinquência. Estrela (2002, p. 133) afirma que diversas pesquisas sobre indisciplina demonstram que esta, quando ocorre, visa a “assegurar as condições de funcionamento do ensino-aprendizagem e garantir a socialização dos alunos, mas raras vezes infringe as normas legais que asseguram a ordem na sociedade civil”, tais como agressões físicas, depredações da escola ou qualquer ato caracterizado como violência.

Afinal um ato de violência dentro de uma instituição educativa não é também um ato indisciplinar? Ou seja, nem toda indisciplina é violência, mas todo ato de violência é indisciplinar.

Assim sendo, embora concordemos com Brito e Santos (2009) sobre a confusão que muitos professores fazem sobre esses dois fenômenos, discordamos que um ato de violência não seja também um ato de indisciplina, como os autores descrevem.

Ou seja, atos de vandalismo e agressões físicas e verbais também são violentos e não devem ser tratados apenas como uma questão indisciplinar dos alunos, mas não deixam de

ser atos de indisciplina, assim como a não realização por parte dos alunos das atividades propostas é apenas um ato indisciplinar e não é caracterizado como violência.

Devido a essa confusão entre indisciplina e violência escolar, é necessária uma adoção e delimitação do termo violência para o presente estudo e como tal adotamos o seguinte:

A *violência*, por sua vez, seria caracterizada por qualquer “ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral”. (GUIMARÃES, 1996, p. 73, Grifo da autora).

Dessa forma, a violência pode ser física ou moral, e é necessário um dano à vítima, ou seja, o agressor que pratica um ato de violência provoca uma lesão física ou psicológica que traz prejuízos a curto, médio e longo prazo podendo trazer traumas irrecuperáveis à pessoa e sua personalidade.

Disciplina / Indisciplina

Voltamos agora ao tema central da pesquisa e buscamos conceituar e adotar um conceito de disciplina/indisciplina para o presente estudo. Além disso, trazemos possíveis causas, conceitos, concepções e intervenções sobre a indisciplina escolar.

Afinal, muito se discute hoje em dia sobre o que é indisciplina. Quais suas causas? Como agir e intervir em alguma situação? É um tema que gera dúvidas, discussões, frustrações e aflições.

Segundo Michaelis, (2001, p. 303): disciplina: “[...] 2 Relação de subordinação do aluno para com o professor; observância de preceitos ou ordens escolares: *Disciplina escolar* [...] 5 Obediência à autoridade [...]” (Grifo do Dicionário); indisciplina⁵: “[...] 1 Falta de disciplina. 2 Ato ou dito contrário à disciplina. 3 Desobediência, desordem, rebelião.”

Observando o conceito de disciplina do dicionário citado, notamos como sendo a subordinação dos alunos, ou seja, uma obediência dos mesmos à autoridade docente e às ordens escolares. Já em relação à indisciplina, o dicionário trata como a falta de disciplina e uma desobediência, desordem e rebelião do aluno, que é normalmente condenável pelos professores

⁵ Ibidem. p. 471

e pela instituição escolar. Como cita Freire (2009, p. 9): “O interessante é que nós, professores, não suportamos a mobilidade da criança, mas queremos que ela suporte nossa imobilidade.”

No conceito do Dicionário de Filosofia de Abbagnano, (2000, p. 289) disciplina: “... 2. Função negativa ou coercitiva de uma regra ou de um conjunto de regras, que impede a transgressão à regra [...]”.

É visível o quanto indisciplina pode abranger um grande número de situações e também como esse conceito varia, seja individualmente, socialmente ou culturalmente, é algo muito amplo que pode ter vários significados de acordo com uma possibilidade inumerável de variáveis:

Conforme já mencionamos, as idéias acerca da indisciplina estão longe de serem consensuais. Isto se deve não somente à complexidade do assunto e à marcante ausência de pesquisas que contribuam no refinamento do estudo deste problema, mas também à multiplicidade de interpretações que o tema encerra. O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social (REGO, 1996, p. 84).

Indisciplina seria o desrespeito às regras de convivência harmoniosa entre os alunos, ou também uma forma deles criarem um espaço de diálogo que tantas vezes é negado, ou seja, um grito desesperado dos alunos com o intuito de mostrar que estão ali e não concordam com certas práticas.

Nas escolas, a questão da disciplina é algo frequente e com multiplicidade de interpretações, pois a mesma se relaciona com as perspectivas existentes em cada cultura, sociedade, contexto histórico e às próprias histórias de vida individuais.

O conceito que os professores e os alunos possuem sobre a indisciplina escolar, é altamente variável, segundo La Taille, (1996, p 10):

De fato, o que é disciplina? O que é sua negação, *indisciplina*? Não é tão simples. Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. Aproveito para dizer que, hoje, o segundo caso parece-me valer (Grifo do Autor).

As regras da escola são vistas, muitas vezes, de maneiras diferentes entre os discentes e docentes. Muitas vezes essas regras são impostas e há um desconhecimento das mesmas e de suas necessidades por parte de toda a comunidade escolar e em especial os alunos que não entendem o motivo para tantas proibições.

É importante considerar as necessidades dos alunos perante a escola e o significado que tanto ela, como suas regras possuem para os mesmos, assim não é possível que as normas escolares sejam respeitadas, sem que elas possuam algum significado aos estudantes.

Para convivências harmoniosas, é importante um respeito às chamadas normas ditas sociais e também às normas morais. Encontramos, muitas vezes, nas escolas, normas convencionais colocadas nos regimentos escolares de maneira pronta sem uma discussão democrática sobre as mesmas e impostas pela autoridade gestora e/ou docente. Algumas vezes, a transgressão a esse tipo de norma e a forma como é colocada pode ser benéfica para uma avaliação das práticas pedagógicas dos professores e da própria escola.

Devemos avaliar quais regras estão presentes e quais as origens e os significados das mesmas. Piaget (1930-1999, p. 12) comentando sobre a disciplina, observa que há a presença de dois tipos de regras: “No que concerne à disciplina, por exemplo, há não somente um, mas dois tipos de regras: a regra exterior, aceita pelo respeito unilateral; e a regra interior, devida ao acordo mútuo.” A primeira forma de disciplina descrita corresponde à moral heterônoma, enquanto a segunda à moral autônoma. Para que as regras sejam seguidas de forma consciente, devemos propor que sejam elaboradas de acordo com uma necessidade e de forma democrática com a participação dos alunos. Guimarães (1996, p. 79) contribui para a questão afirmando que:

Na sua ambiguidade, a indisciplina não expressa apenas ódio, raiva, vingança, mas também uma forma de interromper as pretensões do controle homogeneizador imposto pela escola. Tanto nas brigas (envolvendo alunos, professores e diretores) como nas brincadeiras, existe uma duplicidade que, ao garantir a expressão de forças heterogêneas, assegura a coesão dos alunos, pois eles passam a partilhar de emoções que fundam o sentimento da vida coletiva.

Observando os conceitos acima, notamos que o fenômeno da indisciplina é algo recorrente e que pode possuir diversos significados, deve ser por isso que na minha experiência como funcionário público de uma escola do Estado de São Paulo entre meados de 2008 e começo de 2011, por diversas vezes observei uma confusão de termos nos diálogos dos professores, que colocavam tudo no mesmo conceito, ou seja, conversas, participação excessiva nas aulas (muitas perguntas e comentários sobre o tema), conversas sobre o conteúdo da aula,

conflitos, agressões físicas e verbais, discussões, falar ao celular, movimentar-se pela sala de aula, ouvir músicas, discutir com o amigo sobre a aula, não fazer a tarefa, não trazer o material, entre outras ocorrências, tudo se definia como indisciplina.

Temos abaixo contribuições importantes acerca do que pode ser considerado disciplina/indisciplina e como esse conceito é flexível, maleável e varia de cultura para cultura, geração para geração e até de pessoas para pessoas:

Ao definir a indisciplina, podemos também dizer que ela é um ato que ocorre de maneira particular, pois uma mãe pode se queixar que seu filho foi indisciplinado porque não arrumou seus brinquedos, já uma professora pode dizer que seus alunos são indisciplinados porque conversam a aula toda e já outra professora pode mencionar que seu aluno é indisciplinado porque está escutando música na sua aula. [...] Desta forma, um ponto a ser refletido é a relação sociedade, cultura e a indisciplina. Como expressa Parrat-Dayan (2009), “A indisciplina relaciona-se com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais”. Os tempos passam, as pessoas mudam, a cultura muda, os valores são modificados e assim também é a indisciplina, o que para os mais velhos era indisciplina, hoje pode não ser mais e ainda muitos outros fatos podem ter sido incorporados ao conjunto denominado de indisciplina. Para cada cultura temos significados diferentes para a indisciplina, o que para nós brasileiros é Indisciplina escolar, para outros países podem (sic) não ser. Por isso que o conceito de indisciplina possui estreita relação com sociedade e a cultura que a rege. (LOURENCETTI; PALMA 2011, p. 739 - 740).

A indisciplina escolar e outros fenômenos existentes nas instituições educativas é algo subjetivo que pode atingir infinitas formas, pois dependerá das relações existentes, da visão de mundo e história de vida de cada indivíduo e a própria cultura regional, ou seja, o que é indisciplina para um docente, aluno, gestor pode não ser para outros iguais na mesma escola. Ou, ainda, variar de acordo com as escolas e contexto histórico.

Acreditamos que boa parte do que os educadores entendem como indisciplina poderia ter outra conceituação. Considerando a enorme abrangência dessa palavra é necessária uma adoção e delimitação do que é indisciplina para o presente estudo:

Quando pensado em contraste à noção de disciplina, esse conceito se articula a noção de ruptura e negação de esquemas norteadores e reguladores na escola. Entendemos a noção de indisciplina como relativa, fundamentalmente, a rupturas relacionadas às esferas pedagógica e normativa da escola. As expressões de indisciplina comumente refletem transgressões a parâmetros e esquemas de regulação da escola, e podem ser pensadas como formas de ruptura no contrato social subjacente às relações e intenções pedagógicas na escola, cujo eixo seria o processo de ensino-aprendizagem. (GARCIA, 2006, p. 126).

Adotamos como conceito de indisciplina escolar o que foi citado por Garcia (2006), por ser ótimo conceito sobre o que entendemos como tal, no entanto é um conceito amplo que

pode englobar diversas formas de atitudes, portanto devemos delimitar e restringir um pouco mais e conceituar a indisciplina escolar, especificando as diferenças entre algumas formas de indisciplinas, que consideramos como curricular, social, regimentar e passiva.

Conceituamos e delimitamos essas quatro formas de indisciplinas, sendo a primeira delas, a indisciplina curricular, que rompe o contrato pedagógico e prejudica o desenvolvimento da aula e a aprendizagem escolar, ou seja, quando o aluno desrespeita algumas regras que prejudicam sensivelmente a aprendizagem própria ou de seus pares, ou até mesmo uma apresentação de trabalho, uma explicação do docente e a própria aula:

A indisciplina curricular diz respeito à ruptura do contrato social da aprendizagem dos conteúdos escolares. Para Assis Garcia (2006), a indisciplina rompe com o contrato pedagógico. São exemplos dela: não ler os textos solicitados, brincar durante a explicação ou apresentação de trabalhos. (OLIVEIRA, 2015, p. 89).

A segunda seriam as incivildades. Incivildade está mais relacionada às regras de educação e boa convivência que são esperadas em determinada civilização ou instituição:

As incivildades englobam, portanto, comportamentos desafiantes que rompem regras e esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. Mas as chamadas incivildades não rompem, necessariamente, com acordos, regras e esquemas pedagógicos. Antes, rompem com expectativas do que pode estar sendo tacitamente esperado como boa conduta social. Destacam-se entre as incivildades reportadas, nas queixas usuais dos professores, a "falta de respeito". Essa alegação, em particular, sugere a ocorrência em sala de aula, de práticas de incivildade na forma de insensibilidade aos direitos de cada um de ser respeitado como pessoa. (GARCIA, 2006, p. 127).

Incivildades, portanto, acontecem a todo o momento nas escolas por meio do rompimento do que se espera ser uma boa conduta social, por meio de atitudes inadequadas ao local ou ao momento, por exemplo, utilização de celulares em horários inoportunos, risos exacerbados no momento de silêncio, andar pela sala de aula enquanto professor explica atividade, brincadeiras inapropriadas, ou seja, são atitudes que podem prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, embora esse não seja o objetivo. Quando ocorre essa interferência chamamos de indisciplina, no entanto as incivildades são constantes e de menor gravidade, incomodam mais pela frequência e pelas expectativas sociais de comportamentos:

As incivildades são rupturas em nível das regras e expectativas tácitas de convivência, dos pactos sociais que perpassam as relações humanas e cujo sentido muitas vezes supomos seja de domínio público desde a infância. Assim, a conduta incivilizada é criticada pelos professores como ausência da influência educativa da família, por suposta responsável pela socialização primárias dos seus filhos e pela sua formação nos esquemas básicos de civilidade. Assim, a queixa comum entre muitos

professores sobre alunos que vêm à escola "sem limites" trazidos de casa, poderia ser traduzida como uma queixa sobre a ausência de padrões culturais básicos de civilidade derivados de alguma lacuna formativa devido á (sic) família. (GARCIA, 2006, p. 127).

Entendemos essas incivildades como indisciplina social, que vai ao encontro com o que afirma Oliveira (2015), portanto, adotamos o termo incivildades como indisciplina social caracterizada por:

Já a indisciplina social, caracteriza-se pela incivilidade, ou seja, à ruptura das regras sociais, do que é esperado de uma "boa educação". Falta de polidez ou ações que ferem os códigos de boas maneiras. Esse problema de convivência não contradiz nem a lei e nem o regulamento interno, ela contradiz as regras de boa convivência: palavras ofensivas, grosserias, empurrões, desordem (CHARLOT, 2002). Trata-se de atentados cotidianos e recorrentes ao direito de cada um ser respeitado, ou de pequenas infrações à ordem estabelecida, diferenciando-se de condutas criminosas ou delinquentes. Incomodam mais pela intensidade e frequência do que pela gravidade. (OLIVEIRA, 2015, p. 89-90).

A terceira é a indisciplina regimentar, que rompe com regras justas e necessárias para a organização do ambiente escolar, pois num ambiente complexo, como as escolas, onde circulam inúmeras e diferentes pessoas no dia-a-dia, são necessárias regras que possibilitem uma organização do tempo e do espaço condizente com o objetivo de aprendizagem:

A indisciplina regimentar trata das transgressões. Aborda a ruptura das regras justas e necessárias para a boa organização dos trabalhos na escola. Charlot (2002) afirma que a transgressão não é um comportamento ilegal do ponto de vista jurídico, mas contrário ao regulamento interno da instituição, como: absentefismo e chegar sempre atrasado na troca de aulas. (OLIVEIRA, 2015, p. 90).

Em quarto e último lugar, temos a indisciplina passiva, que se caracteriza pela abstenção dos alunos em realizarem as atividades educativas propostas, bem como o desinteresse e apatia pelo desenvolvimento das aulas, sendo alunos que se comportam de maneira que não atrapalham os demais e a própria aula, mas prejudicam a si próprios não participando do processo de ensino-aprendizagem, como notamos em Oliveira (2015, p. 90):

Por fim, falemos da indisciplina passiva. Caracteriza-se pela falta de motivação dos alunos, é como se não houvesse aproximação do interesse desses às propostas curriculares trabalhadas na escola, por exemplo, a recusa em participar das propostas e a desmotivação para o estudo e para realizar as atividades. Refere-se à ruptura do contrato social da aprendizagem devido ao desinteresse acadêmico.

Portanto, adotamos um conceito geral de indisciplina para termos uma visão global do tema e delimitamos essas quatro formas citadas para constataremos quais as que ocorrem nas

escolas, e verificar qual é a concepção de indisciplina dos professores e gestores, bem como a forma de se lidar com ela.

Sobre o papel do professor, ou seja, o que o docente está fazendo, seu planejamento, sua metodologia e os próprios conteúdos, pode interferir nas aulas e causar indisciplina. O professor pode ter responsabilidade nas situações de indisciplina, pois um professor que não dá aula, que não tenta atingir o aluno também está sendo indisciplinado, por romper com o contrato pedagógico, não exercendo sua função. Na educação física, especificamente, uma prática comumente adotada, e chamada de “aula livre”, sem que o professor cobre a participação dos alunos, também conhecida como “rola bola” possui algumas características que ilustram a “não-aula” e vêm sendo combatidas:

Mais recentemente, essas aulas esportivistas foram sendo substituídas por outras em que os alunos apenas realizam o que desejam. Esse modelo denomina-se frequentemente de “rola bola”. A principal característica desse modelo é a falta de intervenção sistemática do professor durante a aula. De acordo com Darido (2003), ele é praticamente um expectador da aula.

É importante frisar que esse modelo que carece da intervenção sistemática do professor não ocorre exclusivamente nas aulas de Educação Física. Nas outras disciplinas, o professor substitui o “rola bola” por “copie da lousa o exercício tal” ou ainda “abra a página do livro didático e responda às questões”. Certamente na Educação Física, essa falta de intervenção é mais evidente, pois não temos à disposição os livros didáticos e também porque o espaço das aulas fica completamente exposto para todos na escola. (DARIDO, 2012 p. 23).

Como vemos acima essa prática de aula livre, que o professor não desenvolve a aula, e vira um expectador da mesma acontece em todos os componentes curriculares e pode causar a indisciplina dos alunos, bem como afeta negativamente a organização escolar. A escola é um ambiente propício para a aprendizagem? As pessoas gostam de estar ali? Há pressões externas e internas? Sendo assim a indisciplina é um aspecto da vida acadêmica que perpassa todas as relações escolares e pode estar relacionada a diversos fatores e significados, pois se um professor ou aluno é indisciplinado, a culpa não é somente deles, há várias dimensões presentes que influenciam como governos, gestores, familiares, currículos, chegando à relação professor-aluno.

Além de definirmos um conceito geral para disciplina/indisciplina escolar, devemos também considerar as diferenças entre as aulas de EF e de outras matérias⁶ e elucidarmos como a indisciplina pode se manifestar de maneira diferente nos distintos componentes curriculares, em função de suas particularidades. É conhecido que há casos comuns em todos os ambientes

⁶ Para não confundir disciplina – atitude, e disciplina – matéria escolar, usaremos componente curricular e matéria para componente curricular.

escolares, entretanto há casos específicos que podem ser observados dentro da sala de aula e outros casos nos demais espaços escolares, como o pátio e a quadra, por exemplo, além da própria dinâmica diferenciada entre as aulas, pois as aulas de EF são diferenciadas das demais matérias, pois trabalha com os elementos da cultura corporal em espaços abertos como quadras, pátios, em que o movimento é mais frequente que nas aulas dentro de salas.

Nas aulas de EF trabalhamos com o movimento humano por meio dos jogos, atividades rítmicas, ginástica, esporte e lutas, portanto temos atividades em que os alunos devem se movimentar em espaços abertos para atingir o objetivo da aula, mesmo assim não se trata de um ambiente sem regras, pois temos as regras de convivência que devem ser respeitadas, bem como as próprias regras das atividades, como, por exemplo, num jogo de queimada devo respeitar a regra de jogar a bola com as mãos e não com os pés.

Portanto, temos que nas aulas de educação física podem ocorrer todos os demais casos de indisciplina escolar vistos nas outras matérias, assim como casos específicos de indisciplina como: burlar as regras dos jogos, tentar levar vantagem em alguma atividade lubrindo professores e alunos, fugir da aula e ficar passeando pelos ambientes escolares, pular muros, arremessar algum material da aula com o intuito de machucar os colegas de classe, bater na porta das outras salas de aula ou perturbá-las com gritos ou alguma outra forma enquanto estiver transitando entre a quadra e a sala de aula, entre outras possibilidades.

Dentro desse enfoque, a cada tendência, a cada concepção e ideologia temos a relação Educação Física e Indisciplina. Para se ter homens fortes e robustos é preciso discipliná-los para tal fim, ser autoritário, firme; para se ter homens saudáveis para o trabalho é preciso treinamento, disciplina, cuidado e assim estas relações foram se alterando de acordo com as tendências e intenções vigentes. E hoje, qual a relação de disciplina que impera? Ou, o que é a indisciplina hoje nas aulas de Educação Física? Seria a desobediência perante as regras impostas pela escola, não cumprir as regras do jogo combinadas, problemas comportamentais, conflitos interpessoais entre os próprios alunos? (LOURENCETTI; PALMA, 2011, p. 737).

Dessa forma consideramos as diferenças entre as dinâmicas das aulas ao comparar os casos de indisciplina nas aulas de EF e nas aulas das demais matérias, por exemplo, jogar uma bola no colega é indisciplina na aula de matemática, mas não no jogo de queimada na EF desde que tenham sido respeitadas as regras do jogo. Consideramos também essas diferenças ao comparar como os professores e gestores escolares lidam, ou tentam evitar os casos de indisciplina escolar, pois dessa forma constatamos também a concepção que cada um possui acerca desse fenômeno, como percebemos em Vinha (2000, p.1) apud Lourencetti e Palma (2011, p. 738):

[...] Não raro, esses profissionais sentem-se despreparados para atuar com as desavenças, os atritos, os desentendimentos e as brigas entre as crianças, entre os alunos e o professor e ainda, entre os próprios integrantes da equipe escolar. O que mais chama a atenção é a forma como, em geral, os conflitos são resolvidos por essas instituições, pois, pelo processo utilizado para evitar que ocorram ou para solucioná-los é que compreendemos quais são as concepções que os educadores têm sobre os mesmos.

Temos que a questão da indisciplina escolar hoje em dia nos traz muitas dúvidas: os professores por vezes não entendem o que é; o que fazer; falta uma formação mais adequada para lidar com esse fenômeno; todos esses aspectos e diversos outros foram considerados ao realizar esse estudo e comparar a questão da indisciplina escolar nas aulas de EF e dos demais cotidianos escolares.

Sobre o que ocasiona a indisciplina escolar, uma questão interessante levantada pelo senso comum é que a indisciplina dos alunos estaria centrada exclusivamente, ou como causa principal a atuação dos familiares desses discentes. É evidente que a família dos alunos possui a sua responsabilidade na educação desses jovens, entretanto a escola não deve se eximir de sua parte. Ainda mais quando a família deixa a desejar, é na escola que os alunos poderão suprir essa falta de orientação e educação por parte dos pais, como encontramos em Dellagnelo (2004) apud Chrispino e Chrispino (2008, p. 26):

Às famílias é delegada a tarefa da educação de comportamentos e valores éticos, sem que seja considerado que todos os agentes e ambientes que interagem com as crianças têm influência sobre seus valores e comportamentos e que, portanto, é impossível que apenas a família assuma este aspecto de formação de crianças e adolescentes.

Além da família propriamente dita, encontramos nas escolas outras causas da indisciplina, na maioria das vezes, atribuída a fatores externos ao ambiente escolar, como propostas curriculares, diretrizes governamentais, déficit na estrutura que os alunos possuem em âmbito de alimentação, serviços de saúde e outros direitos sociais, como o lazer, dentre outros. No entanto, as escolas possuem suas responsabilidades nas causas e nos tratamentos que dão aos fenômenos de indisciplina, violência e outros.

Um fator altamente exclusivo das relações institucionalmente escolares entre gestores, professores e alunos perpassa no planejamento de aulas pelos professores que pode ser uma das causas da tão famigerada indisciplina escolar.

Esse planejamento das aulas por parte dos docentes e apoio e momentos propostos pela gestão escolar para esse fim podem ocasionar indisciplina, ou seja, quando o aluno percebe a desorganização por parte dos professores, ou falta de organização da escola, a indisciplina escolar se torna maior, como encontramos no estudo abaixo:

Conforme descrito nas observações das aulas dos professores, em diversas oportunidades havia horários vagos por ausência do professor da respectiva matéria, os alunos desciam para quadra, ou então, os horários eram preenchidos por aulas de professores substitutos, *que, muitas vezes, não chegavam nem a se configurar como aulas, devido ao tumulto que os alunos faziam, ao se darem conta de tamanha desorganização por parte dos professores*, uma vez que muitos substitutos eram avisados de última hora e nem tinham material preparado com a devida antecedência. [...] Como consequência, também, dos atrasos e ausências dos professores, estes sentem que os conteúdos previamente previstos para as aulas acabavam ficando prejudicados pois, na maioria das vezes, eram repassados de forma aligeirada e sem muitas explicações, como podem ser observados nas descrições das aulas de geografia, história, entre outras, em função da exigüidade do tempo para procurar cumprir o calendário escolar.

Com isso, não havia preocupação, por parte dos professores, em adequar os conteúdos à realidade dos alunos, nem tão pouco, se os alunos estavam aprendendo de maneira significativa tais conteúdos. (ALVES, 2002, p. 152, 154, Grifo Nosso).

Notamos acima, e de acordo com La Taille, (1996) que muitas vezes a indisciplina se traduz como revolta ou desconhecimento acerca das normas escolares. O que leva a entender que, se as regras na escola fossem elaboradas, discutidas e constantemente avaliadas e modificadas de acordo com as necessidades presentes, elas seriam mais respeitadas e conhecidas por alunos, professores, diretores, funcionários, entre outros, diminuindo os casos de indisciplina. Com relação à indisciplina e à disciplina Aquino, (1996, p 48-49; 53) afirma:

Ora, não é possível assumir que a indisciplina se refira ao aluno exclusivamente, tratando-se de um problema de cunho psicológico/moral. Também não é possível creditá-la totalmente à estruturação escolar e suas circunstâncias sócio-históricas. Muito menos atribuir a responsabilidade às ações do professor, tornando-a um problema de cunho essencialmente didático-pedagógico. A nosso ver, a indisciplina configura como um fenômeno transversal a estas unidades conceituais (professor/aluno/escola) quando tomadas isoladamente como recortes do pensamento. Ou melhor, indisciplina é mais um dos efeitos do *entre pedagógico*, mais uma das vicissitudes da relação professor-aluno [...] Anteriormente, disciplina evocava silenciamento, obediência, resignação. Agora, pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor os obstáculos. (Grifos do Autor)

A indisciplina escolar é fruto também de conflitos escolares não resolvidos adequadamente e que eclodem em situações que afetam fortemente o ambiente escolar.

Além de conhecermos as causas da indisciplina escolar é necessário sabermos como lidar com esse fenômeno, ou seja, qual é a forma adequada de atuarmos com essa questão? Seria por meio de punições, diálogos, mediações, participação dos familiares, recorrência a outros profissionais, dentre outras atitudes observadas nas escolas e descritas nos estudos? Muitas vezes as escolas propõem um regimento escolar com inúmeras regras e sanções, acreditando que o castigo solucionará os problemas relacionais entre alunos e docentes, demonstrando falta de formação aos docentes e gestores, para atuarem com o tema.

Essa forma recorrente de lidar com a indisciplina escolar, com a proposição do maior número possível de regras, do que não se deve fazer, e punições, não mudará em nada a atitude dos alunos se não forem discutidas, refletidas e explanadas de forma democrática. Não devemos impor as regras aos alunos sem uma discussão compartilhada das normas e dos princípios, como encontramos em Vinha e Tognetta (2006, p. 6):

Ao impor as regras, impedindo que os alunos tenham as experiências necessárias para a aceitação interior das normas, os educadores as tornam exteriores ao sujeito (pois não foram construídas por intermédio da reflexão ou tiveram suas necessidades descobertas por meio de experimentações efetivas). Assim sendo, passam a ser cumpridas apenas enquanto a autoridade que as institui estiver presente, e isso se a pessoa que as impõe possui poder para exigir esse cumprimento, gerando uma obediência superficial e heterônoma que permanece somente enquanto há o medo de ser punido ou quando se espera uma recompensa.

No entanto, não devemos também entrar em outro extremo acreditando que tudo deva ser decidido pelos ou com os alunos. A atuação com combinados e acordos é importante e pode ser um dos caminhos para lidar com a indisciplina escolar, desde que se respeite alguns princípios norteadores, ou seja, não devemos transformar todas as relações existentes nas escolas em um relativismo, no qual tudo possa ser válido (VINHA; TOGNETTA, 2006).

É necessário chegar num meio termo, em que ocorram discussões democráticas sobre as regras da escola, bem como suas formas de reconstrução, quando algumas regras ou princípio forem desrespeitados. Para que as regras sejam significantes aos alunos é importante que os mesmos conheçam suas necessidades, assim como é necessário por parte das escolas, conhecer a realidade em que os alunos vivem para que as normas não sejam propostas “de cima para baixo” ignorando o sentido que a escola possui para eles. Essa tentativa de conhecer o aluno e o contexto em que ele está inserido é válido e significativo no trato da questão indisciplinar, pois como observamos no estudo de Alves (2002, p. 152):

[...] Faz-se necessário valorizar os conhecimentos vivenciados no cotidiano e trazidos à escola pelos alunos, a partir de sua história de vida e de seus interesses pessoais, colocando-os no centro da contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Assim, tais conhecimentos darão maior significado à aprendizagem dos alunos e poderão fazer com que a intensidade dos comportamentos indisciplinados em sala de aula diminua.

Excluir os discentes, apenas porque eles se comportam de forma não esperada pelas escolas, é um equívoco, é importante saber as causas desse comportamento, para criarmos estratégias que permitam atingir os alunos considerados problemáticos e indisciplinados.

Outras formas positivas e eficazes de se lidar com o fenômeno da indisciplina escolar são por meio de conversas individuais e orientações, fato confirmado em Garcia (1999, p. 105):

O primeiro ponto a ser destacado refere-se à necessidade de as escolas desenvolverem uma diretriz disciplinar de base pedagógica ampla, legitimada pela comunidade escolar, consonante com seu projeto político-pedagógico. *Tal diretriz deve incluir o desenvolvimento de orientações (regras e procedimentos) disciplinares claras e de base ampla, as quais ganham em legitimidade à medida que são desenvolvidas com a participação dos estudantes, tornadas claras e conhecidas de toda a comunidade envolvida com a escola [...] (Grifo Nosso).*

Devemos orientar os alunos sobre as regras da escola, bem como possibilitar uma discussão democrática sobre as mesmas, suas necessidades e seus princípios, a imposição de regras em excesso conduz ao risco de sermos contraproducentes e aumentar os problemas de indisciplina e de comportamento inadequado nas escolas, pois dessa forma não é possível que ocorra a legitimação das regras por parte dos alunos.

Outra questão interessante no trato com a indisciplina escolar é a transferência do problema educacional para outras esferas e profissionais que não estão diretamente envolvidos com a instituição escolar, como notamos abaixo em relação a violência:

[...] Indisciplina escolar — as quais podem ser reflexo, inclusive, da própria abordagem do conteúdo desenvolvido — e de violência. Esta última tem outro enfoque e envolve outros fatores, inclusive sociais e externos à escola, que devem ser solucionados com apoio de assistentes sociais, psicólogos, entrando algumas vezes na esfera judicial. (BRITO; SANTOS, 2009, p. 10727)

No trecho acima notamos que Brito e Santos, na questão da violência, propõem apoio de outros profissionais para tentar solucionar o problema, como assistentes sociais, psicólogos, esfera judicial. Isso é comum nas escolas e mostra a confissão dessas instituições que não estão conseguindo desempenhar as funções primordiais que foram estabelecidas na criação e perpetuação dessas instituições.

É evidente que casos mais sérios e graves devem ser levados a outros profissionais, como conselhos tutelares, psicólogos, dentre outros, no entanto notamos que muitos educadores, gestores e profissionais da educação assumem que não são capazes de enfrentar o problema da indisciplina escolar sozinhos sem o apoio de outros profissionais. Falta aos professores e gestores presentes nas escolas uma formação mais adequada para lidar com esse fenômeno, dessa forma muitos acabam transferindo a questão disciplinar dos alunos para outras instâncias, se eximindo dos problemas:

Como vimos, na maioria das descrições das aulas observadas, a prática, que ainda se perpetua entre os professores, principalmente no tratamento com este aluno e poderíamos generalizar, com outros que apresentam as mesmas características, é o de sua retirada de sala de aula, ou encaminhamento para outras instâncias, toda vez que se faz presente uma situação de confronto em sala de aula. (ALVES, 2002, p. 150)

Essa transferência do problema não o soluciona, apenas o muda de lugar, o que estava afetando a relação professor-aluno, afetará as relações gestor-aluno, pai-aluno, aluno-aluno e assim por diante. É necessário lidarmos com esses fenômenos de forma coesa e adequada para enfrentarmos e solucionarmos os problemas de indisciplina escolar, entretanto falta essa formação e respaldo aos docentes, nos cursos de graduação.

Como os nossos professores iniciantes saem dos cursos de formação? São preparados para lidar com a indisciplina dos alunos? Há uma falta de preparo e formação continuada dos professores em relação à temática da indisciplina escolar, fato confirmado nos estudos de Garcia (1999, p. 104):

Apesar desse quadro de indisciplina escolar, encontramos hoje certa ausência de uma cultura disciplinar preventiva nas escolas, bem como falta de preparo adequado por parte dos professores para lidar com os distúrbios de sala de aula, apesar da clareza quanto a este espaço ser um contexto social onde a indisciplina facilmente se expressa, parte da qual a própria escola pode estar ensinando e reforçando.

Por não haver formação e preparo dos docentes na maioria dos cursos de formação inicial, muitos não sabem lidar com o fenômeno da indisciplina escolar e utilizam dos meios mais diversificados possíveis, sendo que alguns dão resultados e são viáveis, como o diálogo, e a mediação, e outros reforçam a heteronomia dos alunos, como advertências, punições, utilização de registros de ocorrências de indisciplina, suspensões e transferências compulsórias.

Há duas formas altamente danosas de lidar com a indisciplina nas escolas: a permissividade e o autoritarismo:

Estilo autoritário: se identificam os professores que não permitem e/ou não estimulam a participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem. Impõem regras e punem os alunos ou utilizam comunicação verbal rude quando desobedecidos. [...] Estilo permissivo: são professores que quase nunca exigem o cumprimento de regras e quando o fazem, não são atendidos pelos alunos e podem dar ou não retorno afetivo a eles. Em geral, não planejam suas aulas e deixam que os alunos conduzam o conteúdo da aula como queiram. (SOUZA; LEITÃO; PRODÓCIMO, 2016, p. 73-74).

Entretanto é necessário que atentemos para as características de cada uma delas, para assim identificarmos essas atitudes nas escolas e conhecermos qual é mais prejudicial:

[...] Todavia, nas “classes difíceis” observadas nas pesquisas que temos realizado, encontramos um ambiente sociomoral com forte tendência à permissividade ou grande coerção, onde predomina o desrespeito, a imposição ou ausência de regras e exigências, que não contribuem para que a escola favoreça a cooperação e a reciprocidade entre os alunos. [...] Coercitivo e autoritário, sendo caracterizado pelo respeito unilateral e pela coação social. Nesse tipo de ambiente não há confrontos de pontos de vista e nem, ao menos, oportunidade para os alunos expressarem seus sentimentos [...] Os alunos avaliavam que os professores mais permissivos não conseguiam promover aulas produtivas para o conhecimento. Em contrapartida, os educadores ditos mais autoritários eram considerados pelos alunos da escola estadual como ao menos alguém que mostrava interesse por eles, mesmo não aprovando ou sentindo-se bem com as ações desses educadores. Os professores, em sua maioria, assumiam ter grande dificuldade em lidar com as classes e em construir um ambiente favorável à aprendizagem. (RAMOS, 2013, p. 81, 107, 115).

Assim notamos, na perspectiva dos alunos do estudo acima, que professores permissivos são mais prejudiciais que os autoritários, pois não conseguem realizar o desenvolvimento de uma aula satisfatória, já os autoritários reforçam a heteronomia dos alunos, mas pelo menos, demonstram interesse na aprendizagem dos discentes, ou seja, professores permissivos mantêm os alunos na primeira fase do desenvolvimento moral, que seria a anomia, já os docentes autoritários formam os alunos na segunda fase do desenvolvimento moral, a heteronomia, ambos são danosos, mas permissividade se mostra mais prejudicial que autoritarismo.

Uma atitude bastante adotada nas escolas é o registro de ocorrência de indisciplina dos alunos, como uma forma de punição e encaminhamento a outras instâncias, bem como a convocação dos responsáveis. Entretanto notamos uma banalização desse documento nas escolas, como percebemos no estudo de Negrão e Guimarães (2006, p. 414) que refletem a visão de alguns alunos sobre o Registros de Ocorrências de Indisciplina (ROI), chamado nesse caso de “livro de ocorrência”:

Outros questionaram a utilização dos registros que a escola faz ao sugerir que esse negócio do livro de ocorrência não dá em nada. Os pais nem vêm aqui. (...) Eu acho que tinha que levar pro Conselho Tutelar. Ainda que tem que ter uma testemunha quando tiver confusão na classe. Porque a gente sempre perde. O diretor só acredita nos professores. Tinha que avaliar os dois lados. [Quem poderia ser essa testemunha?] Podia ser um aluno bom, ele ia ser do lado dos alunos.

Vemos que os alunos percebem que apenas os registros não funcionam como deveriam, e os próprios discentes sugerem medidas mais duras para controlar os estudantes. Entretanto notamos também nesse trecho, que os espaços de diálogo são negados aos alunos, pois ao sugerir uma testemunha, notamos implicitamente que a gestão escolar, comumente, acredita e dá mais espaço de diálogo e discussão aos docentes, do que aos alunos. Uma forma

adequada de atuar com a indisciplina nas escolas é por meio de atitudes que favoreçam o respeito mútuo e a participação discente nas decisões escolares, referentes ao conteúdo e a formação moral, como apresentado por Garcia (2012) apud Vinha (2013, p. 81):

A qualidade do clima escolar (ambiente sociomoral⁷) e a coerência entre os profissionais da escola com relação à concepção e intervenção nos conflitos são fundamentais para que tais procedimentos tenham êxito. Para tanto é necessário ainda que se estabeleçam relações de confiança, cooperação e respeito mútuo (senso de comunidade); sejam propiciadas possibilidades de participação ativa no conhecimento (aprendizagem cooperativa) e oferecidos espaços de participação efetivos (construção coletiva da organização da convivência).

É crucial que atentemos, nas escolas, à necessidade dos alunos e ao significado que conteúdos e metodologias possuem no cotidiano de uma determinada comunidade, pois muitas vezes, as políticas públicas ignoram as particularidades locais de um vilarejo, cidade e outros ambientes. A formação da autonomia moral, cidadã não pode ser um entrave pedagógico que interfere negativamente na construção de conhecimentos e deve ser um dos objetivos da educação nas escolas, como ressaltado por Vinha e Tognetta (2009, p. 538):

Auxiliar na aprendizagem dos alunos e, ao mesmo tempo, favorecer seu desenvolvimento sociomoral podem aparentar serem problemas diferentes, mas não o são. Esta dissociação é equivocada, pois são sistemas solidários, visto que os eventos de desavenças pessoais e os de aprendizagem estão incorporados, fundem-se. A obtenção de relações equilibradas e satisfatórias (o que não significa que os conflitos estarão ausentes) não são frutos de um dom gratuito ou de desenvolvimento maturacional; mas sim, decorrentes de um processo de construção e aprendizagem. A criança ou jovem não irá aprender por si mesmo uma questão que é muito complexa e para a qual não foram previstas boas intervenções e oferecidas situações que lhe auxiliassem a aprender o que necessita. Porém, raramente se percebe a preocupação das instituições escolares com as possibilidades pedagógicas dos conflitos, sendo que seus esforços nesta área estão mais voltados para conseguir um “bom comportamento” do aluno (muitas vezes por medo ou conformismo) e para a contenção do conflito do que para a aprendizagem.

É viável nas instituições educativas um projeto preventivo contra a indisciplina e a violência escolar por meio de ações que fortaleçam o diálogo e a resolução de conflitos, como o processo de mediação escolar.

O profissional responsável por essa mediação deve possuir uma formação adequada e um preparo para lidar com a questão da indisciplina, da violência e demais conflitos existentes nas escolas. A presença da mediação na escola foi analisada por Chrispino (2007, p. 22 - 23), que a define como:

⁷ O ambiente sociomoral é formado pelas relações: entre os alunos, entre os educadores e entre os professores e alunos; com o conhecimento e com as regras. (Nota da autora).

O procedimento no qual os participantes, com a assistência de uma pessoa imparcial – o mediador –, colocam as questões em disputa com o objetivo de desenvolver opções, considerar alternativas e chegar a um acordo que seja mutuamente aceitável.

No estudo de Chrispino não fica claro se esse mediador deva ser um outro profissional, se poderia ser o próprio professor ou alguém da gestão escolar e não um professor exclusivo para a tarefa da mediação, pois quando o conflito está presente os principais envolvidos são os que possuem a visão mais ampla do ocorrido para tentar solucionar. Entretanto a presença de outro profissional exclusivo para um programa preventivo de indisciplina e violência escolar também é viável para não sobrecarregar docentes, funcionários e gestores com tarefas que exigem preparação e planejamento adequados.

É evidente que a participação de uma mediação de conflitos pode ser benéfica para lidarmos com as questões educacionais, no entanto é crucial que tal atitude se dê no âmbito educativo atrelado ao Projeto Político Pedagógico das escolas e que tenham objetivos a serem atingidos. Não deve ser apenas uma forma de lidar com um problema já existente e sim um aspecto preventivo nas escolas que leve em conta a opinião e as necessidades dos educandos.

Não devemos esquecer também que os envolvidos nos conflitos: professores, alunos, funcionários, gestores, dentre outros, devem estar presentes num processo de mediação, pois a melhor forma de lidarmos com um conflito é por meio das pessoas envolvidas na ocorrência.

Chrispino (2007, p. 23), nos traz algumas contribuições importantes e vantagens que o programa de mediação pode oferecer:

A mediação pode induzir a uma reorientação das relações sociais, a novas formas de cooperação, de confiança e de solidariedade; formas mais maduras, espontâneas e livres de resolver as diferenças pessoais ou grupais.

A mediação induz atitudes de tolerância, responsabilidade e iniciativa individual que podem contribuir para uma nova ordem social. [...] Há, portanto, dois tipos de escola: aquela que assume a existência de conflito e o transforma em oportunidade e aquela que nega a existência do conflito e, com toda a certeza, terá que lidar com a manifestação violenta do conflito, que é a tão conhecida violência escolar.

Evidentemente, educadores e gestores tentam solucionar os problemas de indisciplina escolar, seja para uma formação adequada dos alunos, ou até mesmo para criar um ambiente escolar agradável e respeitoso, no entanto, muitas vezes agem de maneira equivocada. Às vezes, atuando com um programa de mediação superficial, tentam lidar com a indisciplina.

Diante do exposto, sobre as causas, formas e intervenções em relação à indisciplina escolar; bem como as conceituações sobre termos relacionados a esse fenômeno aplicados às

instituições educativas, como a questão da autonomia, da autoridade, da violência, e da própria indisciplina, suas relações, as confusões que surgem no seio educativo, suas semelhanças e diferenças; esse estudo visa compreender as manifestações de indisciplina em diferentes momentos do cotidiano escolar, analisar o entendimento de professores e direção da escola sobre indisciplina escolar e a forma como lidam com ela, identificar se alunos envolvidos nas situações de indisciplina nos diferentes momentos do cotidiano escolar são também os envolvidos nas situações de indisciplina nas aulas de EF, analisar a presença de trabalho (ou proposta de ação) entre educandos, educadores e gestores em referência ao tema.

SEGUNDO CAPÍTULO: METODOLOGIA

Foi realizada pesquisa qualitativa descritiva exploratória e como tal procura atender o que aponta Minayo (2009, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

Foram utilizadas como técnicas de pesquisa: observações não-participantes, entrevistas semiestruturadas e análise documental. Sobre as observações, adotamos a observação não-participante:

A observação pode ser de caráter participante ou não-participante. Quando o pesquisador atua apenas como espectador atento, temos o que se convencionou chamar de observação não-participante. Baseado nos objetivos da pesquisa e num roteiro de observação, o investigador procura ver e registrar o máximo de ocorrências que interessam ao seu trabalho. [...] (GODOY, 1995, p. 27).

Realizamos as observações das aulas com foco nos casos de indisciplina no período de agosto de 2014 a junho de 2015. Sobre as entrevistas semiestruturadas, procuramos nos atentar para o exposto:

As *entrevistas* podem ser consideradas *conversas com finalidade* e se caracterizam pela sua forma de organização. Podem ser classificadas em: [...] (b) *semiestruturada*, que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2009, p. 64, Grifos da Autora).

Realizamos as entrevistas semiestruturadas com os professores que tiveram suas aulas acompanhadas e com membro da equipe gestora. Sobre a análise documental, segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 10, 13):

A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. É condição necessária que os

fatos devem ser mencionados, pois constituem os objetos da pesquisa, mas, por si mesmos, não explicam nada. O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência [...]

Efetuamos análises documentais dos casos registrados nos Registros de Ocorrências de Indisciplina (ROI). Foram analisadas as ocorrências do ano da observação das aulas após a entrevista com a equipe gestora, ou seja, analisamos todas as ocorrências do início do ano até a data que consta em cada ROI nesse estudo posteriormente.

O ROI, nas escolas, normalmente é um documento em que se registra a vida escolar do aluno, principalmente as questões de indisciplina, e serve de consulta para pais ou responsáveis, docentes, gestores, funcionários e autoridades legais. Esse ROI que estamos tratando é um documento diferente do ROE proposto pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, esse segundo documento consiste de:

Resolução SE nº 19, de 12-2-2010

Art. 9º - Fica regulamentado o “Sistema Eletrônico de Registro de Ocorrências Escolares – ROE”, que se constitui em um instrumento de registro on-line, acessível pelo portal da Fundação para Desenvolvimento da Educação – FDE, www.fde.sp.gov.br, para o registro de informações sobre:

- I - ações ou situações de conflito ou grave indisciplina que perturbem sobremaneira o ambiente escolar e o desempenho de sua missão educativa;
- II - danos patrimoniais sofridos pela escola, de qualquer natureza;
- III - casos fortuitos e/ou de força maior que tenham representado risco à segurança da comunidade escolar;
- IV - ações que correspondam a crimes ou atos infracionais contemplados na legislação brasileira.

§ 1º - As informações registradas no “Sistema Eletrônico de Registro de Ocorrências Escolares – ROE” serão armazenadas para fins exclusivos da administração pública, sendo absolutamente confidenciais e protegidas nos termos da lei.

§ 2º - Caberá, ao Diretor da Unidade Escolar, a responsabilidade pela inserção e proteção dos dados registrados, podendo, discricionariamente, conceder ao Vice-Diretor e/ou o Secretário de Escola autorização de acesso ao sistema.

§ 3º - o registro das situações elencadas nos itens deste artigo é compulsório e deverá ser efetuado em até 30 dias da data da ocorrência.

§ 4º - Os Dirigentes Regionais de Ensino, assim como os servidores da Diretoria de Ensino por eles indicados, terão acesso às informações registradas no “Sistema Eletrônico de Registro de Ocorrências Escolares – ROE” relativas às escolas de sua região, ficando esses servidores responsáveis pelo sigilo e proteção dos dados registrados.

Para organização das informações a partir das observações, entrevistas e documentos foi utilizada a triangulação dos dados, que segundo Meirinhos e Osório (2010, p. 59 – 60):

Autores como Yin (1993), Hamel (1997), Stake (1994; 1999) e Flick (2004), apresentam a triangulação como uma estratégia de validação, na medida em que torna possível a combinação de metodologias para estudo do mesmo fenômeno. Por outras palavras, a triangulação permite obter, de duas ou mais fontes de informação, dados

referentes ao mesmo acontecimento, a fim de aumentar a fiabilidade da informação. Nas palavras de Yin (1993), *uma pista importante é formular a mesma questão na análise de dados de diferentes fontes; se todas as fontes indicarem as mesmas respostas, os dados foram triangulados com sucesso* (p. 69).

A triangulação é, segundo Stake (1999), um processo que utiliza múltiplas perspectivas para clarificar significados, na medida em que observações adicionais podem ser úteis na revisão da interpretação do investigador. É, também, conforme o mesmo autor, uma das características de um bom estudo qualitativo. (Grifo dos Autores).

Levantamento de informações - Procedimento

Participaram do estudo seis escolas estaduais de Indaiatuba/SP. Primeiramente escolhemos as instituições aleatoriamente, em seguida foi solicitada autorização das mesmas para participarem da pesquisa. Observamos inicialmente seis escolas, pois segundo a Diretoria de Ensino da Região de Capivari (2015), havia na data citada em Indaiatuba/SP, vinte escolas estaduais⁸, sendo assim seis delas representavam trinta por cento das escolas estaduais de Indaiatuba/SP, resultando, em princípio, em uma boa representatividade.

Foi utilizado também o critério de saturação dos dados, que consiste em verificar que, quando as observações das aulas e as entrevistas repetissem situações já descritas, seria um sinal que a quantidade de escolas estava adequada. Caso fosse necessário, o que não ocorreu, mais escolas poderiam ser acrescentadas ao estudo. Todas as seis escolas selecionadas aleatoriamente concordaram em participar do estudo.

As escolas foram designadas por letras, as turmas de 9º anos por números, os nomes dos alunos, dos professores e da direção escolar substituídos por nomes fictícios, sendo que, para facilitar a leitura e compreensão, escolhemos os nomes fictícios de acordo com as letras das escolas, ou seja, todos os nomes de alunos, professores, gestores e funcionários da Escola A tiveram como inicial a letra “A”, e assim por diante até a Escola F.

Foram realizadas observações não-participantes de três aulas de educação física e três aulas de outras duas disciplinas de uma turma de 9º ano de ensino fundamental. As turmas também foram escolhidas aleatoriamente em cada uma das seis escolas participantes. Foram estabelecidas três aulas, para poder verificar a recorrência de situações de indisciplina e se uma determinada situação ocorreu como fato único ou se repetiu ao longo das aulas. As outras matérias escolares, além da EF foram escolhidas por meio de um sorteio dentre os professores

⁸ Fonte: <http://decapivari.com.br/indaiatuba/>

das turmas, ou seja, primeiro sorteamos os professores e depois solicitamos autorização para participarem da pesquisa. Todos os professores sorteados aceitaram participar do estudo, com exceção da escola A, que a direção escolar indicou os dois professores que estavam autorizados para participarem do estudo, além do professor de EF. As observações totalizaram 9 aulas na Escola A, 8 aulas na Escola B, 10 aulas na Escola C, 9 aulas na Escola D, 10 aulas na Escola E, e 11 aulas na Escola F, somando 57 aulas entre todas as escolas. O registro foi realizado por meio de diário de campo, que segundo Minayo (2009, p. 71):

O principal instrumento de trabalho de observação é o chamado *diário de campo*, que nada mais é do que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevista em suas várias modalidades. Respondendo a uma pergunta frequente, as informações do *diário de campo* devem ser utilizadas pelo pesquisador quando vai fazer análise qualitativa.

O foco das observações foram as situações de indisciplina praticadas nos diferentes contextos escolares. Sendo que a identificação dos alunos nas observações foi realizada por meio de algumas estratégias: algumas vezes o professor se reportava ao aluno dizendo o nome do mesmo; outras vezes questionávamos os professores ao final da aula sobre o nome dos alunos; identificação na hora da chamada; na menção do nome dos discentes por colegas; e do próprio mapa de sala.

Após as observações, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os professores que tiveram suas aulas observadas e com um membro da equipe gestora, marcada de acordo com a disponibilidade dos participantes e o cronograma da pesquisa. Foram realizadas individualmente na própria escola em ambiente com pouco barulho permitindo a qualidade da gravação. As entrevistas com a equipe gestora variaram nas escolas quanto ao cargo, sendo coordenadoras, vice-diretoras e diretoras delegadas para atuar com a indisciplina escolar e conseqüentemente para responder a entrevista.

Foram realizadas quatro entrevistas em cada escola, sendo três com os docentes das aulas observadas e uma com um representante da equipe gestora, totalizando vinte e quatro entrevistas. As entrevistas foram gravadas e transcritas de maneira literal, corrigindo apenas eventuais erros gramaticais e termos impróprios. Foram gravados duzentos e dezoito minutos e cinquenta segundos (218min50seg) de entrevistas⁹. Foi seguido o seguinte roteiro:

⁹ Aproximadamente levávamos uma hora para transcrever cada dez minutos de entrevistas, portanto podemos dizer que aproximadamente levamos vinte e duas horas para a transcrição completa de todas as entrevistas, e essa transcrição foi realizada por nós mesmos.

Roteiro – Entrevista com os Professores

- O que o professor entende por indisciplina? Dê algum exemplo.
- O professor percebe casos de indisciplina nas aulas e na escola como um todo?

Caso a resposta seja afirmativa, seguimos com o roteiro abaixo:

- Que casos de indisciplina o senhor encontra em suas aulas?
- Há alunos indisciplinados no 9º ano ____? (turma observada no estudo). Quem são eles? Por que o senhor os considera indisciplinados?
- Como o professor trabalha com a indisciplina nas suas aulas?
- Há alguma formação específica oferecida pela escola ou pelo Estado sobre a indisciplina escolar?
- O tema é abordado nas reuniões de ATPCs¹⁰?
- Há alguma discussão entre educandos, educadores e gestores sobre os projetos da escola, bem como sobre o Projeto Político Pedagógico no que se refere ao tema?
- Há alguma discussão entre educandos, educadores e gestores sobre a indisciplina escolar e sobre as normas e regimentos escolares?
- Outra informação que julgar necessária.

Roteiro – Entrevista com a Direção Escolar

- O que a direção escolar entende por indisciplina? Dê algum exemplo.
- Como a senhora caracterizaria os alunos da escola?
- A senhora percebe casos de indisciplina nas aulas e na escola como um todo?

Caso a resposta seja afirmativa, seguimos com o roteiro abaixo:

- Quais alunos da turma 9º ano ____ (turma observada no estudo) a direção escolar considera indisciplinados?
- Os alunos listados abaixo são indisciplinados no cotidiano escolar? Em quais momentos? (Nessa questão são listados os alunos considerados indisciplinados na entrevista com os professores e a partir das observações realizadas nas aulas).
- Como a direção da escola trabalha com os alunos tidos como indisciplinados?

¹⁰ Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo, é uma obrigação para os professores que tem por finalidade a formação continuada dos mesmos: “As Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo deverão ser utilizadas para reuniões e outras atividades pedagógicas e de estudo, de caráter coletivo, organizadas pelo estabelecimento de ensino, bem como para atendimento a pais de alunos.” (SÃO PAULO - Estado. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Coordenadoria de Gestão da Educação Básica; ALVES et al., 2014, p. 17).

- Há alguma formação específica oferecida pela escola ou pelo Estado sobre a indisciplina escolar ou o tema é abordado nas reuniões de ATPCs?
- Há alguma discussão entre educandos, educadores e gestores sobre os projetos da escola, bem como sobre o Projeto Político Pedagógico sobre o tema?
- Há alguma discussão entre educandos, educadores e gestores sobre a indisciplina escolar e sobre as normas e regimentos escolares?
- Outra informação que julgar necessária.

Além das informações supracitadas, foi realizada análise do ROI, levantando as informações sobre quais eram as principais ocorrências dos alunos caracterizados como indisciplinados pelos professores, pela direção escolar ou por meio das observações. O ROI normalmente é um documento escolar em que se registram os casos de indisciplina dos alunos, com o objetivo de haver um documento para análise de docentes, direção, coordenação, pais, comunidade escolar e autoridades legais. Foram levados em conta apenas os alunos mencionados ou identificados como indisciplinados nas entrevistas e nas aulas observadas respectivamente e o ano em curso. Sendo que verificamos as ocorrências após a realização das entrevistas, dessa forma as escolas A, B, C e D foram verificadas no segundo semestre de 2014 e as escolas E e F no primeiro semestre de 2015, ou seja, houve diferença quanto ao mês de observação das ocorrências, o que pode acarretar um número maior de registros nas escolas observadas de julho a dezembro.

Organização e Análise de Dados

A organização dos dados foi realizada a partir da triangulação das: 1) Observações não-participantes das aulas. 2) Entrevistas semiestruturadas. 3) Análise documental dos registros de ocorrências de indisciplina. A partir da leitura exaustiva de todo material levantado elaboramos categorias para explicitar os comportamentos dos alunos, a opinião de docentes e direção, bem como a forma como lidam com a indisciplina escolar e se há um processo de formação continuada presente nas escolas.

Num primeiro momento, caracterizamos as escolas, posteriormente verificamos as situações ocorridas nas aulas buscando correlação entre as matérias observadas e por último por

meio de trechos de entrevistas, aulas e registros de ocorrências construímos a análise da visão dos professores e equipe gestora sobre indisciplina escolar. Triangulamos os dados levantados a fim de responder à questão principal da presente pesquisa e investigamos se os mesmos alunos são considerados indisciplinados nos diferentes momentos do cotidiano escolar inclusive e principalmente, levando em conta as aulas de EF, analisando a percepção de diferentes professores sobre quais alunos são considerados indisciplinados e os motivos.

Os dados foram categorizados de acordo com a “Análise de Conteúdos” proposta originalmente por Bardin (1979) citada e adaptada por Gomes (2009, p.91, 92 e 105):

Inicialmente procuramos fazer uma leitura compreensiva do conjunto do material selecionado, de forma exaustiva. Trata-se de uma leitura de primeiro plano para atingirmos níveis mais profundos. [...] Na segunda etapa, realizamos uma exploração do material. Tratamos aqui da análise propriamente dita [...] Como etapa final, elaboramos uma síntese interpretativa através de uma redação que possa dialogar temas com objetivos, questões e pressupostos da pesquisa [...] *Análise de conteúdo* aqui apresentada é uma adaptação da técnica original, que vai além dos conteúdos manifestos, aportando um referencial interpretativo [...] (Grifo da Autora).

Adotamos como critério de caracterização dos “alunos considerados indisciplinados” aqueles que observamos no cotidiano escolar e identificamos que se comportavam de maneira a romper e negar esquemas norteadores e reguladores na escola, ou seja, a rupturas relacionadas às esferas pedagógica e normativa da escola que comumente refletem transgressões a parâmetros e esquemas de regulação da escola, cujo eixo seria o processo de ensino-aprendizagem. (GARCIA, 2006) conforme apresentado na revisão. Em seguida averiguamos quais os alunos citados pela direção escolar e pelos professores como considerados indisciplinados nas entrevistas e por último analisamos o registro de ocorrência de indisciplina para verificar as principais ocorrências desses alunos relacionadas com a temática do presente estudo.

Caracterização das Escolas

Escola A – Caracterização da Escola

É uma escola com bastantes recursos e materiais para as aulas práticas de educação física, inclusive com espaços do pátio adaptados como mini quadras de basquete e vôlei. Possui uma quadra oficial coberta, uma sala para xadrez toda equipada com materiais e premiações da escola nessa modalidade. Há grande quantidade de outros materiais como colchonetes, diversas bolas, mesas de tênis de mesa, etc.

Nessa escola havia, em 2014, as seguintes turmas:

Manhã: dois 8º anos, oito 9º anos – ensino fundamental; quatro 1º anos, um 2º ano e um 3º ano – ensino médio;

Tarde: cinco 6º anos, oito 7º anos, três 8º anos – ensino fundamental;

Noite: três 1º anos, cinco 2º anos e quatro 3º anos – ensino médio;

Totalizando dezesseis turmas pela manhã (dez – ensino fundamental e seis – ensino médio), dezesseis turmas à tarde (todas do ensino fundamental) e doze turmas a noite (todas do ensino médio).

Portanto é uma escola grande com uma quantidade imensa de alunos.

Nessa escola observamos:

Duas aulas de história (100 minutos);

Quatro aulas de língua portuguesa (200 minutos);

Três aulas de educação física (150 minutos);

Totalizando nove aulas (450 minutos).

Aconteceram algumas peculiaridades nessa escola:

Não tivemos a oportunidade de observar a 3ª aula de história, pois houve mudança repentina de professor, ou seja, tínhamos realizado o contato com uma professora, que assinou o TCLE, concordando em realizar o estudo, mas de uma semana para outra voltou o professor titular da disciplina e ela perdeu essas aulas. Antes da descrição da aula, é interessante observar que essa professora foi uma das únicas que a escola aceitou que eu observasse as atividades, junto com as aulas de EF e da professora de língua portuguesa, portanto não foi possível realizar o sorteio entre os professores, pois a escola nos informou que poderíamos realizar a pesquisa

somente com esses três professores, no entanto essa professora não era titular da matéria e, além disso, era professora de biologia lecionando aula de história.

Quanto às aulas de língua portuguesa, foram observadas quatro aulas, e não três, como planejado, pois, na segunda aula observada houve reunião, portanto, havia apenas dez alunos presentes, havendo a necessidade, de repetir a observação da turma por mais uma aula.

Escola B – Caracterização da Escola

É uma escola com recursos razoáveis para as aulas práticas de educação física. Possui duas quadras (uma coberta e a outra não), no trajeto entre a sala de aula e a quadra há um trecho com excesso de terra sobre o caminho de concreto e durante o período das observações havia muito barro, pois havia chovido, dificultando o acesso ao espaço das aulas.

Nessa escola havia, em 2014, as seguintes turmas:

Manhã: dois 8º anos, seis 9º anos – ensino fundamental; cinco 1º anos, um 2º ano – ensino médio;

Tarde: quatro 6º anos, cinco 7º anos, cinco 8º anos – ensino fundamental;

Noite: três 1º anos, cinco 2º anos e seis 3º anos – ensino médio;

Totalizando quatorze turmas pela manhã (oito – ensino fundamental e seis – ensino médio), quatorze turmas à tarde (todas do ensino fundamental) e quatorze turmas a noite (todas do ensino médio).

Também, a exemplo da escola A, é uma escola grande com uma quantidade imensa de alunos.

Nessa escola observamos:

Três aulas de língua inglesa (150 minutos);

Três aulas de ciências (150 minutos);

Duas aulas de educação física (100 minutos);

Totalizando oito aulas acompanhadas nessa escola (400 minutos).

Aconteceram alguns imprevistos nessa escola: não conseguimos observar as três aulas de EF previstas, pois no primeiro dia agendado para observação estava ocorrendo um simulado do SARESP e, portanto não houve aula, na segunda aula de EF desse dia os alunos foram dispensados para a correção desse simulado; numa outra data que comparecemos à escola era aplicação do SARESP e, portanto não houve as aulas normais nesse dia e por último

comparecemos numa data que, embora oficialmente ainda houvesse aula, por tratar-se de final de ano muitos alunos não estavam mais frequentando a escola e havia apenas uma aluna presente da turma observada nesse dia.

Escola C – Caracterização da Escola

É uma escola com duas quadras, uma adaptada, de voleibol no pátio, e outra mais acima no terreno após uma escadaria, ambas descobertas. É uma escola com muitos recursos para as aulas práticas de educação física, muitas bolas, tatames, colchonetes, materiais para ginástica, maçãs, mesas de tênis de mesa, aparelho de som com microfone, e até uma mini mesa de bilhar, etc. A professora me informou que a escola obtém recursos de um programa do governo federal (Mais Educação) por uns três anos aproximadamente e essa verba contribui para a compra de materiais.

Nessa escola havia, em 2014, as seguintes turmas:

Manhã: um 7º ano, dois 8º anos, três 9º anos – ensino fundamental; três 1º anos e um 2º ano – ensino médio;

Tarde: cinco 6º anos, cinco 7º anos – ensino fundamental;

Noite: dois 1º anos, três 2º anos e três 3º anos – ensino médio;

Totalizando dez turmas pela manhã (seis – ensino fundamental e quatro – ensino médio), dez turmas à tarde (todas do ensino fundamental) e oito turmas a noite (todas do ensino médio).

É uma escola média com uma quantidade razoável de alunos.

Nessa escola observamos:

Três aulas de língua portuguesa (150 minutos);

Três aulas de matemática (150 minutos);

Quatro aulas de educação física (200 minutos);

Totalizando dez aulas acompanhadas (500 minutos).

Também nessa escola aconteceram alguns fatos dignos de nota: iríamos observar duas aulas de educação física, no entanto, nesse dia, os alunos foram a uma excursão ao Hopi Hari; em outra data estava agendado para observar as aulas de matemática e língua portuguesa, mas ocorreu uma palestra e alteraram o horário das aulas, portanto não foi possível realizar as observações nesse dia. Observamos quatro aulas de EF e não três como planejado, devido a

mudança de espaço: primeiramente, a aula foi na sala; depois no pátio; em terceiro lugar, no pátio e na quadra adaptada de vôlei; e, por último, na quadra oficial descoberta, portanto, queríamos acompanhar o envolvimento dos alunos com as atividades nesses distintos ambientes.

Escola D – Caracterização da Escola

É também uma escola com bastantes recursos e materiais para as aulas práticas de educação física, como mesas de tênis de mesa, minicama elástica, diversas bolas e colchonetes. Possui apenas uma quadra descoberta, mas o pátio possui integração com a quadra e também é utilizado nas aulas.

Nessa escola havia, em 2014 no segundo semestre, as seguintes turmas:

Manhã: três 8º anos e seis 9º anos – ensino fundamental;

Tarde: três 6º anos, três 7º anos e três 8º anos – ensino fundamental;

Noite: dois 1º anos, dois 2º anos e três 3º anos – ensino médio;

Totalizando nove turmas pela manhã (todas do ensino fundamental), nove turmas à tarde (todas do ensino fundamental) e sete turmas à noite (todas do ensino médio – EJA).

No ensino noturno ocorre também a modalidade EJA – ensino de jovens e adultos, portanto com turmas semestrais e não anuais.

É uma escola média com uma quantidade razoável de alunos.

Nessa escola observamos:

Três aulas de língua inglesa (150 minutos);

Três aulas de ciências (150 minutos);

Três aulas de educação física (150 minutos);

Totalizando nove aulas acompanhadas (450 minutos).

Escola E – Caracterização da Escola

É uma escola com recursos razoáveis para as aulas práticas de educação física, com diversas bolas de modalidades esportivas, mesa de tênis de mesa, colchonetes, raquetes e

bolinhas e há duas quadras (uma coberta e a outra não), a quadra que não é coberta é menor e adaptada no espaço ao lado do prédio.

Nessa escola havia, em 2015, as seguintes turmas:

Manhã: três 1º anos, cinco 2º anos e dois 3º anos – ensino médio;

Tarde: três 6º anos, dois 7º anos, três 8º anos e três 9º anos – ensino fundamental;

Noite: não havia ensino noturno nessa unidade escolar.

Totalizando dez turmas pela manhã (todas do ensino médio) e onze turmas à tarde (todas do ensino fundamental).

É uma escola média, com uma quantidade média de alunos, pois não possui o ensino noturno.

Uma peculiaridade dessa escola que merece destaque é o fato do 9º ano do ensino fundamental ser vespertino e não matutino, como ocorreu em todas as outras escolas acompanhadas.

Nessa escola observamos:

Três aulas de geografia (150 minutos);

Três aulas de língua portuguesa (150 minutos);

Quatro aulas de educação física (200 minutos);

Totalizando dez aulas acompanhadas (500 minutos).

Observamos quatro aulas de EF, e não três como planejado inicialmente, pois as duas primeiras aulas foram teóricas, em sala de aula, e quisemos observar mais uma aula prática.

Escola F – Caracterização da Escola

É uma escola com recursos razoáveis para as aulas práticas de educação física, cada professor de EF da escola possui seu próprio armário de materiais separado dos outros, trancado a chave e há algumas bolas dentro desse armário, fato que prejudica o desenvolvimento de uma aula no caso da necessidade de muitas bolas no momento de um jogo, por exemplo, pois só poderá utilizar aquelas limitadas ao seu material, além disso, há colchonetes de uso comum a todos.

Nessa escola havia, em 2015, as seguintes turmas:

Manhã: quatro 8º anos, três 9º anos – ensino fundamental;

Tarde: quatro 6º anos, três 7º anos – ensino fundamental;

Noite: dois 1º anos, dois 2º anos e dois 3º anos – ensino médio, todas da modalidade EJA;

Totalizando sete turmas pela manhã (todas do ensino fundamental) sete turmas à tarde (todas do ensino fundamental) e seis turmas à noite (todas do ensino médio - EJA).

É uma escola pequena com uma quantidade média de alunos.

Nessa escola observamos:

Quatro aulas de história (200 minutos);

Três aulas de língua portuguesa (150 minutos);

Quatro aulas de educação física (200 minutos);

Totalizando onze aulas acompanhadas (550 minutos).

Observamos quatro aulas de EF, pois a primeira e a terceira aulas foram teóricas, e quisemos observar mais uma aula prática. Já em relação às aulas de história, observamos aulas mais, porque na primeira aula estava ocorrendo uma avaliação diagnóstica de matemática do Estado de São Paulo.

QUADRO I - QUADRO DE OBSERVAÇÃO DAS AULAS ACOMPANHADAS

Escola	Resumo das Aulas Observadas		
	Outras matérias	EF	Total
Total	37 aulas	20 aulas	57 aulas¹¹
A	06 aulas	03 aulas	09 aulas
B	06 aulas	02 aulas	08 aulas
C	06 aulas	04 aulas	10 aulas
D	06 aulas	03 aulas	09 aulas
E	06 aulas	04 aulas	10 aulas
F	07 aulas	04 aulas	11 aulas

Fonte: autoria própria

¹¹ Cinquenta e sete aulas de 50 minutos (47 horas e 30 minutos).

TERCEIRO CAPÍTULO: RESULTADOS E REFLEXÕES

Em primeiro lugar, apresentamos os alunos que foram identificados nas observações e/ ou citados pelos professores e direção escolar como os que apresentaram manifestações de indisciplina. Posteriormente analisamos as situações ocorridas em cada aula no ambiente escolar e nos ROI; por último, fizemos uma análise geral comparando os dados entre as escolas e as aulas, verificando assim a ocorrência de casos de indisciplina em diferentes momentos da rotina escolar. Todos os nomes citados abaixo são fictícios.

Escola A

De acordo com os critérios e definições adotadas, relacionamos as entrevistas com as observações, e os alunos considerados indisciplinados, ou que manifestaram comportamentos considerados como indisciplinados na Escola A mencionados pela professora de história foram: Aaron, Alberto, Alessandro e Alexandrino. Observados nas aulas de história: Aaron, Ademar, Adolfo, Adalberto e Adriano.

Mencionados pela professora de língua portuguesa: Aírton, Aaron e Afonso. Observados nas aulas de língua portuguesa: Ademar, Adriano, Adolfo, Alaíde, Alberto, Afonso, Arnaldo, Aaron e Adalberto.

Mencionado pela direção escolar foi Aaron. Na entrevista, com a direção escolar há uma pergunta em que listamos todos os alunos envolvidos com algum ato de indisciplina nas aulas observadas e nas entrevistas com os professores, segue abaixo a resposta da direção sobre esses alunos:

Aaron: É o Aaron seria aquela questão assim é... eu não levo desaforo para casa, né, então qualquer coisa que diz respeito contra as ideias dele, ele responde para o professor e às vezes de maneira agressiva, então é isso aí. Ademar: Ele não... nunca veio conversar comigo. Adolfo: O Adolfo, algumas vezes, mas também em relação à... à conversas paralelas. Adalberto: Não, Adalberto não, não lembro. Adriano: Não. Alaíde: Não. Alberto: Alberto... Alberto, talvez algum comentário sobre o uso de celular. Afonso: Não. Arnaldo: Não, que eu lembre não. Aírton: Não. Alessandro: O Alessandro, o uso também de celular, em horas... durante, durante as aulas. Alexandrino: Não, não lembro de conversar com ele não. Alfredo: Também não. (ENTREVISTA COM A COORDENADORA).

Mencionado pelo professor de educação física foi Alfredo. Não foi observado comportamento considerado indisciplinado nas aulas de educação física.

Abaixo temos o quadro II elaborado a partir dos dados coletados nos ROIs. Para cada escola utilizamos um quadro desse abaixo. Esses quadros foram elaborados por nós a posteriori das coletas de dados nos ROIs existentes nas escolas, a partir das informações obtidas nos registros. Para a sua elaboração, conforme as situações descritas nas ocorrências no ROI eram mencionadas, acrescentávamos nos quadros de ocorrências tal manifestação, somando-se ao total de situações encontradas em todas as escolas. Procuramos também seguir um padrão nesses quadros, portanto podemos observar que em algumas escolas, diversas ocorrências ficaram em branco, adiante também discutiremos as diferenças na utilização desses documentos pelas escolas e sua relevância. Os comportamentos abaixo levantados resultam da somatória dos dados encontrados no ROI.

QUADRO II - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola A – 9º Ano 01¹² (20/11/2014)

	Adolfo	Aaron	Alberto	Arnaldo	Ademar	Adalberto	Adriano	Alaíde	Afonso	Airton	Alessandro	Alexandrino	Alfredo	Total
Agredir fisicamente														00
Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunçar e conversar	01													01
Realizar brincadeiras														00
Comer na sala de aula														00
Desrespeitar a diretora														00
Desrespeitar os colegas														00
Desrespeitar os funcionários														00
Desrespeitar o professor														00
Desrespeitar as regras														00
Discutir verbalmente														00
Sair do lugar do mapa de sala														00
Sair da aula sem autorização														00
Jogar bolinhas de papel, aviões, borrachas, etc. “Matar Aula”														00
Não obedecer / Retrucar às ordens / Esnobar	01													01
Não realizar as atividades		01	01											02
Não trazer o material														00
Passear pela sala de aula														00
Sair da sala sem autorização	01													01
Não trajar uniforme														00
Utilizar aparelhos eletrônicos	03	02	01	02										08
Utilizar palavras de baixo calão														00
Outros														00
MEDIDAS ADOTADAS														
Aviso, Comparecimento ou Convocação dos Pais														00
Colocado para fora da sala de aula	01													01
Encaminhado à Direção/Coordenação/Mediação														00
Suspenso														00

Fonte: Autoria Própria

¹² O Número 01 é referente à turma dessa escola, pois todas as turmas foram identificadas por numerais.

Descrição das situações de indisciplina (caso a caso)

Segue abaixo uma análise detalhada dos casos de indisciplina ocorridos nas aulas observadas, citados nas entrevistas e verificados na análise documental. Analisamos os alunos que foram citados ou observados e considerados indisciplinados por algum professor, pela direção escolar e por meio das nossas observações realizadas nas aulas. Analisamos quais as situações ocorridas nas aulas, como ocorreram tais comportamentos nas aulas de EF, se houve coincidências das situações nas aulas acompanhadas e se houve menção no ROI.

Embora não possamos afirmar que situações sem registros não tenham ocorrido (pode ser que os professores não tenham registrado alguns casos de indisciplina), triangulando os dados com as entrevistas respondidas e as observações, pudemos reconhecer quais situações ocorreram com maior frequência e em quais momentos. Nessa escola não há o hábito de se registrarem todas as ocorrências dos alunos no ROI, haja vista a baixa quantidade de registros presentes no caderno. Outro fato que merece destaque é que não havia nenhuma ocorrência registrada pelo professor de EF. Além disso, só havia ocorrências registradas pela professora de ciências, com exceção de uma ocorrência registrada pela professora de língua inglesa sobre a turma em geral: “Sala extremamente barulhenta com muitas brincadeiras infantis. Alunos sem compromisso com as atividades propostas e que desafiam, a todo momento, a autoridade dos professores” (ROI, 05/09/2014).

Com relação ao ROI a maioria dos registros referiu-se ao uso de celulares, além de ocorrência sobre a não realização das atividades e atrapalhar o andamento das aulas, comportamentos coincidentes com o que foi constatado nas observações das aulas de história e língua portuguesa:

Data: 29/09/2014

Matéria: Ciências

Ocorrência: “O aluno Aaron se recusou a fazer a recuperação proposta. Ficou as duas aulas usando celular em sala”.

Data: 15/09/2014

Matéria: Ciências

Ocorrência: “O aluno Adolfo estava atrapalhando a avaliação. Pedi para sair da sala”.

Data: 29/09/2014

Matéria: Ciências

Ocorrência: “Adolfo estava usando celular em aula. Chamei a atenção, se ofendeu e disse que ia sair e saiu”.

Dessa forma questionamos a validade desse ROI, pois houve comportamentos considerados indisciplinados nas observações, os professores e direção escolar relataram isso nas entrevistas, mas isso não estava refletido nesse documento de registros dessa escola, até porque já existe um documento oficial que pode e é utilizado para isso, que é o diário de classe, como notamos na entrevista com a professora de língua portuguesa dessa escola:

[...] A gente bate na tecla, já fiz relatório no meu diário de classe, porque hoje a gente sabe que o documento oficial mesmo que o juiz dá como documento é o diário de classe, tanto que tem até aquele caderno¹³ que você viu, que é o caderno que passa de mão em mão de professores para que a gente possa olhar mais diretamente o aluno, todos os professores. Mas é um caderno que nem sempre dá tempo de anotar naquele caderno, mas no meu diário, meu diário é lotado de anotação [...]

Nas aulas observadas de história, as situações registradas envolveram: conversas que atrapalhavam a aula, uso de aparelhos eletrônicos¹⁴, desrespeito entre os alunos (aluno fechando a porta na cara de colega), desrespeito dos alunos com a aula e com a professora (não realizar as atividades e não prestar atenção na explicação da professora) e brincadeiras durante as aulas:

[...] Um aluno chegou atrasado e o Aaron abriu e fechou a porta na cara do aluno, a professora deu uma bronca no Aaron, ele abriu a porta e o aluno entrou e nada demais ocorreu [...] O Aaron estava usando fone de ouvido durante as apresentações e deitado de bruços em alguns momentos, isso não incomodou a professora [...] Ademar, Adolfo e Adalberto estavam em pé e conversando sobre o trabalho durante as apresentações, atrapalhando as mesmas e a professora deu uma bronca neles, pedindo para parar com a conversa, eles se comportavam por um certo tempo, mas após um período retomavam as conversas. [...] Ademar, Adalberto, Adolfo e Adriano estavam conversando, mexendo no celular, tirando fotos e fazendo piada entre eles, atrapalhando o ambiente da aula, mas estavam copiando [...] (AULAS 01 e 02)¹⁵.

Nas aulas observadas de língua portuguesa houve: conversas que atrapalhavam a aula, gritos, uso de aparelhos eletrônicos, desrespeito com a aula e com a professora, não realização de atividades propostas, brincadeiras durante as aulas:

[...] Ademar, Adriano e Adolfo continuavam com as conversas, Alaíde estava puxando conversa e gritando com os outros colegas, mas a professora não falava nada a respeito. Durante a chamada a professora deu uma bronca no Afonso e no Arnaldo por conversas que atrapalhavam a aula, eles pararam no momento da bronca, mas depois recomeçaram. [...] O Aaron estava brincando com o celular e a professora deu uma bronca e disse que ia confisca-lo e leva-lo à diretoria se ele não guardasse o

¹³ A professora citou o caderno que se refere ao ROI.

¹⁴ Segundo legislação Estadual de SP é proibido o uso de aparelho eletrônico nas aulas.

¹⁵ Adotamos como padrão o modo de representar as aulas nesses excertos, sendo que aulas 01, 02, etc. significam trechos retirados das aulas citadas.

aparelho. O Aaron guardou o celular, mas continuou brincando, falando e sem fazer a prova. A professora foi até ele e pediu que ele fizesse as atividades, foi então que ele começou a realizá-las, faltando apenas dez minutos para encerrar a aula. [...] Adalberto, Ademar, Adolfo e Adriano estavam conversando, às vezes em pé, atrapalhando a aula, a professora deu uma bronca, mas eles continuaram, após uns cinco minutos a professora deu outra bronca e reduziram um pouco as conversas. [...] O Adriano estava conversando, a professora deu uma bronca e pediu para ele colocar a sua mesa ao lado dela. Ele colocou e ficou fazendo as atividades, virado de frente para a turma. (AULAS 01, 02 e 03).

Notamos nos trechos acima que os comportamentos se repetiram nas aulas de história e língua portuguesa, e que a maioria dos alunos participantes das situações coincidiu nas duas matérias. Na entrevista de língua portuguesa foram citados três alunos considerados indisciplinados e verificamos dois deles nesses atos nas observações, no entanto na entrevista com a professora de história percebemos uma certa disparidade entre o que foi dito e o que observamos, sendo que apenas um aluno coincidiu entre os quatro citados pela professora

Entretanto devemos dar um peso maior ao que foi mencionado pela professora, pois ela está constantemente com a turma no decorrer do ano letivo, sendo que nós observamos apenas duas aulas dessa docente devido aos limites da pesquisa, como tempo de permanência em cada escola e as peculiaridades que ocorreram nessa instituição¹⁶ o que pode justificar essa discrepância.

Já com relação à coordenadora pedagógica, ela citou apenas um aluno como considerado indisciplinado: “Tem um aluno em especial que eu não vou dizer para você que ele é indisciplinado, talvez ele tenha assim, uma certa liderança, e essa liderança, é de maneira, às vezes, negativa. Seria Aaron [...]”, esse aluno foi apontado pelas professoras de língua portuguesa e história entrevistadas e também durante as observações apresentou atos de indisciplina.

As três aulas observadas de EF foram práticas, com exceção de alguns minutos de uma aula:

O professor fez algumas perguntas teóricas sobre a organização de torneios e campeonatos. Os alunos participaram, inclusive com bastante conversa entre eles, mas referente ao assunto. Após uns cinco minutos de teoria e a chamada fomos à quadra. (AULA 03).

Nas aulas observadas de EF houve, em menor quantidade que nas outras matérias, conversas referentes ao conteúdo, conversas em geral e uso de aparelhos eletrônicos, entretanto

¹⁶ Nessa escola, a professora estava substituindo outro docente na época em que realizamos as observações, e quando o titular do componente curricular voltou, tivemos que suspender as observações, pois era uma das docentes que a escola tinha autorizado para a realização da pesquisa.

apesar de serem atos de indisciplina que também ocorreram em outras aulas, a percepção de indisciplina é menor, pois eram em momentos que não atrapalhavam as atividades, como por exemplo, no caminho para a quadra e em momentos que os alunos estavam aguardando a sua vez de jogar. Outro fato que merece destaque é a própria natureza da aula que torna o ambiente da EF mais propício às conversas e outras atividades dos alunos sem atrapalhar, por exemplo, num ambiente fechado em uma produção de texto, qualquer barulho pode atrapalhar sensivelmente a atenção e a concentração dos alunos, já num ambiente aberto durante o desenvolvimento de um jogo de vôlei, o barulho proveniente de conversas e outras atividades torna-se menos perceptível.

No entanto na entrevista do professor de EF notamos um caso de agressão de um aluno com o professor:

Olha! Tinha um caso. Inclusive esse ano ele pegou e deu uma cusparada em mim. Mas nem ele soube dizer por que ele fez isso. Nós conversamos e está tudo acertado assim. Esse foi o único caso. É uma sala muito tranquila. O nome dele é Alfredo.

O professor não deu tanta importância ao ocorrido no decorrer do ano letivo e muito menos na entrevista evidenciado pela sua própria fala, portanto trata-se de um caso isolado de agressão que não teve maiores consequências, principalmente devido à postura adotada pelo professor. Mesmo assim relatamos que se trata de um aluno em uma situação isolada na aula de EF e que o mesmo não foi citado pelos demais entrevistados, não havia registro no ROI e nas aulas não observamos nenhum ato indisciplinar do aluno em questão. Entretanto voltamos a questionar a utilização do ROI, pois esse fato não foi mencionado em nenhum momento no mesmo.

Assim sendo temos que nessa escola (Escola A) os alunos considerados indisciplinados no cotidiano e em outros momentos da rotina escolar, como aulas de algumas disciplinas, história, língua portuguesa, ciências, por exemplo, não são considerados indisciplinados pelo professor de EF, como evidenciado em sua fala: “Esse foi o único caso. É uma sala muito tranquila”. E também as situações observadas nas demais matérias ocorreram, mas com menor intensidade nas aulas e espaços de EF.

Escola B

De acordo com os critérios e definições adotadas, os alunos considerados indisciplinados na Escola B mencionados pela professora de língua inglesa: Basílio, Berta, Breno, Bento, Bartolomeu, Bob, Beto, Bianca, Bruna e Bernardo. Observados nas aulas de língua inglesa foram: Berta, Bete, Bento, Beto, Bastos, Bruna, Breno, Basílio, Benício, Benjamin e Bernardo.

Não houve alunos considerados indisciplinados mencionados pelo professor de ciências. Observados nas aulas de ciências foram: Bernardo, Berta, Bete, Bastos, Bento, Benício, Basílio, Breno, Borges, Bartolomeu e Benjamin.

Mencionados pela direção escolar foram Benício, Basílio e Brigitte. Quando questionada especificamente sobre os alunos envolvidos com algum ato de indisciplina nas aulas observadas e nas entrevistas com os professores, a resposta da vice-diretora foi a seguinte:

Berta: Então para direção da escola, não, não é uma aluna que tem histórico de ser indisciplinada. Bete: Bete já tem assim ocorrência de uma aluna, que se recusa a fazer as atividades na sala de aula, então já entra como um quadro de indisciplina. Bento: Também, mesmo caso, já é um aluno citado bastante aqui pelos professores, reclamam, os professores procuram e fazem essa reclamação verbal. Beto: Não, Beto, também não tenho queixas, pelo menos não chegou até a direção da escola queixas sobre o Beto. Bastos: Também não. Bruna: Não. Benício: Sim, Benício é um aluno bastante citado, bastante citado, além dele, assim, se recusa a fazer a atividade, não traz o material pedido, não realiza as atividades propostas, desafia o professor, assim, o tempo todo, o professor tem que chamar atenção, aqui mesmo fora da sala de aula, é um aluno indisciplinado, então esse eu diria assim muito indisciplinado. Basílio: Basílio, também, menor grau do que o Benício, mas também indisciplinado. Benjamin: Não. Breno: Não. Bartolomeu: Também não. Borges: Pouco, assim, já houve queixas dele, mas nada assim muito corriqueiro. Bernardo: O Bernardo também, o Bernardo tem bastante reclamações dele, também na mesma linha dos outros, não produz, não traz material, nesse sentido, e geralmente com relação à direção, eles já têm assim um pouco mais de timidez, mas é bem citado pelos professores. Betânia: É Betânia, um pouco também, também é um pouco indisciplinada, tudo com relação assim de não produzir as atividades, não fazer as atividades propostas. Bob: Não. Bianca: Não. (ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA).

Mencionados pelo professor de educação física foram: Bernardo, Beto e Betânia. Observados nas aulas de EF foram: Bento, Breno, Berta, Bernardo, Bartolomeu e Benjamin. No entanto um fato merece destaque, durante a observação do tempo de aulas práticas, o professor deixou os alunos livres e não cobrou a participação nas atividades, portanto os alunos Bernardo, Benício e todas as meninas com exceção da Bela não participaram das aulas, mas, ao

nosso ver, isso não se caracteriza como indisciplina, pois o professor não cobrou a participação de nenhum aluno em nenhuma atividade.

Abaixo temos o quadro III elaborado a partir das observações nos registros de indisciplina dos alunos.

QUADRO III - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola B – 9º Ano 02 (25/11/2014)

	Bernardo	Borges	Bob	Beto	Berta	Basílio	Bete	Brigite	Bruna	Benício	Bento	Bartolomeu	Bastos	Breno	Bianca	Benjamin	Betânia	Total
Agredir fisicamente								01										01
Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunçar e conversar	24	16	25	05	12	16	07	02	07	05	07	10	07	03	04	07	04	161
Realizar brincadeiras	10	05	09	02	04	06	02		03	02	03	05	02	02	02	03	02	62
Comer na sala de aula																		00
Desrespeitar a diretora																		00
Desrespeitar os colegas			01								01							02
Desrespeitar os funcionários																		00
Desrespeitar o professor	01		01				01											03
Desrespeitar as regras																		00
Discutir verbalmente																		00
Sair do lugar do mapa de sala	01		01		02	01	02	02						01				10
Sair da aula sem autorização				01	01		01											03
Jogar bolinhas de papel, aviões, borrachas, etc. "Matar Aula"			01			01				02								04
Não obedecer / Retrucar às ordens / Esnobar	06	03	02	02	04	02	04	02			01	01	02	01		01		31
Não realizar as atividades	18	30	14	36	14	13	14	19	09	07	09	06	08	09	06	05	07	224
Não trazer o material	06	07	07	03	01	08	02	01	04	05	04	03	02	02	01			56
Passear pela sala de aula	02				01													03
Sair da sala sem autorização						01												01
Não trajar uniforme																		00
Utilizar aparelhos eletrônicos	01			04	05		03	04			01							18
Utilizar palavras de baixo calão																		00
MEDIDAS ADOTADAS																		
Outros	05	07	03	08	11	07	12	09 ¹⁷	06	03	02	02	02	02	07 ¹⁸	02	02	90
Aviso, Comparecimento ou Convocação dos Pais	03	01	02	03		01	01	03		03								17
Colocado para fora da sala de aula	01	02	01		01								01					06
Encaminhado à Direção/Coordenação/Mediação	01	02	01	01	01	01	01	01		02								11
Suspensão					01		01	01 ¹⁹										03

Fonte: Autoria Própria

¹⁷ Uma dessas nove ocorrências é um elogio

¹⁸ Uma dessas sete ocorrências é um elogio.

¹⁹ Essa suspensão seria para a aluna não retornar à escola por poder sofrer represálias dos colegas, devido a violência da aluna.

Descrição das situações de indisciplina (caso a caso)

Nessa escola, havia o hábito de se registrarem as ocorrências dos alunos no ROI, fato percebido pela alta quantidade de registros presentes e apontadas no quadro III. Havia registros de ocorrências de indisciplina de quase todos os professores, com exceção de artes e educação física e observou-se uma predominância dos professores de ciências e matemática.

Com relação ao ROI, a maioria dos atos de indisciplina possuiu algum registro, sendo uma predominância para a não realização de atividades, não trazer o material didático, conversar, brincar e atrapalhar o andamento das aulas, comportamentos semelhantes com o que foi constatado nas observações das aulas de língua inglesa e ciências:

Data: 10/03/2014 (Bernardo)

Matéria: Matemática

Ocorrência: “Não realiza as atividades, não copia a pauta, não coloca data, ou ficou conversando ou lendo um livro que solicitei que guardasse por 3 vezes”.

Data: 22/08/2014 (Borges e Bob)

Matéria: Língua portuguesa

Ocorrência: “Durante a explicação da avaliação da aprendizagem (produção textual) atrapalharam com conversas paralelas e brincadeiras e por diversas vezes, solicitei que ficassem em silêncio, mas não atenderam ao pedido, sendo assim, não me restou outra alternativa senão manda-los se retirarem da sala. Esta atividade está valendo três pontos, portanto, estes alunos ficarão sem esta nota”.

Data: 01/09/2014 (Basílio, Bob, Benício)

Matéria: Língua inglesa

Ocorrência: “O aluno picou a borracha e ficou jogando-a nos colegas atrapalhando a aula e tirando a atenção dos mesmos, pois eu estava explicando matéria. O mesmo não faz as lições, só atrapalha sempre. Chamei sua atenção. Direção: Informei os responsáveis via telefone: alunos se retrataram com a professora”.

Questionamos a utilização do ROI nas escolas, pois se na Escola A ele quase não é utilizado, na Escola B ele é utilizado em excesso (sete alunos com mais de cinquenta ocorrências em dez meses).

Nas aulas observadas de língua inglesa houve conversas, uso de aparelhos eletrônicos, desrespeito dos alunos com a aula e com a professora (alunas atrapalhando a explicação e aluno não realizando as atividades propostas), passeios pela sala de aula, não realização de atividades propostas e brincadeiras durante as aulas:

[...] Nesse momento da correção ocorreram algumas conversas, mas nada que atrapalhasse a aula, com exceção da Berta e da Bete que conversavam alto, interferindo na aula, sendo que a professora interrompeu a atividade para chamar a

atenção da Berta. Os alunos Bento, Beto, Bastos e Bruna estavam ouvindo música com fone de ouvido em uma orelha apenas, entretanto a professora não fez nada [...] O aluno Beto estava ouvindo o fone de ouvido e não realizava as atividades propostas. [...] Bento estava conversando alto, atrapalhando a aula e a professora deu uma bronca nele pedindo para o mesmo parar. A Berta e a Bete estavam atrapalhando a explicação e a professora disse à Berta que se ela quisesse, ela podia sair da sala. O Benício permaneceu a aula toda com fone de ouvido e a professora via a situação e não falava nada. [...] Bernardo conversando e fazendo brincadeiras, a professora chamou sua atenção. (AULAS 01, 02 e 03).

Com relação à professora de língua inglesa, a professora citou uma aluna em especial com comportamento considerado indisciplinado e disse o seguinte:

Berta, ela é uma menina que fala muito, e ela tem uma amiga do lado dela, o dia que essa Berta não está presente, a amiga funciona muito bem, ela trabalha muito bem, ela desenvolve muito bem, mas o dia que a Berta está lá, elas conversam muito, e a Berta não é uma má aluna, mas essa conversa atrapalha o rendimento das duas.

Notamos também que quando a outra aluna não está presente, os comportamentos descritos acima são mais raros de ocorrerem: “Um fato interessante é que a Bete havia faltado nesse dia e conseqüentemente a Berta não conversava com ninguém.” (OBSERVAÇÃO – AULA 03). Outro fato que merece destaque é que essas alunas possuíam muitas ocorrências registradas no ROI juntas. São alunas com certa afinidade entre elas e conversavam bastante.

Nas aulas observadas de ciências houve conversas, gritos, desrespeito dos alunos com a aula (conversas durante a aula, não trazer o material), passeios pela sala de aula, comparecimento sem o material didático e brincadeiras durante as atividades:

[...] Berta e a Bete conversavam durante as explicações, atrapalhando a aula. [...] Bento tentando puxar conversa com seus colegas e o professor deu uma bronca pedindo para o mesmo parar e o aluno respeitou. Os alunos Benício, Basílio e Bastos estavam conversando durante as explicações atrapalhando a aula. O Breno brincava e gritava, atrapalhando a aula e isso gerava reclamações dos outros alunos. [...] No começo da aula, enquanto o professor estava anotando alguns itens em seu diário de classe, havia conversas entre Breno, Borges, Benício e Bartolomeu. Benjamin e Bento começaram a trocar socos de brincadeira. Posteriormente Benício e Bartolomeu também começaram com essa brincadeira. [...] Bartolomeu não tinha trazido o caderno do aluno e o professor passou um bilhete aos pais. (AULAS 01, 02 e 03).

Notamos nos trechos acima que os comportamentos se repetiram nas aulas de ciências e língua inglesa, e que a maioria dos alunos participantes das situações coincidiu nas duas matérias. Na entrevista com a professora de língua inglesa foram citados dez alunos considerados indisciplinados e verificamos sete deles nesses atos nas observações, no entanto na entrevista com o professor de ciências percebemos uma certa disparidade entre o que foi dito e o que observamos, sendo que o professor não citou nenhum aluno considerado indisciplinado

e nas observações encontramos onze alunos em situações de indisciplina. Já com relação à direção escolar (vice-diretora), ela citou apenas três alunos como considerados indisciplinados:

[...] Nessa sala, assim têm vários alunos indisciplinados, de acordo com o contrato que o professor faz na sala de aula, mas trazendo isso para a área externa, fora da sala de aula, os alunos Benício, Basílio, esses dois, eles são alunos assim que eles não cumprem regra nenhuma, não cumprem regra na sala de aula, não cumprem regra no pátio, com relação ao respeito com os funcionários do pátio, não cumprem regras quando a direção chama para advertir, para orientar, conversar, fazer um combinado, eles não cumprem, então esses alunos definitivamente assim eu considero muito indisciplinados, e tem uma aluna na sala que é um caso a parte, que é a Brigitte, que já ultrapassa a barreira da indisciplina, ao meu ver, ela já é uma aluna com quadro de violência, uma aluna agressiva, uma aluna que ela não é de falar muito, ela, assim, é um tanto quieta, porém é muito agressiva, [...].

Desses três alunos, apenas o Basílio foi apontado pela professora de língua inglesa como envolvido em atos de indisciplina na entrevista, no entanto constatamos nas observações atos de indisciplina do Basílio e do Benício, não observamos atos de indisciplina da Brigitte, pois pela própria fala da diretora ela é uma aluna que na maior parte do tempo é quieta, mas que em momentos esporádicos deflagra de forma violenta. No entanto quando questionada especificamente sobre a lista dos alunos que encontramos com atos de indisciplina nas aulas e nas entrevistas a direção concordou que seis alunos se comportavam de maneira indisciplinada.

Dentre as duas aulas observadas de EF tivemos trinta e cinco minutos de aula teórica e sessenta e cinco minutos de aula prática.

Na parte teórica de EF houve conversas, uso de aparelhos eletrônicos, desrespeito dos alunos com a aula e com o professor (aluna dormindo durante a aula e a explicação e discussão da mesma discente com o docente), não realização de atividades propostas, passeios pela sala e brincadeiras durante as aulas:

Bento estava conversando e jogando papeis na sala, enquanto o professor passava a matéria na lousa. Breno passeando pela sala e Berta não estava copiando a matéria, pois estava dormindo. Durante a explicação do professor havia silêncio e respeito dos alunos. Na explicação tinha alunos com fone de ouvido e a Berta continuava dormindo, mas isso não incomodava o professor. [...] Após o professor passar o trabalho iríamos à quadra, mas antes do professor autorizar, os alunos Breno, Benjamin e Bernardo ficaram em pé e o professor deu uma bronca e pediu para eles sentarem e eles se sentaram. O professor fez a chamada e fomos à quadra, faltando quinze minutos para encerrar essa primeira aula, o professor discutiu com a Berta: “Toda aula, você quer ficar aqui na sala, pode ir subindo”. Ela disse: “Que toda aula, o que? É a primeira vez”. (AULA 01).

Na parte prática de EF houve conversas em geral, uso de vestimentas inadequadas à prática de atividades físicas e uso de aparelhos eletrônicos, embora essas ações não sejam

permitidas no contexto escolar, na situação observada tais fatos não foram considerados de indisciplina, pois o professor tinha deixado a aula livre sem cobrar a participação dos alunos e não há um rigor na escola em relação às roupas dos alunos.

Na entrevista de EF foram citados três alunos considerados indisciplinados e verificamos seis alunos cometendo atos de indisciplina nas observações, sendo que apenas um coincidiu com o que foi dito pelo professor e constatado nas nossas observações. No entanto entre todos esses alunos, citados e observados, a maioria coincidiu com as observações nas demais aulas e com a entrevista realizada com a professora de língua inglesa. Sendo que os atos de indisciplina que ocorreram nas aulas de EF, foram todos na parte teórica.

Assim sendo temos que nessa escola (Escola B) os alunos considerados indisciplinados no cotidiano e em outros momentos da rotina escolar, como aulas de alguns componentes curriculares, língua inglesa e ciências, por exemplo, possuíam esse comportamento na parte teórica das aulas de EF, na parte prática o professor deixou livre, não cobrando a participação dos alunos em nenhuma atividade, e não foi observada nenhuma ocorrência indisciplinar por esse motivo.

Escola C

De acordo com os critérios e definições adotadas, os alunos considerados indisciplinados na Escola C mencionados pela professora de matemática: Celso e Célio. Observados nas aulas de matemática foram: Cristiana, Camilo, Camélia, Cristino, Clóvis, Carlota, Cristiano, Caíque e Cândido.

Mencionados pela professora de língua portuguesa: Cândido, Carvalho e Cristina. Observados nas aulas de língua portuguesa foram: Camilo, Camélia, Cristino, Carlota, Crispim e Cândido.

Mencionados pela direção escolar foram: Cândido e Cris. Quando questionada especificamente sobre os alunos envolvidos com algum ato de indisciplina nas aulas observadas e nas entrevistas com os professores, a resposta da direção foi o seguinte:

Cristiana: A Cristiana não tem nenhuma ocorrência. Camilo: Então são casos assim, às vezes tão simples lá de uma aula, que você observou alguma coisa, mas nada tão grave que chegue para gente aqui. O Camilo tem uma ocorrência com a mediação, que ele não fica sentado e num outro momento que ele entrou depois do professor, só isso. Então isso não é considerado uma indisciplina grave. Camélia: A Camélia

também não tem nenhuma ocorrência na direção. Cristino: Também não. Nenhuma ocorrência. Clóvis: Também não. Carlota: Também não, não tem nada. Cristiano: Também não tem ocorrência na direção. Caíque: Também não. Cândido: O Cândido eu já citei para você. Crispim: Nenhuma ocorrência. Celso: Nenhuma ocorrência. Célio: Nada. Carvalho: O problema do Carvalho que eu tenho registrado na direção é que ele faltou com respeito uma vez com um professor, quando o professor pediu para que ele prestasse atenção, que se não ele poderia ser prejudicado, ele respondeu ao professor que o professor não pagava as contas dele. Por isso que eu tive que chamar a atenção dele, então foi um momento que aconteceu lá em maio, depois disso, depois da convocação do responsável, não aconteceu mais. Então a gente acredita que o responsável conseguiu controlar essa situação. Cristina: Também não tenho nada da Cristina. Carmen: Também não. (ENTREVISTA COM A DIRETORA).

Mencionados pela professora de EF foram: Cristina, Carmen e Cândido. Observados nas aulas de educação física foram: Cristiano, Cândido.

Abaixo temos o quadro IV elaborado a partir das observações nos registros de indisciplina dos alunos:

QUADRO IV - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola C – 9º Ano 03 27/11/2014

	Cândido	Camilo	Carvalho	Clóvis	Camélia	Cristiana	Celso	Cris	Caíque	Cristino	Cristina	Carlota	Cristiano	Crispim	Célio	Carmen	Total
Agredir fisicamente																	00
Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunçar e conversar	01	02	03	01	01	01											09
Realizar brincadeiras				01													01
Comer na sala de aula																	00
Desrespeitar a diretora	01																01
Desrespeitar os colegas	01							01		01							03
Desrespeitar os funcionários																	00
Desrespeitar o professor	01	01	02	01													05
Desrespeitar as regras																	00
Discutir verbalmente																	00
Sair do lugar do mapa de sala			01	01													02
Sair da aula sem autorização	02				01	01											04
Jogar bolinhas de papel, aviões, borrachas, etc. “Matar Aula”		01						01									02
Não obedecer / Retrucar às ordens / Esnober	03	03	02														08
Não realizar as atividades			01	01			01		02		01						06
Não trazer o material																	00
Passear pela sala de aula																	00
Sair da sala sem autorização	01	01															02
Não trajar uniforme																	00
Utilizar aparelhos eletrônicos	02	02	02	01	01	01	02		01								12
Utilizar palavras de baixo calão	01																01
Outros	04	04	02	01				01									12
MEDIDAS ADOTADAS																	
Aviso, Comparecimento ou Convocação dos Pais	05	02	03	01	02	02	02	01		01							19
Colocado para fora da sala de aula																	00
Encaminhado à Direção/Coordenação/Mediação	09	03	03	01	02	02	01	02		01							24
Suspensão	01																01

Fonte: Autoria Própria.

Descrição das situações de indisciplina (caso a caso)

Nessa escola havia o hábito de se registrarem as ocorrências dos alunos no ROI, sem exageros e omissões, fato percebido pela quantidade razoável de registros presentes e apontadas no quadro IV. Havia registros de ocorrências de indisciplina de diversos professores, havendo registro da professora de educação física.

Com relação ao ROI, a maioria dos atos de indisciplina possuiu algum registro, sendo uma predominância para “Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunça e conversas”, e “Utilizar aparelhos eletrônicos”, comportamentos semelhantes com o que foi constatado nas observações das aulas de língua portuguesa e matemática:

Data: 27/02/2014 (Camilo e mais dois alunos)

Matéria: Equipe Gestora / Língua portuguesa

Ocorrência: “A professora Carolina pediu para eu e o professor coordenador Caio conversarmos com os alunos, pois os três estavam conversando excessivamente, atrapalhando as atividades. O aluno Camilo faltou com respeito a professora, dizendo que não gostava dela e usando fone de ouvido. Todos participamos da conversa, inclusive a professora. Os alunos prometeram mudar a postura, porém o aluno Camilo permaneceu o tempo todo fazendo brincadeiras e não levou a sério a conversa. Diante disso o aluno Camilo levou convocação aos responsáveis. Obs.: Após conversarmos, Caio, Camilo e eu, o professor Caio decidiu não convocar os responsáveis, já que Camilo prometeu mudar sua postura em sala de aula.”

Data: 24/03/2014 (Carvalho)

Matéria: Não Identificado

Ocorrência: “Não produz nada, atrapalha o tempo todo quando chama sua atenção ignora e continua fazendo o que já estava, só mexe no celular”.

Data: 01/04/2014 (Clóvis e mais cinco alunos)

Matéria: Equipe Gestora (Reunião de responsáveis, equipe gestora e alguns professores)

Ocorrência: “A professora Cacilda disse sobre o mapa da sala, que não é respeitado, o uso do celular que é constante, a falta de postura e pouco caso dos alunos que muitas vezes ficam de costas para o professor durante a explicação. Falou também sobre os projetos, principalmente sobre o projeto “Indisciplina Zero”, a apatia dos alunos é constante. A professora Carolina disse aos pais que o compromisso maior de cada responsável é com o seu filho, mesmo com tantos trabalhos, a prioridade tem que ser com o filho, relatou também que é muito difícil trabalhar com a turma do 9o 03, que várias vezes, ela se sentiu frustrada, pois a falta de respeito e a falta de vontade são constantes. Solicitou e orientou os pais a sempre estarem presentes na escola”.

Data: 18/02/2014 (Cris e mais cinco alunos) Matéria: Equipe Gestora Ocorrência: “Após o Projeto sobre bullying, os alunos voltaram para sala e começaram a tirar sarro e colocar apelidos no aluno Caíque. Os alunos levaram convocação aos responsáveis que deverão comparecer à escola dia 20/02 às 8 horas”.

Nas aulas observadas de matemática houve conversas, desrespeito dos alunos com a aula e com a professora (aluna dormindo durante a aula), passeios pela sala de aula, não realização de atividades propostas e brincadeiras durante as aulas:

[...] A Cristiana estava dormindo e a professora chamou sua atenção, a aluna mudou de lugar do fundo para frente da sala de aula e começou a copiar a lição. Ocorreram conversas entre o Camilo, a Camélia e o Cristino atrapalhando a aula, sendo que a Camélia também passeava pela sala tentando puxar conversa. [...] A professora chamou a atenção do Clóvis que estava conversando e do Cristino que estava em pé e não realizavam as atividades propostas, ambos se sentaram e começaram a participar da aula. O Cristino sentou no lugar da Carlota, e a mesma ficou em pé conversando com ele, após um tempo o Cristino sentou no seu lugar e disse: “Não entendi nada”, após isso levantou do lugar e ficou passeando pela sala mexendo com seus colegas. [...] Após a explicação, os alunos começaram a realizar as atividades e retomaram as conversas baixas, O Camilo estava gritando e a professora deu uma bronca e fez uma pergunta em relação ao conteúdo da aula, e ele respondeu corretamente. (AULAS 01 e 02).

Nas aulas observadas de língua portuguesa houve conversas, gritos, passeios pela sala, utilização de aparelhos eletrônicos e brincadeiras durante as aulas:

[...] Após a correção a professora começou a passar um texto na lousa e nesse momento ocorreu uma conversa, atrapalhando a aula, entre a Camélia e a Carlota. A Camélia fez uma piada e pediu aplausos aos colegas, os mesmos aplaudiram e a professora foi até o lugar da Camélia e deu uma bronca na mesma que parou com esse comportamento. Estavam ocorrendo conversas enquanto a professora passava o texto, mas nada que caracterizasse a indisciplina, quando a professora foi explicar, ela disse: “Gente, já deu”, o Camilo brincou com a fala: “Já deu professora?” A professora deu uma bronca e o aluno respeitou, assim a professora explicou o texto. [...] Crispim estava com o celular, a professora pediu para ele guardar, pois, segundo a professora, na ATPC foi explicado aos professores que não seria permitido, em hipótese alguma, o uso de celulares. [...] A professora precisou sair para arrumar o aparelho de pressão (ela estava fazendo um mapeamento de pressão arterial). Nesse momento houve muitos gritos da maioria dos alunos, a professora voltou e deu uma bronca, quando a professora saiu novamente ocorreram conversas baixas com exceção do Cândido, que estava gritando muito na sala de aula. A professora voltou uns três minutos depois. (AULAS 01, 02 e 03).

Notamos nos trechos acima que os comportamentos se assemelham nas aulas de língua portuguesa e matemática, e que a maioria dos alunos participantes das situações coincidiu nas duas matérias. Na entrevista de matemática foram citados dois alunos considerados indisciplinados e verificamos nove alunos envolvidos nesses atos nas observações, sendo que nenhum dos dois alunos citados pela professora coincidiu com as nossas anotações, já na entrevista com a professora de língua portuguesa, a mesma citou três alunos considerados indisciplinados e nas observações encontramos seis alunos em situações de

indisciplina, sendo que apenas um coincidiu com o que foi citado pela professora e o que encontramos nas aulas.

Novamente ressaltamos a ideia de dar um peso maior ao que foi dito pelas docentes, pois as mesmas passam o ano inteiro com os alunos e nós, devido ao limite da pesquisa, apenas algumas aulas.

Já com relação à direção escolar, ela citou apenas dois alunos como considerados indisciplinados:

[...] Eu tenho ali um caso muito complicado, que é o Cândido, que ele é um aluno muito indisciplinado, mas o problema dele está totalmente relacionado ao uso de drogas e a família, porque mesmo você chamando a família, que o menino já vem drogado, que ele é agressivo muitas vezes, a família também faz uso, então ali é um problema social mesmo, é um problema que vem de casa, ele tenta transmitir para a escola, é um aluno carente, às vezes a gente tem uma forma de trabalhar com ele, que às vezes começa dá certo, mas às vezes a gente, eu não tenho paciência, porque ele é provocador, sabe? Ele é irônico, ele é dissimulado, então é um problema social. E tem ali um outro aluno, o Cris que o problema dele de disciplina é o uso de celular, ele faz questão do uso do celular, tanto que eu conversei com a mãe dele novamente [...] (ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA)

Desses dois alunos, o Cândido foi apontado pelas professoras de língua portuguesa e EF como envolvido em atos de indisciplinado na entrevista e constatamos nas observações atos de indisciplina do Cândido em todas as matérias, não observamos atos de indisciplina do Cris, assim como ele não foi citado por nenhuma professora. No entanto quando questionada especificamente sobre a lista dos alunos que encontramos com atos de indisciplina nas aulas e nas entrevistas a direção concordou que dois outros alunos já tinham, pelo menos, uma ocorrência indisciplinar, além do Cândido citado acima.

Na parte teórica de EF houve conversas e passeios pela sala durante as aulas:

O Cristiano estava em pé, passeando pela sala e a professora pediu para ele sentar no seu lugar, ele se sentou e a professora fez a chamada. [...] O Cândido estava falando muito alto atrapalhando a aula e a professora deu uma bronca pedindo para o aluno parar de conversar, ele parava por um tempo, mas depois recomeçava. (AULA 01).

Na parte prática de EF houve conversas em geral, uso de vestimentas inadequadas à prática de atividades físicas e uso de aparelhos eletrônicos, embora essas ações não sejam permitidas no contexto escolar, na situação observada tais fatos não chegaram a interferir no desenvolvimento do assunto principal das aulas, mas atrapalham a compreensão dos alunos.

Na entrevista de EF foram citados três alunos considerados indisciplinados e verificamos dois alunos com atos de indisciplina nas observações, sendo que apenas um

coincidiu com o que foi dito pela professora e constatado nas nossas observações. Dos três alunos citados pela professora de EF, dois foram citados pela professora de língua portuguesa, e uma aluna só apareceu na entrevista com a professora de EF, não aparecendo em nenhum outro momento, seja de observação, em entrevistas ou no próprio ROI, sendo assim constatamos que se trata de uma aluna que comete atos de indisciplina somente nas aulas de EF. Já nas nossas observações, os dois alunos que encontramos cometendo atos considerados de indisciplina, um coincide com a maioria das observações e entrevistas, além de ser o primeiro em ocorrências no ROI, entretanto, o outro aluno, só encontramos duas situações em que o mesmo estava envolvido em ato indisciplinar, sendo uma na aula de EF e outra na aula de matemática, portanto pode ser considerado um caso esporádico.

Assim sendo, temos que nessa escola (Escola C) os alunos considerados indisciplinados no cotidiano e em outros momentos da rotina escolar, como aulas de algumas disciplinas, matemática e língua portuguesa, por exemplo, manifestavam esse comportamento na parte teórica das aulas de EF, na parte prática não houve casos que atrapalhassem o desenvolvimento da aula, ou, quando ocorreu, não afetou tanto, por ser um ambiente aberto que o barulho se dispersa com maior facilidade, que os alunos devem esperar a sua vez para jogar ou desenvolver o conteúdo proposto, dentre outros fatos.

Escola D

De acordo com os critérios e definições adotadas, os alunos considerados indisciplinados na Escola D mencionados pela professora de língua inglesa: Diego e Donizete. Observados nas aulas de língua inglesa foram: Diego, Donizete, Devanir, Dinei, Damião, Danrlei, Dilma e Disney.

Mencionados pelo professor de ciências: Donizete, Diego e Disney. Observados nas aulas de ciências foram: Devanir, Donizete, Danrlei, Disney, Diego, Dalton, Dinei, Damião, Dana e Dilma.

Mencionados pela direção escolar foram: Diego, Disney, Dulce, Donizete e “Damião ou Djalma” (a diretora ficou em dúvida quais desses dois alunos manifestavam comportamentos considerados de indisciplina). Quando questionada especificamente sobre os alunos envolvidos com algum ato de indisciplina nas aulas observadas e nas entrevistas com os professores, a resposta da direção foi a seguinte:

Diego: Dentro da sala de aula, no pátio e no intervalo. Donizete: O Donizete, mais dentro da sala de aula, no intervalo ele já não tem esse comportamento. Devanir: O Devanir é mais dentro da sala de aula, dentro de sala de aula mesmo. Dinei: Tem o Dinei, eu estou até esquecendo, o Dinei é um caso que realmente eu passei ele, o Dinei, ele é um caso dentro, fora da sala de aula, inclusive o Dinei está meio que, como eu vou dizer assim, com o tempo, com o responsável por procurar uma outra escola, mas como ele já estava terminando praticamente o 9º ano, então nós fomos dando algumas oportunidades para ele, mas ele assim terrivelmente, até desacato comigo mesmo. Damião: Damião, mais dentro da sala de aula. Danrlei: Ele também teve sim, teve alguns casos, teve alguns episódios no pátio, no intervalo sim, teve sim. Disney: Olha, esse, problemas dentro de sala e fora de sala. Inclusive cria tumulto, nega o que fez. Ele tem um comportamento meio dúbio. Dilma: Não, não me recorde dela aqui comigo. São casos pontuais de sala de aula, é mais de sala de aula mesmo. Dalton: O Dalton, inclusive o Dalton ele é D.I.²⁰, do que ele chegou para gente, eu acredito que ele tenha avançado bastante, Dalton, ele é D.I. Ele avançou bastante do que ele era, ele cresceu bastante, porém dentro da sala de aula, ele vai muito na onda dos amiguinhos, então não que ele seja um mau menino não, mas ele vai muito na bagunça dos outros. Dana: Também seja um caso pontual mesmo de sala. Dorotéia: Não, porém é dentro de sala mesmo. Dentro de sala de aula. (ENTREVISTA COM A DIRETORA).

Mencionados pelo professor de educação física foram: Diego e Dinei. Observados nas aulas de educação física foi a Dorotéia.

Abaixo temos o quadro V elaborado a partir das observações nos registros de indisciplina dos alunos:

²⁰ D.I. (Aluno com Deficiência Intelectual).

QUADRO V - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola D – 9º Ano 04 (06/11/2014)

	Donizete	Dinei	Dalton	Diego	Disney	Devanir	Djalma	Danrlei	Dilma	Damião	Dorotéia	Dana	Dulce	Total
Agredir fisicamente	01					02	01	01						05
Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunçar e conversar	28	16	11	10	08	09	09	09	03		03	02		108
Realizar brincadeiras	17	07	07	06	04	06	04	05	01	01				58
Comer na sala de aula		01	01	02	01	01	01		02					09
Desrespeitar a diretora		01												01
Desrespeitar os colegas	03				02		01	01					01	08
Desrespeitar os funcionários			01		01									02
Desrespeitar o professor	03	07	03	06	01		01	01					01	23
Desrespeitar as regras	02	01	02	04	01		02		02					14
Discutir verbalmente				01										01
Sair do lugar do mapa de sala	01	04	01	01		01			01					09
Sair da aula sem autorização	04	01	01	07	02			01			01			17
Jogar bolinhas de papel, aviões, borrachas, etc.	02			01	01	01								05
“Matar Aula”				03						01				04
Não obedecer / Retrucar às ordens / Esnoabar	20	12	06	01	08	02	03	04		01		01	01	59
Não realizar as atividades	26	17	07	06	01	14	13	12	04	04	05	02	01	112
Não trazer o material	05	03	04	02	08	07	04	03	05		01			42
Passear pela sala de aula	07	03	04			02			01					17
Sair da sala sem autorização		01	01					01						03
Não trajar uniforme			01											01
Utilizar aparelhos eletrônicos							01	01						02
Utilizar palavras de baixo calão	01		02		01									04
Outros	11	11	12	04	09	07	09	06	03	02	01	01	01 ²¹	77
MEDIDAS ADOTADAS														
Aviso, Comparecimento ou Convocação dos Pais	05	06	04	05	05	03	04	03	01	04				40
Colocado para fora da sala de aula		06	01		01	01								09
Encaminhado à Direção/Coordenação/Mediação	05	05	01	04	04		01	02		01				23
Suspensão		01 ²²												01

Fonte: Autoria Própria.

²¹ Essa ocorrência refere-se a uma reclamação da aluna sobre um professor.²² Suspensão de cinco dias devido a um desacato com professor e diretora.

Descrição das situações de indisciplina (caso a caso)

Nessa escola havia o hábito de se registrarem as ocorrências dos alunos no ROI, fato percebido pela grande quantidade de registros presentes e apontadas no quadro V. Havia registros de ocorrências de indisciplina de diversos professores, havendo um registro que ocorreu na aula de EF, mas que foi registrado pela equipe gestora.

Com relação ao ROI, todos os atos de indisciplina possuíram algum registro, sendo uma predominância para “Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunça e conversas”, “Não Obedecer / Retruca às Ordens/ Esnober” e “Não realizar atividades”, fatos coincidentes com o que encontramos nas aulas de língua inglesa e ciências, como exemplos, trazemos os trechos do ROI abaixo:

Algumas Ocorrências do Aluno Donizete:

Data: 14/03/2014

Matéria: Língua portuguesa

Ocorrência: “Aluno retruca ordens de professor na sala de aula atrapalha leitura fazendo barulhos”

Data: 08/04/2014

Matéria: Língua inglesa

Ocorrência: “O aluno não obedece e fica tumultuando as aulas com brincadeiras e conversas. Na aula de hoje, ficou jogando garrafas de água e atrapalhando o andamento das atividades. Durante a correção dos exercícios ficou fazendo gracinhas para atrapalhar mesmo sendo chamado atenção diversas vezes”.

Algumas Ocorrências do Aluno Dinei:

Data: 18/02/2014

Matéria: Língua inglesa

Ocorrência: “O aluno não respeita o professor em classe e nem as regras, fica o tempo todo com brincadeiras, come chicletes e balas. Quando questionado sobre suas atitudes é sempre grosseiro e mal-educado”.

Algumas Ocorrências do Aluno Disney:

Data: 18/02/2014

Matéria: Língua inglesa

Ocorrência: “O aluno não respeita o professor em classe e nem as regras, não tem postura em classe. Fica o tempo todo com conversas e brincadeiras durante as aulas, quando questionado sobre suas atitudes sempre responde com grosserias e total falta de educação. Isso tem ocorrido com frequência, também não respeita as regras e combinados, fica comendo em sala de aula”.

Algumas Ocorrências do Aluno Danlei:

Data: 12/03/2014

Matéria: Equipe Gestora

Ocorrência: “Identificado acesso indevido na rede de internet da escola, descoberto que o aluno durante a aula do professor Danilo (EF) sem autorização! Acessou o notebook e rackeou a senha do WIFI distribuindo para os colegas! Encaminhado à Direção!”.

Fato interessante é que “Utilizar de aparelhos eletrônicos” possui apenas duas ocorrências registradas, fato que pode ser explicado pelo rigor que essa escola adota em relação a isso, proibindo de forma categórica esse uso, como encontramos em uma de nossas observações de aulas: “O professor chamou a atenção da Dorotéia: ‘Dorotéia é a 2ª vez que falo do celular, a 3ª vou leva-lo à direção’. Ela guardou o celular.” (Educação Física – Aula 02).

Nas aulas observadas de língua inglesa houve conversas, desrespeito dos alunos com a aula e com a professora (alunos gritando, cantando e arrastando carteiras), passeios pela sala de aula, alunos sem os materiais escolares e brincadeiras durante as aulas:

[...] A professora deu uma bronca no Diego, que estava em pé arrastando carteiras, gritando e puxando conversa, e no Donizete que estava conversando com o Diego, sem tirar o material da mochila e sentado “errado”, de acordo com a professora. A professora deu uma bronca no Devanir, que também estava sem o material e conversando com o Donizete. [...] A professora deu uma bronca no Damião, pois o mesmo estava cantando na aula e fazendo brincadeiras, o aluno continuou com o comportamento e a professora pediu para o mesmo sair da sala. O Diego estava gritando e fazendo brincadeiras, e a professora também pediu para ele sair da sala. Os alunos saíram da aula e não houve encaminhamento a ninguém, nem interferência do inspetor para ver o que tinha ocorrido, nos parece que apenas os alunos ficaram no pátio fora da aula. [...] Começou a aula, com a professora passando a pauta na lousa. O Donizete e o Danrlei estavam passeando pela sala de aula e conversando. O Diego jogou um elástico no Danrlei. O Disney e o Dinei estavam conversando, atrapalhando a aula. A professora deu uma bronca em todos pedindo para que eles sentassem e parassem de conversar. Os alunos continuaram com a conversa. Dinei e Diego começaram a passear pela sala. A professora deu outra bronca. A professora passou algumas atividades para nota numa folha impressa e o Disney começou a cantar. (AULAS 01 e 03).

Nas aulas observadas de ciências houve conversas, alunos fora do lugar, gritos, passeios pela sala de aula, não realização de atividades propostas, cópias dos alunos que não tinham feito as atividades que era para realizarem individualmente e brincadeiras durante as aulas:

[...] O professor pediu para o Diego sentar no lugar dele e deu uma bronca, pois ele estava sentado na mesma cadeira que uma colega. Dinei e Damião estavam conversando com brincadeiras, atrapalhando a aula, que era uma correção com os alunos indo à lousa, nesse momento havia muitas conversas, pois alguns alunos iam e outros não. Donizete estava passeando pela sala e conversando com Dinei, Danrlei, Devanir, Damião, Diego e Disney, atrapalhando a aula. Após a correção na lousa, o professor passou alguns exercícios e os alunos começaram a realizar, a maioria estava fazendo, mas alguns alunos não, como Danrlei, Donizete, Devanir, Diego, Disney e Dinei que ficaram conversando num grupinho. [...] Dinei, Donizete, Danrlei e Disney continuaram com esses comportamentos praticamente a aula toda, o professor chamou a atenção e deu bronca três vezes nesse período, mas os alunos continuavam com a indisciplina e o professor continuava com a aula. Assim que terminou as atividades, o Devanir retomou as conversas e as brincadeiras com Dinei, Donizete, Danrlei e Disney. Dinei, Donizete, Danrlei e Disney pegaram o caderno de um aluno que tinha realizado as atividades e começaram a copiar as

respostas, sem parar com as conversas e as brincadeiras, o professor percebeu a cópia, mas não se importou. (AULAS 01 e 02).

Notamos nos trechos acima que os comportamentos se assemelham nas aulas de língua inglesa e ciências, e que a maioria dos alunos participantes das situações coincidiram nas duas matérias. Na entrevista de língua inglesa foram citados dois alunos considerados indisciplinados e verificamos oito alunos envolvidos nesses atos nas observações, sendo que os dois alunos citados pela professora coincidiram com as nossas anotações, já na entrevista com o professor de ciências, o mesmo citou três alunos considerados indisciplinados e nas observações encontramos dez alunos em situações de indisciplina, sendo que os três alunos citados pelo professor coincidiram com as nossas anotações. Já com relação à direção escolar, ela citou quatro alunos como considerados indisciplinados, e posteriormente citou mais dois, sendo que não lembrava qual deles apresentava esses comportamentos:

Olha o 9º ano 04, inclusive, foi feito até uma reunião especial com eles, mais ou menos em junho, se eu não me engano, antes das férias, onde nós precisamos assim chamar todos os professores e mais o responsável do aluno, porque era assim vários casos nessa sala. E esses casos, inclusive, eles se articulavam entre si, é uma sala que foi bem difícil, agora se você foi depois das férias, acredito que ela tenha mudado bastante essa característica, que ela tinha assim um comportamento muito difícil, então foram pontuados os casos. Então dali eu tenho o Diego, eu tenho o Disney, a Dulce tem problemas, o Donizete apresentou sempre problemas para nós, desde que ele entrou aqui, ele teve uma fase de calma, mas aí esse ano começou que ele voltou terrivelmente atacar, todos são casos que foram atendidos a parte, Donizete foi atendido a parte, o Diego foi atendido a parte, foi feita uma conversa para chamar mesmo junto com os pais para ver o que a gente podia fazer, o Disney foi chamado à parte. Eu acho que são mais esses, teve mais um ou outro que agora eu não estou me lembrando de cabeça, não lembro se é o Damião ou o Djalma. Assim foram alunos que nós precisamos fazer uma chamada com eles a parte. (ENTREVISTA COM A DIRETORA).

Desses seis alunos, o Diego e o Donizete foram apontados pelos professores de língua inglesa e ciências como envolvidos em atos de indisciplina, sendo que o professor de ciências também citou o aluno Disney nas entrevistas e constatamos nas observações atos de indisciplina dos alunos Diego, Donizete, Disney e Damião. Não encontramos nas nossas observações atos considerados indisciplinados dos alunos Dulce e Djalma, bem como não foram citados pelos professores entrevistados, mas encontramos muitas ocorrências de indisciplina do Djalma, sendo que a Dulce realmente não possui tantas ocorrências verificadas no ROI.

Quando questionada especificamente sobre a lista dos alunos que encontramos com atos de indisciplina nas aulas e nas entrevistas a direção concordou que todos os alunos

provavelmente possuíam esse comportamento na sala de aula, sendo que alguns extrapolavam para o pátio e outros ambientes escolares.

Na parte teórica de EF houve conversas sobre o conteúdo da aula e discussão dos alunos com o professor, pois os discentes queriam aula prática:

Houve uma discussão entre os alunos e o professor, pois os alunos queriam ir à quadra, mas como mais da metade dos alunos não estava trajando vestimentas adequadas para a prática de atividades físicas, o professor disse que não era castigo, mas sim que era impossível dar aula para menos da metade da turma e por isso a aula seria teórica. Havia mais conversas nessa aula teórica do que na aula prática, mas as conversas eram baixas e em relação ao assunto da aula, sem interferir no andamento da mesma. (AULA 03).

Na parte prática de EF houve uma cobrança do professor que os alunos trajassem vestimentas adequadas às aulas práticas, foi a única escola que notamos esse rigor e constatamos que os alunos respeitavam essa regra, pois no contrário eram impedidos de participarem das aulas práticas, como vemos acima. Houve também uso de aparelhos eletrônicos em casos esporádicos:

O professor cobrou vestimentas adequadas aos alunos para praticarem atividades físicas. Há um certo rigor nessa escola em relação a isso. [...] Três alunas não estavam participando e mexendo no celular, o professor chamou a atenção para que elas não utilizassem o aparelho na aula e ofereceu outras atividades às alunas, foi um caso isolado e as alunas pararam de mexer no celular e começaram a participar de algumas atividades, no entanto nota-se um certo rigor em relação ao uso de celulares e bonés nessa escola. (AULAS 01 e 02).

Esses fatos não foram caracterizados como indisciplina grave, pois não interferiam no desenvolvimento das aulas, bem como houve respeito pela ordem do docente e os alunos pararam como o comportamento considerado indisciplinado.

Na entrevista de EF foram citados dois alunos considerados indisciplinados e verificamos outra aluna com atos de indisciplina nas observações. Dos dois alunos citados pelo professor de EF, um foi citado pelos professores de língua inglesa, de ciências e pela diretora e encontramos os dois alunos com atos de indisciplina nas observações das aulas de ciências e língua inglesa, sendo que o outro aluno que não foi citado pela direção, quando questionamos especificamente sobre ele, a diretora relatou que esqueceu de citá-lo, pois realmente é um aluno que comete atos de indisciplina.

Já em relação a outra aluna que encontramos nas nossas observações nas aulas práticas de EF, ela não foi identificada em nenhuma outra observação, bem como não foi citada por nenhum professor ou pela diretora e possui uma quantidade baixa de ocorrências em relação

à média dessa turma, portanto acreditamos se tratar de um caso isolado em um determinado momento da aula.

Assim sendo, temos que nessa escola (Escola D) dois alunos que manifestam comportamentos considerados de indisciplina no cotidiano e em outros momentos da rotina escolar, como aulas de algumas disciplinas, ciências e língua inglesa, por exemplo, possuíam esse comportamento nas aulas de EF, de acordo com a opinião do professor de educação física, embora não tenhamos presenciado tanto esses atos devido ao planejamento nos dias das observações que contribuíram para o bom desenvolvimento da aula e conseqüentemente uma minimização dos atos de indisciplina. Dessa forma encontramos mais alunos comportando-se de maneira indisciplinada nas aulas de ciências e língua inglesa do que as aulas de EF, devido ao planejamento e metodologia docentes que eram atrativos aos alunos, como também o tratamento respeitoso, cordial e amoroso que o professor se dirigia a turma:

Por ser uma aula prevista no contrato pedagógico com uma diversidade de atividades práticas de interesse dos alunos, todos os alunos participaram de alguma forma e não ocorreram casos de indisciplina. Encerrou a 1ª aula e começou a 2ª aula com o mesmo professor (aula dupla). [...] Havia mais conversas nessa aula teórica do que na aula prática, mas as conversas eram baixas e em relação ao assunto da aula, sem atrapalhar o andamento das mesmas. Nas aulas observadas havia um tratamento amistoso, amoroso e cordial entre o professor e os alunos, inclusive com o professor chamando os alunos de meus amores em alguns momentos. (AULAS 01 e 03).

Escola E

De acordo com os critérios e definições adotadas, os alunos considerados indisciplinados na Escola E mencionados pelo professor de língua portuguesa: Eliseu, Erica, Evandro, Ernesto, Eleonor e Emílio. Não ocorreram casos de indisciplina nas aulas acompanhadas de língua portuguesa.

Mencionados pela professora de geografia: Evandro, Erasmo, Éder e Eliane. Observados nas aulas de geografia foram: Éder, Edna, Estevão, Eliseu, Eliane, Elvis e Eleonor.

Mencionados pela direção escolar foram: Estevão, Eliseu e Éder. Quando questionada especificamente sobre os alunos envolvidos com algum ato de indisciplina nas aulas observadas e nas entrevistas com os professores, a resposta da direção foi a seguinte:

Estevão: Em sala de aula. Éder: Em sala de aula. Edna: Em sala de aula. Eliane: Em sala de aula. Erasmo: Em sala de aula. Eliseu: Em sala e no ambiente escolar como

um todo. Elvis: Em sala. Eleonor: Em sala. Erica: Em sala. Evandro: Em sala. Ernesto: Em sala. Emílio: Em sala. (ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA).

Com relação à professora de educação física, foi a única docente que não quis citar nenhum aluno que se comporte de maneira indisciplinada, entendendo que a indisciplina não se revela em um ou outro nome e, apesar de possuir alunos mais evidentes com esses comportamentos, entende esse fenômeno de outra forma:

Eu entendo a indisciplina não como um aluno especificamente, ela é cíclica entre eles, pelo fator idade, pelo fator do desinteresse deles, muitos têm desinteresse, apesar de não mostrarem que são indisciplinados, não quer dizer que eles estejam entendendo o que o professor está tentando passar, eu não posso dizer assim esse ou aquele, tem alguns que são mais evidentes, mas eu acho que a indisciplina é uma decorrência do caminhar da aula, não é uma pessoa ou outra pessoa. A indisciplina também está ligada muito no entendimento do significado da aula para aquele aluno. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA – ESCOLA E).

Observados nas aulas de educação física foram: Estevão, Edna, Éder, Eliane e Erasmo.

Abaixo temos o quadro VI elaborado a partir das observações nos registros de indisciplina dos alunos:

QUADRO VI - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola E – 9º Ano 05 (24/06/2015)

	Eliseu	Estevão	Éder	Erasmus	Elvis	Eleonor	Eliane	Edna	Evandro	Ernesto	Erica	Emílio	Total
Agredir fisicamente	01		01				01						03
Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunçar e conversar	01	02	02		01	01							07
Realizar brincadeiras													00
Comer na sala de aula													00
Desrespeitar a diretora													00
Desrespeitar os colegas	01			01									02
Desrespeitar os funcionários													00
Desrespeitar o professor	05	03	01	01	01	02							13
Desrespeitar as regras													00
Discutir verbalmente													00
Sair do lugar do mapa de sala													00
Sair da aula sem autorização													00
Jogar bolinhas de papel, aviões, borrachas, etc.													00
“Matar Aula”													00
Não obedecer / Retrucar às ordens / Esnobar													00
Não realizar as atividades	03	03	01	01									08
Não trazer o material		01											01
Passear pela sala de aula													00
Sair da sala sem autorização													00
Não trajar uniforme													00
Utilizar aparelhos eletrônicos													00
Utilizar palavras de baixo calão				01									01
Outros	07	04			01	01	01						14
MEDIDAS ADOTADAS													
Aviso, Comparecimento ou Convocação dos Pais	01	01	01	01	01	01	01						07
Colocado para fora da sala de aula													00
Encaminhado à Direção/Coordenação/Mediação	02	02	01	01	01								07
Suspensão	03 ²³	01		01									05

Fonte: Autoria Própria.

²³ Uma dessas suspensões é de quatro dias.

Descrição das situações de indisciplina (caso a caso)

Nessa escola, podemos dizer que a quantidade de registros no ROI era razoável, havendo o hábito de registrarem as ocorrências dos alunos preferencialmente pela equipe gestora, e não pelos docentes. Fato percebido pela quantidade e pela forma de registros presentes e apontadas no quadro VI. Não encontramos registros da professora de EF.

Com relação ao ROI, a maioria dos atos de indisciplina não possuía algum registro, sendo uma predominância para “Desrespeitar ao professor” e “Outros”:

Algumas Ocorrências do Aluno Eliseu:

Data: 06/04/2015

Matéria: Ciências

Ocorrência: “Foi pedido aos alunos para colaborarem com o momento de aplicação da avaliação de matemática. O aluno Eliseu se alterou dizendo que não colaboraria, e ao ser advertido me respondeu grosseiramente, gritando com a professora”.

Algumas Ocorrências do Aluno Estevão:

Data: 02/03/2015

Matéria: Equipe Gestora

Ocorrência: “O aluno está com comportamento inadequado, faltando com respeito com a professora de Ciências durante a formação do mapa de sala, com a professora Eva teve atitudes inadequadas durante a aula. A mãe compareceu no dia 02/03 para tomar ciência da suspensão do aluno durante o dia 27/02.”

Data: 24/03/2015

Alunos: Eleonor, Éder, Elvis, Eliseu.

Matéria: Ciências

Ocorrência: “Durante uma aula expositiva alguns alunos começaram a tumultuar. Os mesmos ao verem uma experiência, onde colocava-se um comprimido efervescente na água, para analisarem o ocorrido, os alunos começaram a debochar, dizendo que a professora era mágica e trabalhava no circo, pelo fato de o experimento ser simples. Os alunos faltaram com respeito, o que vem ocorrendo frequentemente nesta sala.”

Nas aulas observadas de língua portuguesa não ocorreram casos de indisciplina, devido ao planejamento e metodologia empregados pelo docente, como utilização de tecnologias, filmes, músicas e atrelamento do conteúdo à realidade dos alunos, bem como um tratamento cordial, respeitoso e amoroso do docente para com os alunos:

[...] Posteriormente o professor começou a explicar uma matéria que ele já tinha passado um texto, todos participaram das explicações e não ocorreram casos de indisciplina, os alunos liam o texto, e o professor explicava. Teve uma dúvida na sala, um aluno estava com celular com acesso à internet e disse que iria pesquisar, o professor autorizou utilizando a tecnologia e o celular tão confrontado nas escolas ao seu favor sem um embate contra o uso. O aluno pesquisou e passou para a sala inteira para todos verem. Um fato interessante é que o professor durante as aulas dá autonomia aos alunos para irem ao banheiro sem pedir, cobrando sempre as regras necessárias. [...] O professor estava explicando alguns textos que havia passado aos

alunos, ele começou a recitar uma música em língua inglesa que tinha passado aos alunos. O professor utiliza bastante músicas, cantando durante as aulas, também exemplos e exposição de filmes e isso atrai a atenção dos alunos e não há manifestação de indisciplina. [...] O professor anterior estava passando um filme para os alunos na sala de vídeo com duas turmas juntas e continuaram na aula de língua portuguesa. [...] Portanto, nesse dia por ser uma aula diferenciada com exposição de filmes utilizando recursos audiovisuais não ocorreram casos de indisciplina. Nas aulas observadas o tratamento entre esse professor e os alunos era cordial e amoroso. (AULAS 01, 02 e 03).

Nas aulas observadas de geografia houve conversas, utilização de aparelhos eletrônicos, gritos, passeios pela sala de aula, não realização de atividades propostas, aluno comendo durante a aula, desrespeito com a professora (aluno ignorando a bronca da docente):

[...] O Éder e a Edna começaram a gritar e usar o celular, a professora deu uma bronca e eles pararam. Após uns cinco minutos o Éder começou a conversar com o Estevão gritando, pois os dois estavam distantes um do outro na sala de aula, a professora não disse nada e continuou com o texto. O Eliseu estava usando o celular desde o início da aula, mas a professora não disse nada. A Eliane e o Elvis estavam conversando gritando atrapalhando a aula, pois também estavam sentados longe um do outro na sala de aula, mas a professora não disse nada. O Estevão foi sentar perto do Éder e a Eliane perto do Elvis, assim as conversas se tornaram mais baixas e pararam de atrapalhar a aula. [...] A professora deu uma bronca no Eleonor pelas conversas e por estar comendo na sala, ele parou. A professora deu uma bronca no Estevão por estar passeando pela sala sem copiar, ele continuou com o comportamento. A professora deu outra bronca e ele parou. Durante os exercícios, havia conversas baixas que não incomodavam a professora, com exceção do Eliseu, Éder, Estevão e Edna que conversavam atrapalhando os colegas e eram constantemente advertidos pela professora, mas esses alunos prosseguiram com o comportamento praticamente durante toda a aula, além disso, esses alunos ficaram na primeira metade da aula utilizando os celulares e a professora não falou nada. (AULAS 01 e 02).

Um fato interessante é que nas aulas da mesma professora de geografia, os comportamentos dos alunos mudaram significativamente de uma aula para outra, devido ao conteúdo e a metodologia empregados pela docente:

[...] Os alunos estavam interessados sobre o assunto que era “Direitos Humanos” e a maioria participou da explicação. Posteriormente a professora passou algumas perguntas para os alunos realizarem em folha separada para entregar. Portanto, nesse dia por ser uma aula diferenciada com exposição de documentários utilizando recursos audiovisuais não ocorreram casos de indisciplina. (AULAS 02 e 03).

Na entrevista de língua portuguesa foram citados seis alunos considerados indisciplinados e não verificamos nenhum aluno envolvido nesses atos nas observações.

Já na entrevista com a professora de geografia, a mesma citou quatro alunos considerados indisciplinados e nas observações encontramos sete alunos em situações de indisciplina, sendo que dois alunos citados pela professora coincidiram com as nossas

anotações. Com relação à direção escolar, ela citou três alunos considerados indisciplinados e todos eles se comportaram dessa maneira nas aulas de geografia acompanhadas. Quando questionada especificamente sobre os alunos considerados indisciplinados nas aulas observadas e nas entrevistas com os docentes, a direção concordou que todos se comportavam de maneira indisciplinada somente dentro da sala de aula, com exceção do Eliseu que manifestava esse comportamento na sala de aula e no ambiente escolar como um todo.

Na parte teórica de EF houve conversas altas, não realização de atividades, utilização de aparelhos eletrônicos, aluno subindo no armário e pintando-o:

Era uma aula após o intervalo e a professora precisou de cinco minutos para estabelecer a ordem. A professora iniciou a chamada e os alunos começaram a conversar alto, ela disse que esperaria o silêncio e logo eles fizeram, pois queriam ir logo para a aula prática. No entanto a professora informou que nesse dia não poderia ir à quadra, pois a mesma estava sendo pintada. Os alunos retomaram as conversas altas e a professora disse: “Minha aula, não é assim, estão querendo se aparecer para sei lá quem?” [...] O Éder, a Edna e a Eliane estavam utilizando celulares durante toda a aula, mas isso não incomodou a professora. [...] A professora deu uma bronca na turma inteira, pois muitos não fizeram trabalhos, as atividades do caderno do aluno, tiraram notas ruins nas avaliações, todos ficaram quietos ouvindo as broncas, até os alunos que tinham notas boas que eram elogiados pela professora. [...] A Eliane passou a aula inteira utilizando o celular, tirando fotos e sem fazer a atividade, a professora deu uma bronca nela e a mesma parou de usar o celular, mas não fez as atividades propostas. [...] A professora deu uma bronca no Erasmo por não ter realizado as atividades e durante a aula ele ficou subindo no armário pintando-o de corretivo, ele parou com o comportamento e começou a fazer as atividades entregando-as à professora no fim da aula. (AULAS 01 e 02).

Na parte prática de EF houve conversas em geral, uso de vestimentas inadequadas à prática de atividades físicas e uso de aparelhos eletrônicos, embora essas ações não sejam permitidas no contexto escolar, na situação observada tais fatos não interferiram no desenvolvimento da primeira aula prática e na segunda aula prática acompanhada a professora tinha deixado a aula livre sem cobrar a participação dos alunos e não há um rigor na escola em relação às roupas dos alunos:

[...] Todos os alunos da aula de EF e da aula vaga jogaram juntos e participaram misturados. Eles ficaram nas duas quadras e nos arredores, a professora interrompia em discussões nos jogos constantemente para organizar as bolas espalhadas para não se perderem. Durante as aulas práticas os alunos utilizavam celulares e não usavam vestimentas adequadas para a prática de atividades físicas, no entanto isso não incomodava a professora. [...] Todos os alunos dos dois professores²⁴ jogaram juntos e participaram misturados. Eles ficaram nas duas quadras e nos arredores, a professora estava fechando notas e não interrompia em nenhum momento as atividades, deixando os próprios alunos responsáveis pela aula. Havia alguns alunos que não estavam participando de nenhuma atividade, mas isso não era indisciplina para a professora,

²⁴ Havia dois professores de educação física nas quadras devido ao conflito de horários existente nesta escola.

pois ela tinha deixado livre e não cobrava participação dos alunos. [...] Nas aulas observadas o tratamento entre essa professora e os alunos era cordial e amistoso. (AULAS 03 e 04).

Na entrevista de EF não foram citados alunos considerados indisciplinados e verificamos cinco alunos com atos de indisciplina nas observações. Desses cinco alunos (Estevão, Edna, Éder, Eliane e Erasmo), Erasmo, Éder e Eliane foram citados pela professora de geografia e Estevão e Éder pela direção escolar manifestando atos considerados de indisciplina. Nas aulas observadas de geografia encontramos os alunos Estevão, Edna, Éder, e Eliane manifestando atos considerados de indisciplina.

Assim sendo, temos que nessa escola (Escola E) os alunos considerados indisciplinados no cotidiano e em outros momentos da rotina escolar, como aulas de geografia, por exemplo, manifestavam esse comportamento na parte teórica das aulas de EF. Na parte prática, na primeira aula, todos os alunos participaram de alguma atividade e a professora não cobrou vestimentas adequadas e não se incomodou com o uso de celulares e conversas, pois não atrapalhavam o andamento da aula. Na segunda aula, a professora deixou livre, não cobrando a participação dos alunos em nenhuma atividade e não foi observada nenhuma ocorrência indisciplinar por esse motivo.

Escola F

De acordo com os critérios e definições adotadas, entre as entrevistas e as observações, os alunos considerados indisciplinados ou que manifestaram comportamentos considerados como indisciplinados na Escola F mencionados pela professora de história foram: Francis, Feliciano e Fabrício. Observados nas aulas de história: Felipe, Felisberto, Flávio e Francis.

Mencionados pela professora de língua portuguesa: Felisberto, Francis e Félix. Observados nas aulas de língua portuguesa: Flora, Félix, Fernando, Fani, Faustina, Flávio, Fátima, Felisberto, Fausto, Francisco, Felícia, Frederico, Fabiano e Felipa.

Mencionados pela direção escolar foram: Felício, Felipe, Feliciano, Fabiano, Flora, Francis, Ferdinando, Fabrício, Flávia, Francine, Fátima, Freixo, Felisberto, Félix, Fausto, Flávio, Faustina, Felícia e Fani.

Na entrevista, com a direção escolar sobre todos os alunos envolvidos com algum ato de indisciplina nas aulas observadas e nas entrevistas com os professores, a resposta foi a seguinte:

Felisberto: Ele é, ele não faz as tarefas, chega atrasado na escola, pelo menos três vezes na semana, então é bem complicado o Felisberto e é difícil achar a família também. Francis: Ele faz uso de medicamento, ele tem um histórico bem complicado, que a gente segue e a gente tem até um olhar diferenciado para ele por conta disso, ele faz acompanhamento, ele tem uma mãe que está com muito problema de saúde, então é bem complicada a situação dele e para esses alunos a gente tem um outro olhar, mas cobra, há cobrança sim, só que com outro olhar. Félix: O pai já veio, já conversei com o pai. Feliciano: Sim, não estamos conseguindo contatar a família. Fabrício: Já conversei com a mãe e ela voltará, porque ele já tem mais ocorrências. Felipe: A família também está difícil de ser contatada, é caso de mandar para o Conselho Tutelar, eu penso. Flávio: O Flávio também, ele está com poucas ocorrências agora, mas ele já teve um número maior e foi para a direção, além de ter a ocorrência pedagógica, ele tem uma ocorrência na direção. Flora: A Flora, ela tem ocorrências, a mãe conversou com a mediadora, pois eu estava com outra sala com um problema maior. Fernando: Não, eu não vi, não tenho nada do Fernando. Fani: A Fani sim, a Fani também a mãe está sendo contatada. Faustina: A Faustina, a mãe trabalha aqui e é outro caso, o tio foi assassinado. Fátima: Fátima também. A mãe também foi contatada, ainda não veio. Fausto: Fausto também, foi contatado, não veio ainda. Francisco: Francisco veio, foi a pouco, já conversamos com a mãe. Fernão: Fernão, não, não me lembro. Se contatamos ou não. Não lembro desse. Fabiano: Fabiano foi chamada a mãe. Felícia: Felícia foi, a Felícia é bastante difícil essa família, desde o ano passado a gente vem numa luta com eles, bem grande, também tem mil complicações, o olhar também é diferenciado para ela. Frederico: O Frederico foi, a mãe veio. Felipa: Felipa não me recordo. Não sei se tem alguma coisa da Felipa. Não me lembro. Não, não me lembro de Felipa. (ENTREVISTA COM A COORDENADORA).

Aqui percebemos certa semelhança entre os casos observados e relatados com a posição da gestão escolar, pois a maioria dos alunos foi relacionada com comportamentos que merecessem uma atenção maior em casos de indisciplina.

Outro ponto positivo nessa entrevista com a gestão escolar é que a mesma parece conhecer os alunos profundamente, embora seja pelo fato de serem alunos considerados indisciplinados. É imprescindível que conheçamos nossos discentes para podermos atuar nesse e em outros entraves pedagógicos.

Fica claro também uma atitude muito comum nessa escola que é a convocação dos pais para atuar com problemas de indisciplina, pois há casos citados pela gestão que os pais compareceram ou comparecem à escola com certa frequência, embora esse aspecto não seja constatado no quadro de ocorrências abaixo, fato que questiona novamente a utilização do ROI nas escolas. A atuação da família nas escolas possui seu lado positivo e negativo, é crucial num trabalho educacional uma parceria e trabalho conjuntos entre família e escola, mas não podemos delegar funções próprias das instituições educativas às famílias dos educandos.

Mencionado pela professora de educação física foram: Francis e Félix. Observados nas aulas de educação física: Francis, Fernão, Fabiano e Fausto. Entretanto, apesar desses alunos serem os mais evidentes, notamos certa dificuldade na metodologia dessa docente em envolver os alunos, sendo que praticamente toda a turma estava comportando-se de maneira indisciplinada.

Abaixo temos o quadro VII elaborado a partir das observações nos registros de indisciplinada dos alunos:

QUADRO VII - QUADRO DE OCORRÊNCIAS: Escola F – 9º Ano 06 (23/06/2015)

	Felícia	Feliciano	Fani	Félix	Francis	Fabrício	Felipe	Francine	Felisberto	Flávia	Faustina	Fabiano	Flora	Fátima	Fausto	Ferdinando	Freixo	Felício	Felipa	Frederico	Flávio	Fernão	Francisco	Fernando	Total	
Agredir fisicamente																									00	
Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunçar e conversar	01	01			01				02		01			01			01									08
Realizar brincadeiras	01	01			01				02		01			01			01									08
Comer na sala de aula																										00
Desrespeitar a diretora																										00
Desrespeitar os colegas																										00
Desrespeitar os funcionários																										00
Desrespeitar o professor																										00
Desrespeitar as regras	01	01		04	01	01	01		01			01	02				01		01		01					16
Discutir verbalmente																										00
Sair do lugar do mapa de sala																										00
Sair da aula sem autorização																										00
Jogar bolinhas de papel, aviões, borrachas, etc. “Matar Aula”																										00
Não obedecer / Retruucar às ordens / Esnobar																										00
Não realizar as atividades	07	08	11	07	07	05	06	05	04	05	05	03	03	02	04	03		01	02	01	01		01			91
Não trazer o material	09	07	05	04	03	05	03	05	01	03	01	02	02	03	02	02	02	03	01	02	01	02				68
Passear pela sala de aula			01												01											02
Sair da sala sem autorização		01										01														02
Não trajar uniforme																										00
Utilizar aparelhos eletrônicos																										00
Utilizar palavras de baixo calão																										00
Outros	01		01	01																						03
MEDIDAS ADOTADAS																										
Aviso, Comparecimento ou Convocação dos Pais						01																				01
Colocado para fora da sala de aula				01																						01
Encaminhado à Direção/Coordenação/Mediação																										00
Suspensão																										00

Fonte: Autoria própria

Descrição das situações de indisciplina (caso a caso)

Nessa escola havia o hábito de se registrarem as ocorrências dos alunos no ROI, sem exageros, haja vista a quantidade razoável de registros presentes. Outro fato que merece destaque é que havia ocorrências registradas por todos os componentes curriculares, com exceção de EF. Também destacamos a alta incidência de “Não realizar as atividades” e “Não trazer o material”, que mostra uma falta de compromisso dos alunos, que pode refletir no próprio trabalho da escola.

Com relação ao ROI a maioria dos registros referiu-se a “não realização de atividades” e “não trazer o material”:

Algumas Ocorrências da aluna Felícia:

Data: 05/03/2015

Matéria: Artes

Ocorrência: “A aluna não apresentou tarefa de sala, não participou da aula e apresentou falta de estudo”.

Data: 02/04/2015

Matéria: Geografia

Ocorrência: “A aluna apresentou o seguinte comportamento: Desrespeito às Normas de Convivência e Conversa e/ou brincadeiras excessivas / inadequadas em aula”.

Nas aulas observadas de história, as situações registradas envolveram: conversas que atrapalhavam a aula, aluno sem uniforme, não realização de atividades, não prestar atenção na explicação da professora e brincadeiras durante as aulas:

[...] Durante a prova a professora chamou atenção por conversas dos alunos Felipe, Felisberto (também estava sem o uniforme) e Flávio, mas nada de grave e eles obedeceram e pararam com a conversa. [...] A professora chamou atenção do Felipe por conversas, ele obedeceu e parou com o comportamento. [...] Começou a aula com a professora dando visto nos cadernos sobre uma análise de um filme, relativo ao conteúdo. O Felisberto não tinha realizado e a professora deu uma bronca e cobrou para a próxima aula, ele pediu desculpas e disse que faria. [...] (AULAS 01, 02 e 03).

No entanto, foram fatos isolados e que não se repetiram com tanta frequência nas aulas acompanhadas, além disso, notamos certo respeito entre a docente e os alunos, sendo que ela tinha o apoio de todos, quando cobrava algo e os alunos obedeciam, além disso, notamos certa preocupação da professora em saber a opinião dos alunos sobre os aspectos da escola:

No fim da aula, a professora pediu a opinião dos alunos sobre a sala ambiente, muitos disseram que gostavam e aproveitavam mais a aula, tendo cada sala organizada de acordo com a matéria e deram opiniões de como melhorar a logística da troca de alunos entre as salas. (AULA 02).

Nas aulas observadas de língua portuguesa houve: agressão física, conversas que atrapalhavam a aula, passeios pela sala de aula, não realização de atividades propostas e não participação das aulas, carícias entre os alunos em momentos inadequados segundo a professora, brincadeiras, aluno comendo durante as aulas:

[...] A professora chamou atenção e registrou ocorrência da Flora e do Félix, pois os dois estavam batendo com o caderno do aluno, um na cabeça do outro. A professora distribuiu um texto a ser trabalhado. A professora chamou atenção do Fernando e disse que se ele continuasse com as conversas e brincadeiras, que ele podia sair da sala, nesse momento ele parou. [...] O Frederico estava andando pela sala, mas sentou em breve. A professora colocou o Fabiano para fora da sala, pois ela tinha dito que o apagador não apagava a lousa, e ele ficou brincando e tirando sarro dessa fala da docente. Não veio ninguém na sala ver o que tinha acontecido, apenas ele saiu da aula. [...] O Frederico e o Francis não estavam participando da aula, a professora deu uma bronca e exigiu que eles participassem. [...] O Frederico continuava sem fazer, passeando pela sala de aula e a professora foi até o lugar dele e disse: “Porque você não está fazendo, até ajudei você a tirar o material”, ele disse rindo: “Você não abriu na página”, a professora disse rindo: “Virei sua empregada agora? ”. O Frederico sentou no seu lugar, mas continuou sem realizar as atividades. [...] Faltando uns dez minutos para o fim da aula, a professora deixou o Fabiano entrar e disse: “Sem alvoroço ou volta novamente”. Não houve registro e nenhuma atitude, só o aluno que saiu da sala, a professora realizou a chamada. A professora disse: “Frederico, representante que come na sala de aula, cadê o exemplo”? Ele disse: “Nem estou comendo, mas continuou a comer”. [...] O Felisberto foi beijar a Felipa e a professora deu uma bronca, principalmente nele, mas nela também por dar liberdade e registrou ocorrência desse fato. (AULAS 01 e 02).

Na entrevista de língua portuguesa foram citados três alunos considerados indisciplinados e verificamos quatorze alunos comportando-se dessa maneira nas aulas acompanhadas, sendo que dois deles coincidiram com o que foi dito pela docente e o que encontramos nas aulas,

No entanto na entrevista com a professora de história percebemos certa disparidade entre o que foi dito e o que observamos, sendo que apenas um aluno coincidiu entre os três citados pela professora, além de termos observado quatro alunos em algum caso de indisciplina, mas é preciso relevar que os casos de indisciplina nas aulas de história observadas foram raros e isolados, como citado acima além de haver o respeito dos alunos quando há a cobrança da docente. Já com relação à direção escolar, houve certo exagero, sendo que a coordenadora citou praticamente metade da turma que já foram envolvidos em alguma situação de indisciplina, sendo dezenove alunos citados, desses dezenove, encontramos quatorze em algum ato de

indisciplina, seja nas nossas observações das aulas, seja que foram citados, por um ou mais professores.

Nas aulas observadas de EF houve, em maior quantidade que nas outras matérias, não realização das atividades propostas, os alunos estavam jogando baralho, em pé, dormindo, alunos passeando pela sala e fora dos lugares, conversas em geral, uso de aparelhos eletrônicos, os alunos ignoravam a docente nas aulas teóricas e práticas, e essa docente não conseguia dar aula e era ignorada pela maioria dos alunos que praticavam atos de indisciplina:

A inspetora trouxe algumas propagandas de curso para serem entregues a doze alunos, perdeu-se uns dez minutos da aula nessa entrega que a professora realizou de forma confusa, chamando alguns alunos para irem à mesa dela assinar, e como era só para doze alunos, os demais ficavam curiosos perguntando para os alunos e indo à mesa da professora para ver o que se tratava. Quase ninguém estava realizando as atividades propostas, devido a essa entrega, os alunos estavam jogando baralho, mexendo no celular, em pé, dormindo, conversando e fora dos lugares. [...] No meio da aula, a professora conseguiu atenção de parte da turma e começou a leitura do texto sem explicação e posteriormente pediu para que os alunos realizassem alguns exercícios e após o pedido já colocou as respostas na lousa sem deixar tempo para os alunos realizarem as tarefas, depois passou de mesa em mesa para ver quem tinha copiado e dar visto. [...] Os meninos pediram a bola e ela deu uma bola de futsal para eles. Portanto dois times ficaram jogando futsal na quadra e os demais alunos ficavam conversando, mexendo no celular, olhando nas salas ao lado da quadra, indo ao pátio e sem fazer nenhuma atividade física, a professora só se incomodava com os alunos que iam até o pátio, pois atrapalhava as outras aulas e os funcionários. Ela trancou o portão que separava a quadra do pátio. No decorrer da aula, vinham alguns alunos pedirem para ir ao banheiro, na biblioteca ou outro espaço da escola, a professora ia abrir o portão e depois trancava novamente. (AULAS 01 e 04).

Temos que nessa escola (Escola F) os alunos considerados indisciplinados no cotidiano e em outros momentos da rotina escolar, como aulas de algumas disciplinas, história, língua portuguesa, por exemplo, são considerados indisciplinados nas aulas de EF, sendo que nas aulas de educação física ocorreram muito mais casos de indisciplina e comportamentos inadequados. Também as situações observadas nas demais matérias ocorreram nas aulas e espaços de EF.

Análise Geral

Em todas as entrevistas de todas as escolas, sem exceção, tanto os professores como os gestores disseram que percebem casos de indisciplina, alterando apenas a intensidade e a quantidade dos fatos. Como apontado no estudo de Zechi (2014, p. 246):

Problemas de comportamento considerados pelos professores como violência, indisciplina e falta de respeito têm sido apontados, indistintamente, como um dos maiores obstáculos à prática pedagógica.

Notamos nas nossas observações certa similaridade nos casos de indisciplina nas escolas, sendo os principais: conversas, uso de aparelhos eletrônicos, desrespeito entre os alunos, desrespeito dos alunos com a aula e com os professores e brincadeiras durante as aulas. Além disso, constatamos que a maioria desses fatos ocorreu também nas aulas de EF, entretanto quando as situações ocorreram nas aulas práticas, não afetou tanto, devido à própria dinâmica dessas aulas, que são realizadas em locais abertos. Porém, na parte teórica, eles ocorrem da mesma forma que nos demais componentes curriculares. Tais fatos citados acima, como conversas, brincadeiras, etc. também foram citados por alguns professores, quando questionados sobre os casos de indisciplina que encontram em suas aulas, por exemplo:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA – ESCOLA C): Conversa. Muita conversa, a hora que você quer explicar, principalmente quando eu vou dar aula teórica. Que ainda alguns alunos eu enfrento problema que acham que a aula de educação física é só na quadra, e os alunos, a maioria dos meus alunos que já me acompanham desde o 6º ano já entraram no clima, mas eu enfrento maior problema quando eu pego um aluno, que é o primeiro ano que eu dou aula para ele, que ele acha que é só quadra, não é, é dividido em parte teórica e parte prática. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE HISTÓRIA – ESCOLA F): Aluno que deixa de realizar a atividade, isso é uma forma de indisciplina, e ele acaba se envolvendo em brincadeiras, conversas paralelas, em um momento ou outro vai querer sair do lugar. É isso.

Nos ROIs, nas seis escolas, encontramos que o ato: “Não realizar as atividades” foi o mais frequente em três das seis escolas²⁵, sendo que nas demais escolas apareceram mais os atos “Utilizar aparelhos eletrônicos” em duas escolas, e “Desrespeitar o professor” em uma escola.

²⁵ Não contabilizamos o ato de indisciplina: “Outros” por se tratar de uma generalização que envolve diversas e distintas atitudes que não se enquadraram nas demais categorias.

Em segundo lugar nas aparições nos ROIs, tivemos o ato: “Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunçar e conversar” em três das seis escolas, nas demais escolas foram os atos: “Não realizar as atividades” em duas escolas ” e “Não trazer o material” em uma escola.

Em terceiro lugar nos ROIs encontramos os atos: “Realizar brincadeiras”, “Não obedecer / Retrucar às ordens / Esnobar” em duas escolas, “Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunçar e conversar” e “Desrespeitar as regras”. Não consideramos o terceiro lugar na Escola A, pois é uma escola que não utilizou o ROI com frequência e aparece três ocorrências empatadas em terceiro lugar com apenas uma aparição.

Por meio da triangulação dos dados foi possível perceber resultados parecidos nas observações das aulas e nas entrevistas, em relação aos casos de indisciplina escolar que aparecem nos instrumentos de coleta. Constatamos resultados semelhantes no estudo de Aquino (2011, p. 468):

A maior parte dos eventos divide-se entre infrações regimentais e atitudes impróprias, principalmente em 2003, 2006 e 2007, anos em que os incidentes violentos foram menos frequentes. Dentre as infrações regimentais, as recordistas são, por ordem de aparição nos registros: cabular aula; ausência de material de trabalho; atraso na chegada à escola, na entrada em aula ou no retorno a ela; não realização de deveres; saída da aula sem autorização. Já entre as atitudes impróprias, enfileiram-se: recusa a pedido ou ordem do professor; brincadeira constrangedora, despropositada ou agressiva; conversas paralelas; obstaculização das atividades; abstenção das atividades.

Encontramos nos dados coletados as quatro formas de indisciplina citadas no nosso embasamento teórico: curricular, social, regimentar e passiva, tanto nas observações quanto nos registros, como vemos abaixo.

De acordo com Oliveira (2015), como já descrito, indisciplina curricular são aqueles comportamentos que rompem com o contrato pedagógico e prejudicam sensivelmente a aprendizagem dos alunos, temos como exemplos encontrados nas observações das aulas:

(AULA 01 – HISTÓRIA – ESCOLA A): Ademar, Adolfo e Adalberto estavam em pé e conversando sobre o trabalho durante as apresentações, atrapalhando as mesmas e a professora deu uma bronca neles, pedindo para parar com a conversa, eles se comportavam por um certo tempo, mas após um período retomavam as conversas.
(AULA 02 – LÍNGUA INGLESA – ESCOLA B): A Berta e a Bete estavam atrapalhando a explicação e a professora disse à Berta que se ela quisesse, ela podia sair da sala.

Indisciplina social são as incivildades que refletem a falta de polidez ou ações que ferem os códigos de boas maneiras. Rompem com as regras de educação, respeito e boa

convivência, mas não rompe necessariamente com o contrato pedagógico, não prejudicando a aprendizagem (OLIVEIRA, 2015). Trazemos um relato abaixo presente no ROI da Escola C:

(ESCOLA C): Data: 27/02/2014 (Camilo e mais dois alunos) / Matéria: Equipe Gestora / Língua portuguesa / Ocorrência: “A professora Carolina pediu para eu e o professor coordenador Caio conversarmos com os alunos, pois os três estavam conversando excessivamente, atrapalhando as atividades. O aluno Camilo faltou com respeito a professora, dizendo que não gostava dela, e usando fone de ouvido. Todos participamos da conversa, inclusive a professora. Os alunos prometeram mudar a postura, porém o aluno Camilo permaneceu o tempo todo fazendo brincadeiras e não levou a sério a conversa. Diante disso o aluno Camilo levou convocação aos responsáveis. Obs.: Após conversarmos, Caio, Camilo e eu, o professor Caio decidiu não convocar os responsáveis, já que Camilo prometeu mudar sua postura em sala de aula.”

Aqui notamos diversas formas de indisciplina trazidas na nossa revisão, como por exemplo, a indisciplina social que são as incivildades por meio da falta de respeito e utilização do fone de ouvido e a indisciplina curricular, por meio das conversas que atrapalhavam as atividades.

Em relação à indisciplina regimentar que, de acordo com Oliveira (2015) é aquela que rompe com regras justas e necessárias da escola para a organização do ambiente escolar, trazemos abaixo alguns exemplos principais encontrados na coleta de dados:

Entrevista – Escola B – Vice-Diretora Bernadina (25/11/2014): 1) O que a direção escolar entende por indisciplina? Dê algum exemplo. Resposta: Olha, a indisciplina, a gente vê assim algo que foge de uma regra, que está ali pré-estabelecida, determinada, depois de um consenso com o todo, então existe um consenso entre professores, alunos, equipe gestora para definir o que é disciplina, e quando sai disso, desse consenso, a gente entende que seja uma indisciplina [...] (ESCOLA F): Algumas Ocorrências do aluno Félix: Data: 20/02/2015. Matéria: Língua portuguesa. Ocorrência: “O aluno apresentou o seguinte comportamento: Desrespeito às normas de convivência”. Entrevista – Escola E – Professora Ester– Geografia (02/06/2015): 2) A professora percebe casos de indisciplina nas aulas e na escola como um todo? Resposta: Nas aulas eu percebo, como eu estou trabalhando nessa escola, nesse ano, eu trabalhei o primeiro bimestre três meses e eu já observo isso que é mais na sala de aula que parece que eles não obedecem as regras estabelecidas, então as regras são quebradas e eu tenho que voltar novamente a essas regras.

Indisciplina passiva que, de acordo com Oliveira (2015) se caracteriza pela abstenção dos alunos em participarem das aulas, por exemplo, não realização de atividades propostas, desinteresse pelas aulas, ignorar o professor; temos como exemplos encontrados em uma aula da escola B e no ROI da escola D:

(AULA 01 – EF – ESCOLA B): Berta não estava copiando a matéria, pois estava dormindo. [...] e a Berta continuava dormindo, mas isso não incomodava o professor. (ROI - ESCOLA D): Algumas Ocorrências do Aluno Dinei: Data: 12/05/2014.

Matéria: Língua portuguesa. Ocorrência: “Aluno não realizou tarefa, ficou durante as duas aulas dormindo. Não abriu nem o caderno. ÀS 12h00min o aluno arruma material para sair sem autorização do professor”.

Nesse caso, notamos principalmente a indisciplina passiva, não realização das atividades propostas e dormir durante as aulas.

Vemos abaixo o quadro I, elaborado a partir da síntese dos registros de ocorrências de indisciplina observados no ROI, por escolas – quando houve determinado registro indicamos com a letra S (Sim), quando não ocorreu representamos com a letra N (Não) – não verificamos todas as ocorrências de todas as escolas, apenas aquelas que os alunos considerados indisciplinados nas observações de aulas e nas entrevistas estavam envolvidos. Sendo que o total de ocorrências desses discentes em todas as escolas foi de um mil setecentos e cinquenta e três (1753) situações, às vezes um mesmo registro havia mais de uma situação de indisciplina, por exemplo, conversas e brincadeiras durante as aulas:

**QUADRO VIII – QUADRO DE REGISTRO DE OCORRÊNCIAS DE
INDISCIPLINA POR ESCOLAS**

	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D	Escola E	Escola F
Agredir fisicamente	N	N	N	S	S	N
Atrapalhar a aula, causar tumultos, bagunçar e conversar	S	S	S	S	S	S
Realizar brincadeiras	N	S	S	S	N	S
Comer na sala de aula	N	N	N	S	N	N
Desrespeitar a diretora	N	N	S	S	N	N
Desrespeitar os colegas	N	S	S	S	S	N
Desrespeitar os funcionários	N	N	N	S	N	N
Desrespeitar o professor	N	S	S	S	S	N
Desrespeitar as regras	N	N	N	S	N	S
Discutir verbalmente	N	N	N	S	N	N
Sair do lugar do mapa de sala	N	S	S	S	N	N
Sair da aula sem autorização	N	S	S	S	N	N
Jogar bolinhas de papel, aviões, borrachas, etc.	N	S	S	S	N	N
“Matar Aula”	N	N	N	S	N	N
Não obedecer / Retrucar às ordens / Esnobar	S	S	S	S	N	N
Não realizar as atividades	S	S	S	S	S	S
Não trazer o material	N	S	N	S	S	S
Passear pela sala de aula	N	S	N	S	N	S
Sair da sala sem autorização	S	S	S	S	N	S
Não trajar uniforme	N	N	N	S	N	N
Utilizar aparelhos eletrônicos	S	S	S	S	N	N
Utilizar palavras de baixo calão	N	N	S	S	S	N
Outros	N	S	S	S	S	S
MEDIDAS ADOTADAS						
Aviso, Comparecimento ou Convocação dos Pais	N	S	S	S	S	S
Colocado para fora da sala de aula	S	S	N	S	N	S
Encaminhado à Direção/Coordenação/Mediação	N	S	S	S	S	N
Suspensão	N	S	S	S	S	N

Fonte: Autoria própria

Legenda: S: Houve Registros de Ocorrências da Situação Determinada;
N: Não Houve Registros de Ocorrências da Situação Determinada.

As manifestações de indisciplina encontradas nas escolas em todos os instrumentos de coletas, embora diversificadas envolvendo os quatro tipos, acabam sendo muito similares em todas as escolas.

Notamos no estudo que mais importante que o componente curricular é a metodologia adotada nas aulas, o planejamento docente e o próprio conteúdo trabalhado. Como citado pelo docente de EF da escola D:

Olha, indisciplina em si, o 9º ano 04, por exemplo, é uma sala muito falante, tudo para eles é motivo de chacota, então é uma sala que você tem que estar mais preparado, digamos assim, trazer a aula na ponta, na ponta da língua, saber o que você vai falar com eles, e não coagir, mas exigir que eles participem realmente daquele conteúdo, então não deixar a conversa fugir de dentro do conteúdo que você programou, se não vira uma baderna generalizada. Tem quatro ou cinco alunos que são complicados.

O professor acima relata que trazendo a aula bem planejada, elaborada, procurando seguir o programado e não deixar que as conversas fujam do objetivo das aulas evita os casos de indisciplina. É primordial que o docente planeje sua aula adequadamente, de acordo, com os objetivos esperados, para que as expectativas do professor, dos alunos e da própria aula sejam atingidos. Essa ausência de planejamento e a importância que o educador mostra com suas aulas influencia fortemente na disciplina dos alunos, como notamos em Golba (2009, p. 9838):

Através da análise dos dados da pesquisa pudemos constatar a legitimidade da indisciplina para os alunos. Eles, de fato, conseguem atribuir um motivo e um significado para as expressões de indisciplina. Quando relatam as expressões de indisciplina, seja na sala de aula ou fora dela, os alunos expõem os motivos que os levam a agir daquela maneira. Percebemos ainda, através das falas, que o significado atribuído por eles seria de natureza pedagógica, ou seja, que a indisciplina viria para denunciar a fragilidade da prática do professor, através principalmente, da ausência de planejamento e de organização das aulas, o que poderia, também, denunciar a fragilidade do currículo. Os alunos relatam muito bem essa situação utilizando expressões como: “os professores entram na sala e ficam procurado (sic) o que dar naquela aula”, “perguntam onde foi que pararam na última aula”, “as vezes esquecem que tinham marcado prova”.

Quando não há planejamento ou há uma desorganização dos docentes, da escola e das políticas públicas, quanto ao currículo, conteúdo e as aulas, além da metodologia empregada e da contextualização dos componentes curriculares ao cotidiano dos alunos, notamos, nesse estudo, que há mais casos de indisciplina escolar que influenciam negativamente o desenvolvimento das aulas, fato corroborado em Golba (2009, p. 9840):

Queremos destacar ainda, um aspecto que consideramos importante, o fato de podermos da fala dos alunos, depreender, uma perspectiva sobre indisciplina escolar, que estaria relacionada à produção de desordem. Isso nos é evidenciado nas diversas

vezes em que os alunos se referiram à indisciplina como “bagunça”. Mostraram-nos através das falas, que a indisciplina estaria relacionada a dois diferentes níveis de comunicado. Um primeiro nível seria o da indisciplina, como sinalizadora de algo que está incoerente ou que não corresponde às expectativas. Neste caso, poderíamos incluir as normas e as regras que norteiam o processo aula e os trabalhos na escola como um todo. O segundo nível seria o da indisciplina como denunciante de práticas pedagógicas inconsistentes e frágeis. Neste caso, a indisciplina estaria denunciando aulas “desinteressantes”, por conta de um currículo mal trabalhado, bem como falta de planejamento e de organização do professor e da escola em geral. Evidenciamos que a indisciplina se configura enquanto um caráter complexo na medida em que, os alunos não se detêm apenas às causas, ou ao momento que acontece. Eles conseguem perceber outras variáveis, além das causas, atribuindo às expressões significado e sentido.

Portanto, esse planejamento docente, a metodologia das aulas e os conteúdos alinhados com a realidade dos discentes evitam ou minimizam os casos de indisciplina escolares, corroborado em Souza (2003, p. 23-24):

Analisar a indisciplina de um aluno deve perpassar pela discussão da atuação do professor, pois uma ação está indiscutivelmente atrelada à outra. Verificamos que um professor facilitador não somente utiliza-se de aulas expositivas centradas em sua pessoa, mas busca diversas maneiras de explicar ou exemplificar os fenômenos observados, relacionando os conteúdos às experiências pessoais dos alunos. Quando adotada esta metodologia de trabalho o resultado quase sempre é o de um grupo de alunos tão envolvidos na produção em sala de aula que pouco sobra de manifestações indisciplinadas e, até mesmo, ocorre por parte dos outros alunos a iniciativa de desestimular tais manifestações. A turma, passa a ser, então, uma grande aliada.

É essencial essa diversificação de aulas que sejam mais significativas e atrativas aos alunos, para podermos criar um clima escolar mais agradável, facilitando o processo de aprendizagem, bem como é importante formarmos continuamente docentes capacitados para atuarem com metodologias inovadoras e eficazes:

Acrescente-se a importância de introduzir inovações educacionais que melhor instrumentalizem alunos e professores. Assim, por exemplo, pode ser interessante desenvolver, nos alunos, novas habilidades de estudo, bem como introduzir estratégias de aprendizagem cooperativa – o que muito provavelmente vai requerer um avanço na formação continuada, em serviço, dos professores. Além disso pode ser importante gerar modificações na atmosfera e na imagem da escola, através, por exemplo, de atividades extracurriculares, envolvendo a comunidade escolar como um todo, que ajudem a melhorar a estima pela escola e o valor desta perante os estudantes. Será importante, também, estimular a valorização do próprio papel da escola na vida dos estudantes. A escolarização hoje não está mais associada a vantagens socioeconômicas efetivas para muitos alunos, e teria, conseqüentemente, perdido parte de seu “valor”. Essa crise de significado quanto ao papel da escola reflete uma crise social mais ampla de valores e deve ser encarada sob este nível de complexidade. (GARCIA, 1999, p. 107).

Notamos uma predominância de falta de planejamento docente em algumas aulas de EF observadas, sendo que nas Escolas B, E e F, em algumas aulas, o docente não cobrou

participação dos alunos nas atividades práticas, isso fez com que ocorressem conversas em geral, não participação de muitos alunos nas aulas e uso de aparelhos eletrônicos. No entanto, tais fatos não foram considerados de indisciplina, pois os professores tinham deixado livre sem cobrar a participação dos alunos:

(AULA 02 – EF – ESCOLA B): Alguns dos alunos mais indisciplinados nas aulas teóricas, como Bento e Breno estavam participando das atividades práticas. O professor me disse que era uma aula meio livre, pois na organização de campeonatos na prática não tinha muito que fazer, portanto não cobrava participação. Bernardo e Benício não estavam participando junto com as meninas (com exceção da Bela), esses alunos ficavam no pátio, nos arredores da quadra e nos corredores que levam à quadra. (AULA 04 – EF – ESCOLA E): Era uma aula prática, havia duas turmas com aulas de EF. Os meninos estavam jogando futsal na quadra maior e as meninas vôlei, basquete, Slackline e queimada no espaço ao lado, alguns meninos estavam jogando com as meninas também. Havia um outro professor de EF também com aula prática. Todos os alunos dos dois professores jogaram juntos e participaram misturados. Eles ficaram nas duas quadras e nos arredores, a professora estava fechando notas e não interrompia em nenhum momento as atividades, deixando os próprios alunos responsáveis pela própria aula. (AULA 02 – EF – ESCOLA F): No início dessa aula prática, a professora foi ao centro da quadra e pediu para os alunos irem até lá, ninguém foi, então os meninos pediram a bola e ela deu uma bola de futsal para eles. Todos os meninos ficaram jogando futsal na quadra e no espaço ao lado e as meninas ficavam conversando, mexendo no celular, olhando para as salas ao lado da quadra e sem fazer nenhuma atividade física, com exceção de algumas meninas que estavam ensaiando uma coreografia de dança, mas que nada tinha a ver com a aula de EF.

Essa prática de “aula livre”, também conhecida na área como “rola bola”, possui algumas características que vêm sendo combatidas, como o professor que não cobra a participação dos alunos, sendo um mero expectador da aula, não intervém nas atividades, seja nas aulas de EF como outros componentes curriculares (DARIDO, 2003; 2012).

Nesses casos, os docentes não cobram, não orientam, não mudam sua metodologia e os responsáveis pela aula são os próprios alunos, e há apenas um “fingimento” por parte dos docentes e dos alunos sobre a questão pedagógica estar envolvida nessas (não) aulas.

Essa pedagogia do “rola bola” citada por Darido (2003; 2012) pode ocorrer em qualquer aula. Segundo a autora, as aulas teóricas poderiam ser substituídas por “faça os exercícios da página tal”, ou cópias, dentre outras atividades. Devemos evitar esse espaço de não-aula, pois as implicações pedagógicas aos alunos são gravíssimas e os docentes deixam de cumprir a função essencial de educadores profissionais, como observamos nos estudos de Machado et al. (2010, p. 130):

Um dos fenômenos que mais chama a atenção no panorama atual da prática pedagógica em Educação Física (EF) nas nossas escolas é que muitos professores resumem sua ação a observar os seus alunos na quadra enquanto eles realizam atividades que eles mesmos escolheram ou, então, aquelas que são possíveis em

função do tipo de equipamento e material existente (quase sempre futebol ou futsal, queimada ou mesmo voleibol). Em alguns contextos, esses professores são conhecidos como professores bola e, em outros, como professores rola-bola. São expressões pejorativas utilizadas para caracterizar (e caricaturizar) a prática de professores de EF que, por conta de uma série de fatores, muitas vezes, fica reduzida ao ato de distribuir os materiais didáticos aos alunos e sentar-se à sombra para, por exemplo, ler o jornal. Embora essa figura seja muito presente (talvez de forma crescente), esse fenômeno permanece pouquíssimo estudado, atribuindo-se a culpa, de forma simplista, aos próprios professores (falta de compromisso; vagabundo/preguiçoso; não tem vergonha etc.).

Entretanto, segundo os mesmos autores citados, a culpa dessas aulas livres não é exclusivamente dos docentes de EF, não há uma única causa e sim são fenômenos ocasionados por inúmeros fatores, por exemplo: se a escola investe na educação física como componente curricular, a dificuldade de relacionar a teoria com a prática e o esporte como conteúdo principal da EF, de acordo com o senso comum (MACHADO et al., 2010).

É evidente que a prática pedagógica do rola-bola não atinge os objetivos esperados nos Projetos Políticos Pedagógicos, no entanto, não basta apontar os erros e relatar os docentes que fazem isso como os responsáveis pela má educação dos alunos. É necessário entender a complexidade dos fenômenos escolares, suas múltiplas causas, seus possíveis equívocos curriculares, as propostas governamentais que muitas vezes, estão fora da realidade e do cotidiano de determinada comunidade, falta de materiais e espaços adequados, conflito de horário de turmas num mesmo espaço escolar, dentre outros fatores. Dito por outras palavras, o docente possui a sua responsabilidade, mas há uma complexidade de fatores que influenciam na qualidade das aulas.

Só conseguiremos resultados positivos quando houver um trabalho conjunto entre ações governamentais, gestores escolares, educadores, funcionários, alunos, familiares e comunidade escolar. Essas ações poderão contribuir para a melhoria das aulas, dos aspectos educacionais, da minimização de conflitos e metodologias ineficientes como o rola-bola em todos os componentes curriculares, ou seja, se houver força de vontade de todos os envolvidos conseguiremos mudar alguns hábitos equivocados que se perpetuam nas atividades escolares.

Acompanhamos nesse estudo que aulas com mais recursos – por exemplo, utilização de filmes e aparelhos eletrônicos, participação conjunta dos alunos na correção das atividades, recitação de músicas, análises de imagens e filmes, dentre outras atividades – atraem mais a atenção dos alunos, são mais significativas e atreladas ao cotidiano dos discentes e contribuem para o respeito dos alunos pela autoridade conquistada pelo docente que se importa com os educandos e para uma relação mais harmoniosa na sala de aula impactando positivamente a construção dos conhecimentos e a formação cidadã.

Com relação ao ROI, notamos que o que está registrado nele é semelhante com o que aconteceu nas aulas observadas. Destacamos que em algumas escolas havia ocorrências com alunos fora do lugar de mapa de sala. O mapa de sala constitui-se do estabelecimento de lugares fixos onde os alunos devem sentar-se nas diferentes aulas. Em geral é organizado de forma a separar os alunos que causam mais distúrbios durante as atividades. Segue o mesmo princípio do *quadriculamento* relatado abaixo:

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 1975-1997, p. 122-123).

Embora o mapa de sala sirva para encontrar os alunos mais rapidamente e identificá-los, além de separar alunos que atrapalham demais o andamento das aulas, entendemos que esse instrumento constitui-se em uma atitude autoritária, que pode causar mais indisciplina, além de contribuir negativamente para a formação da autonomia dos alunos. Corroborando com isso temos o seguinte trecho da entrevista da professora de língua inglesa nessa Escola B:

“[...] ele costuma fazer, eu falo que é conversa de longas distâncias, ele está sentado na primeira carteira, ele quer conversar com o menino que está lá na última e fica gritando na sala, então é um caso. [...]”.

Ou seja, se não tivéssemos o mapa de sala diminuiríamos essa “conversa de longa distância”, pois os alunos estariam sentados próximos a pessoas que eles possuem uma maior afinidade, contribuindo para a escolha autônoma dos alunos, que por sua vez tem impacto na construção da autonomia moral, tão desejada nos discursos escolares, como notamos num trecho retirado de uma observação de aula na Escola E:

(AULA 01 – GEOGRAFIA – ESCOLA E): Após uns cinco minutos o Éder começou a conversar com o Estevão gritando, pois os dois estavam distantes um do outro na sala de aula, a professora não disse nada e continuou com o texto. [...] A Eliane e o Elvis estavam conversando gritando atrapalhando a aula, pois também estavam sentados longe um do outro na sala de aula, mas a professora não disse nada. O Estevão foi sentar perto do Éder e a Eliane perto do Elvis, assim as conversas se tornaram mais baixas e pararam de atrapalhar a aula.

Nesse caso o mapa de sala atrapalhou a aula e causou mais indisciplina, sendo que quando os alunos estavam longe um do outro, necessitavam de gritos para conversarem, o que incomoda mais do que conversas baixas num ambiente fechado de sala de aula.

Outra questão dos ambientes arquitetônicos e a disposição dos móveis nas escolas é o fato da maioria das aulas ocorrerem em espaços fechados de sala de aula, com as carteiras enfileiradas sem um envolvimento e relacionamento entre os protagonistas do cenário educacional, fato que pode aumentar a indisciplina em si ou torná-la mais perceptível, incomodando e atrapalhando mais a aula:

(AULA 02 – EF – ESCOLA C): Nesse momento subiram alunos de outra turma e ficaram ao lado na quadra de vôlei ensaiando um teatro, vemos nesses espaços, ambientes que podem ser mais explorados nas escolas, pois a sensação de bem-estar é maior, e conseqüentemente a de indisciplina menor.

Ou seja, embora a disposição das salas de aula e o próprio mapa de sala ajudem em certos momentos como aulas expositivas, avaliações, explicações, localização dos alunos, verificação da frequência, entre outras atividades, o problema está em utilizar só aulas desse tipo.

Falta uma flexibilidade nas escolas na utilização de tempo e espaço que podem tornar as aulas mais atrativas, significativas, eficientes e eficazes aos alunos, utilizando outras metodologias, como no caso citado o teatro, entre outras formas mais lúdicas. Prodócimo (2011, p. 30) expõe como o lúdico pode possibilitar relações mais harmoniosas no ambiente escolar:

Com base na compreensão da agressividade como sendo estruturante do indivíduo, da mesma forma que a necessidade deste de fazer parte de grupo, de sentir aceito, para assim poder formar-se de maneira íntegra, vemos que a escola deveria estar preparada para lidar com essas questões. Vemos no lúdico uma possibilidade de ação no ambiente escolar que vem sendo pouco aproveitada. Por meio do lúdico a pessoa pode expressar-se, manifestar seus sentimentos, a (sic) assim compreender-se como sujeito único. Também por meio dos jogos, como uma das manifestações do lúdico, a criança aprende a lidar com regras, que são importantes na formação moral e na resolução de conflitos. Essa potencialidade que o lúdico oferece pode servir também em caráter preventivo de ações mais violentas, pois os alunos poderão, ao sentir suas necessidades e interesses atendidos, agir de forma mais segura. Vemos que a agressão muitas vezes se apresenta como ato de resistência a violência simbólica exercida pela escola, já que essa, ao impor seus padrões, muitas vezes desconsidera as particularidades dos educandos.

Conseqüentemente, o lúdico e metodologias de aulas mais atrativas podem auxiliar num trabalho de desenvolvimento da autonomia, minimizando assim os conflitos e os casos de indisciplina e violência escolares, dessa forma é viável que outras atitudes sejam adotadas nas

escolas, como a utilização de diferentes espaços e tecnologias para a implantação de aulas mais prazerosas.

No entanto, para que isso ocorra, é primordial que as escolas possuam estrutura, como auditórios, salão de danças e artes, quadras e outros espaços. Como apresentamos anteriormente, a aula de EF da escola C ocorreu no espaço ao lado de onde estava ocorrendo um ensaio, isso prejudica ambas as aulas. Muitas vezes, nas escolas, há conflitos de horários entre as aulas de EF num mesmo momento querendo utilizar a quadra.

Sintetizando, encontramos nas escolas diversas manifestações de indisciplina escolar, que se assemelham nas seis instituições, como conversas, uso de aparelhos eletrônicos, desrespeito entre os alunos, desrespeito dos alunos com a aula e com os professores e brincadeiras durante as aulas. As observações das aulas, as entrevistas e a análise do ROI comprovaram essas ocorrências, portanto, acreditamos que são as formas mais comuns de indisciplina escolar e também são as que mais são relatadas pelos docentes.

Presenciamos também, nesse estudo, que não há uma relação direta entre o componente curricular e a indisciplina escolar, sendo que há indisciplina escolar independentemente da matéria, pois encontramos atos de indisciplina nas nossas observações de aula em língua portuguesa, matemática, língua inglesa, ciências, história, geografia e educação física. Não observamos em nenhuma escola aulas de arte, mas pelo ROI constatamos que também há registros de indisciplina nesse componente curricular.

O que observamos que influencia diretamente a questão de indisciplina dos alunos é a metodologia das aulas e a relevância que determinado conteúdo tem aos alunos. Aulas diferenciadas com metodologias eficazes e conteúdo contextualizado ao cotidiano discente foram mais construtivas e agradáveis, pois a metodologia empregada nas aulas implica na forma como os conteúdos são ensinados e o conhecimento que o professor possui de cada aluno podem influenciar a questão das relações sociais existentes nas escolas:

Sabemos que as relações estabelecidas na escola, tanto entre professores e alunos e entre os próprios pares têm grande importância para o desenvolvimento da criança e do adolescente, assim como a organização e legitimação das regras, a forma como os conflitos sociais são resolvidos e a forma como os conteúdos são organizados e ensinados. Levando isso em consideração, é preciso que os professores tomem consciência da relevância de suas ações com os alunos: suas linguagens, seus gestos, sua postura, a forma como trabalham o conhecimento e, mais do que tudo, o quanto percebem e diferenciam (ou não) cada aluno que passa por suas vidas docentes. [...] (RAMOS, 2013, p. 249).

Concluimos que há diversas e semelhantes manifestações de indisciplina nas escolas acompanhadas e que uma forma positiva de minimizar os problemas causados por esse

fenômeno são metodologias atrativas e mais significativas aos alunos, bem como a importância de contextualização dos conteúdos ao cotidiano dos discentes como forma de propiciar um ambiente que seja menos traumático aos alunos. Não estamos dizendo que todas as aulas precisam ser divertidas e relacionadas com a vida dos educandos, mas sim que não devemos trabalhar apenas com aulas expositivas sem relação com os interesses dos discentes:

A escola que pretende formar para autonomia precisa repensar o ambiente sociomoral, reorganizando de forma que se construa um local mais cooperativo, respeitoso e justo. Nesse ambiente é importante: 1. O papel dos gestores – permitindo e favorecendo a participação da comunidade escolar no planejamento e avaliação das ações da escola; 2. A qualidade das relações interpessoais – tanto entre os alunos, como entre os participantes dessa comunidade moral (pais, funcionários, docentes, membros que estão de alguma forma interligados a escola), é importante o exercício do uso de uma linguagem descritiva, em que se criam laços de confiança, promovendo as relações de amizade, simpatia e troca mútua. 3. O trabalho sistemático com as práticas morais – planejadas e conduzidas por um professor responsável pela turma. O objetivo é a aprendizagem de valores, a partir de atividades reflexivas, que propiciam duas perspectivas: a hipotética, em que os alunos possam se colocar no lugar de personagens a partir da discussão de dilemas, de histórias da literatura, de filmes, de reportagens e também o autoconhecimento e conhecimento do grupo, por meio de jogos para a expressão dos sentimentos, das assembleias escolares e dos círculos restaurativos; 4. O trabalho com o conhecimento – como algo a ser construído, a partir da interação social dos alunos com o meio. Aulas desafiadoras, repletas de perguntas que favoreçam o desequilíbrio cognitivo, organizadas de forma a favorecer a troca entre pares, com atividades em grupo bem planejadas. As avaliações devem ser coerentes com esse processo, sendo processuais que objetivam a tomada de consciência dos alunos. (RAMOS, 2013, p. 258).

Portanto, aulas que levem em conta a necessidade dos alunos e a realidade da comunidade escolar local, que se alternem entre aulas expositivas e outras que favoreçam o diálogo e o trabalho conjunto em desafios instigantes possuem uma maior chance de obter sucesso e construir um ambiente mais agradável, favorecendo e contribuindo para a formação da autonomia moral.

Visão dos professores e gestores sobre a indisciplina escolar

Nas entrevistas realizadas com os professores e direção escolar tivemos diversas respostas sobre o que os mesmos consideram indisciplina escolar. Apresentamos as principais informações retiradas das entrevistas, dando uma ênfase maior nas temáticas que os docentes consideram sobre esse fenômeno, por exemplo, temos a indisciplina relacionada ao desrespeito dos alunos, como vemos no trecho abaixo.

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE HISTÓRIA – ESCOLA A): É mais a questão de você ter o respeito dos alunos, o tempo todo com celular que atrapalha muito, e eles falam muito, uma sala que é difícil você colocar alguma coisa pelo barulho que eles provocam.

Essa docente entende, principalmente, que indisciplina é a conversa, falta de respeito, uso de celular e atrapalhar os outros na aula. Temos outro exemplo sobre essa temática:

(ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE CIÊNCIAS – ESCOLA B): Bom, indisciplina, para mim, é quando eu chamo a atenção do aluno, e ele quer retrucar, ele quer ter razão, isso sim é indisciplina, mas quando eu chamo atenção do próprio e ele simplesmente: “Ah, foi mal!” “Desculpa aí!”, acabou por aí, então a indisciplina é mais verbal, ok!

Notamos que esse professor considera como indisciplina escolar principalmente o desrespeito à autoridade, ou seja, o aluno querer retrucar e confrontar as suas ordens. Tal fato coincide com o que apresentamos sobre a perspectiva de Arendt (2010), pois nessa ocorrência não há o respeito pela pessoa ou pelo cargo de professor e sim o confronto do aluno com o professor, como se fossem iguais e não houvesse um distanciamento devido à autoridade docente.

Caso houvesse o respeito pela autoridade e a mesma legitimasse o poder do docente sobre a turma, como afirma Arendt (2010), não haveria necessidade da coação e da persuasão, os alunos reconheceriam uma autoridade presente por meio do saber, respeitando assim o cargo ou a pessoa. Ou seja, quando o aluno reconhece uma autoridade, ele não confronta o professor, pode até cometer atos de indisciplina, mas quando o professor o adverte, ele reflete sobre sua atitude e age por meio de diálogos e discussões democráticas e não confrontos exacerbados e desrespeitosos, não havendo a necessidade da imposição do poder de Guirado (1996) pela ação da violência, pois, segundo o autor, poder não é imposto de cima para baixo por meio de cargo ou lei.

Quando há uma autoridade presente, significa que o docente conquistou o respeito dos alunos, por meio do saber, de metodologias significativas aos alunos, do respeito mútuo, da importância que o docente estabelece aos seus discentes e ao próprio trabalho, legitimando seu poder, dessa forma a autoridade não é imposta por coação e ameaças, atitudes violentas, e sim é fruto de um trabalho de longo prazo conquistado por quem mostra os benefícios que relações benéficas no seio educativo podem trazer, notamos um exemplo do respeito a autoridade docente na observação de aula descrita abaixo:

(AULA 03 – HISTÓRIA – ESCOLA F): O Francis estava chamando uma aluna, a professora deu uma bronca e disse para ele ficar quieto, que quem mandava na sala era ela e ele ficou quieto, por mais que tenha sido uma bronca rígida e de forma rude, a cobrança era amistosa e tinha o apoio dos alunos, principalmente do Francis, percebe-se um certo acordo, vínculo e respeito mútuo entre professora e alunos com relação às regras da escola. A docente se importava com os alunos e isso refletia no respeito dos alunos a essa autoridade.

Quando um aluno não atende um pedido, ou agride física ou verbalmente o professor, dentre outras atitudes, podemos dizer que o discente não respeita a autoridade docente, como refletido em Arendt (2010) pois não há o respeito pela pessoa ou pelo cargo, entretanto como notamos acima, embora essa docente tenha o respeito dos alunos, quando um professor, gestor ou outra autoridade abusa desse poder, agindo de forma autoritária, equivocada, ou até mesmo de forma rude e grossa, o subordinado de determinada autoridade tem o direito de não concordar com certas práticas e questionar quando se sente injustiçado, desrespeitado ou presencia algum abuso de autoridade. Outra forma de desrespeito apresentada nas entrevistas diz respeito ao desrespeito às regras:

(ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA – ESCOLA B): Olha, a indisciplina, a gente vê assim algo que foge de uma regra, que está ali pré-estabelecida, determinada, depois de um consenso com o todo, então existe um consenso entre professores, alunos, equipe gestora para definir o que é disciplina, e quando sai disso, desse consenso, a gente entende que seja uma indisciplina [...].

Para haver esse consenso é necessário, por parte da escola, a adoção de uma discussão democrática sobre as regras e seus princípios, para que as mesmas sejam internalizadas por todos, havendo assim uma concordância de todos os segmentos da escola em relação às suas regras. Como constatamos, a indisciplina escolar é, segundo La Taille, (1996), a revolta contra as normas, ou o desconhecimento delas.

Ou seja, é necessária uma construção conjunta das regras enfatizando os seus princípios e contribuindo para uma formação da autonomia dos alunos, bem como a

compreensão das regras da escola pelos discentes, como encontramos em Vinha e Tognetta (2006 p. 14):

Em muitas escolas, ao mesmo tempo em que se discursa sobre a autonomia e respeito, ensina-se na prática que o certo é obedecer, não questionar, submeter-se. Querer formar pessoas moral e intelectualmente autônomas, ou seja, colocar a autonomia como objetivo da educação, implica na reformulação da atuação pedagógica do educador necessariamente. A escola tem que construir um ambiente propício para que a criança experiencie situações que a levem a construir seus valores morais, situações de respeito mútuo, de justiça, de cooperação, de tomada de decisões, de assumir responsabilidades, de reflexão, de resolução de problemas, para que, aos poucos, a respectiva criança vá autodisciplinando-se, regulando seu próprio comportamento, e não simplesmente obedecendo exteriormente.

Quando questionamos o que os docentes entendem por indisciplina, poucos citaram as quatro formas de indisciplina apresentadas no nosso embasamento teórico: curricular, social, regimentar e passiva. As quatro até aparecem nas contribuições dos docentes, ou seja, para muitos professores há diferenciação quanto ao que o mesmo considera indisciplina, mas alguns enfatizam mais uma forma, outros enfatizam outra e assim por diante. Como exemplo, trazemos alguns trechos retirados das entrevistas:

(ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA – ESCOLA B): A indisciplina seria o aluno incomodar a aula. Ele atrapalhar a progressão da aula, a aula não consegue avançar por conta da indisciplina, alguma atitude que não convém com a sala de aula, então, a princípio eu entendo indisciplina assim, outro exemplo assim, seria a questão das regras. Então, o aluno que conhece as regras da escola e ele não se porta segundo elas, então seria isso a meu ver.

Nessa fala encontramos principalmente a indisciplina curricular, que envolve atrapalhar a progressão da aula; e a regimentar, quando o aluno que não se porta segundo as regras da escola. Seguem outros exemplos:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA – ESCOLA B): Bom, indisciplina, para mim, é o não se portar corretamente durante as aulas, existem momentos para tudo, existe momento para falar, existe momento para dar risada, até para brincar em determinadas situações, mas existe momento da disciplina para se prestar atenção e cuidar da sua aprendizagem, então a indisciplina é a falta disso. O exemplo: o professor está explicando uma matéria e o aluno está conversando, cochichando com o colega, ou cutucando o outro com o lápis, ou jogando uma bolinha de papel na cabeça do outro, é isso.

Nesse trecho constatamos exemplos de incivildades, que seria a indisciplina social, e indisciplina curricular quando essas atitudes prejudicam a aprendizagem, portanto conversas, cutucar o colega com o lápis, dentre outras atitudes são incivildades, no entanto, quando isso

ocorre num momento de explicação e atrapalha a si próprio, aos colegas ou ao professor passa a ser uma indisciplina curricular, pois afetar o momento de ensino e aprendizagem. Outro exemplo:

(ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA – ESCOLA A): A indisciplina na realidade aqui na escola, nós entendemos quando o aluno não segue as regras estipuladas e os contratos pedagógicos que a escola, no início do ano, disponibiliza. Então todo ano inicialmente nós passamos nas salas, nós passamos o contrato pedagógico para os alunos e quando ele não segue a essas regras, esse contrato, então nós achamos que ele está tendo algum caso de indisciplina, e dentre esses casos nós temos desacato aos professores, aos funcionários que eu acho que é um dos exemplos dos mais comuns, que a gente acaba percebendo e visualizando e outro fator também que a gente percebe é a questão do uso de aparelhos eletrônicos, que na realidade não é uma indisciplina, mas eu acho que a regra que é colocada na escola, que é exposta para eles é que eles não utilizem, então quando eles fazem o uso do celular em algum momento, nós acabamos solicitando a recolhida do aparelho e seria outros exemplos.

Observamos acima a indisciplina regimentar, não se portar de acordo com as regras, os combinados e os contratos pedagógicos da escola, e a indisciplina social, como desacato e desrespeito, ou seja, estamos percebendo que, somando os discursos, encontramos as quatro formas de indisciplina trazidos em nossa revisão; no entanto, dificilmente encontramos alguma resposta que englobe as quatro formas de indisciplina propostas por Oliveira (2015), ficando mais no conceito geral de Garcia (2006).

Outra coisa que percebemos é que o conceito de indisciplina varia bastante dependendo da instituição, do contexto histórico, da cultura, das experiências e vivências individuais (Rego, 1996). Sendo assim, é aceitável que encontremos uma diversidade de respostas sobre o que seria indisciplina para os docentes de diferentes escolas, ou até mesmo dentro de um mesmo colégio, ou seja, é notório que um fato incomoda mais um professor do que o outro e assim sendo o que é indisciplina para um não será para o outro e vice-versa. Portanto, observamos que alguns citam indisciplina social e curricular, outros mencionam indisciplina regimentar e passiva e assim por diante, constatamos essa diversidade de opiniões na Escola C:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE MATEMÁTICA – ESCOLA C): Eu acho que indisciplina é a falta de respeito do aluno com os colegas e com o próprio professor. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA C): Bom, para mim indisciplina é muito relativo, indisciplina para mim é quando o aluno não se esforça para utilizar todo o seu potencial, é nesse sentido. Indisciplina para mim, bagunça é muito relativo, para mim é quando o aluno, ele não se esforça para conseguir todo o seu potencial.

Nessa mesma instituição, Escola C, a professora de matemática citou como indisciplina a falta de respeito, ou seja, as incivildades que retratam a indisciplina social; enquanto a professora de língua portuguesa citou os alunos que não se esforçam para utilizar todo o seu potencial, que podemos dizer que se trata da indisciplina passiva. Já nessa mesma instituição, a professora de EF trouxe uma resposta que consideramos, como uma das mais completas da pesquisa:

Eu acho que a indisciplina é você não respeitar o professor, ficar conversando durante a explicação, não fazer as atividades propostas durante a aula, por exemplo, na minha aula de Educação Física, eu considero indisciplina os alunos que não querem fazer as atividades propostas, ele quer ficar sentado, tem alguns casos que ele só fica sentado a aula inteira, e eu não consigo resolver esse problema.

Nesse trecho notamos a indisciplina social, o desrespeito do aluno com a docente, a indisciplina curricular, conversas durante a explicação e a indisciplina passiva, os alunos que não querem fazer as atividades propostas, abarcando três das quatro formas que trouxemos na nossa revisão, embora ela só dê exemplos mais diversificados, e não podemos afirmar que ela conheça as quatro formas profundamente. Notamos também nessa fala algo interessante que mostra a diferença das aulas, pois a professora de EF cita como indisciplina o aluno que fica sentado a aula inteira. Dificilmente encontraríamos um professor de outro componente curricular relatando isso como indisciplina, talvez em alguns casos como arte, como notamos abaixo uma ocorrência registrada na Escola D:

Data: 26/02/2014

Matéria: Arte

Ocorrência: “O aluno na aula de artes, não se envolveu na aula, no qual o componente era dança, não ficou junto com seu grupo, não quis saber quais os movimentos, ficou sentado o tempo todo, quando não ia ao banheiro. Mesmo quando o professor chamou atenção não mudou seu comportamento”.

Uma resposta mais completa, em relação a nossa revisão e conceituação de indisciplina escolar encontramos no seguinte trecho:

(ENTREVISTA COM A DIRETORA – ESCOLA D): A indisciplina seria comportamentos dos alunos que fogem às regras da escola, existe, às vezes, uma ligeira confusão entre indisciplina e atos infracionais²⁶, então, por exemplo, o se rebelar dentro de uma sala, não querer fazer a tarefa, não querer obedecer um combinado que foi pré-estabelecido, isso eu entendo por um ato de indisciplina. [...]

²⁶ A diretora em questão não exemplifica o que ela chama de ato infracional.

Nesse caso, quase encontramos as quatro formas de indisciplina citadas, temos a indisciplina social, se rebelar dentro da sala; a indisciplina regimentar, não obedecer ao combinado; a indisciplina passiva, não fazer a tarefa, e se algum desses atos influenciar na aprendizagem podemos dizer também que há a indisciplina curricular. Assim como a resposta do professor de língua portuguesa da Escola E chega bem próximo aos nossos conceitos:

Indisciplina é qualquer atitude, na minha opinião, que viola o direito de quem quer aprender ou ensinar, falta de respeito, não participar das aulas e fazer isso de propósito para mostrar afrontamento, rebeldia diante da autoridade do professor, desrespeito ao colega, demonstração de desprezo, bocejar na aula de propósito, falar muito alto, toda atitude que atrapalha o bom andamento da aula, na minha opinião é indisciplina, qualquer atitude.

Portanto, há a indisciplina curricular, que atrapalha a aprendizagem; há a indisciplina social, falta de respeito; e também a indisciplina passiva, não participar das aulas; sendo que essas atitudes também podem estar desrespeitando o regimento e se transformando também em indisciplina regimentar.

Apesar dos professores dificilmente citarem que concebem como indisciplina as quatro formas trazidas por nós na revisão, na somatória do discurso encontramos que ocorrem as quatro formas de disciplinas propostas, regimentar, social, curricular e passiva de Oliveira (2015) e também aparecem essas quatro formas na somatória dos discursos docentes sobre os casos de indisciplina que aparecem em suas aulas.

As quatro formas de indisciplina também foram observadas e estavam presentes no próprio ROI.

Poucas pessoas responsáveis pela educação e formação da autonomia moral reconhecem essas vertentes e isso pode ser um entrave no entendimento e tratamento dessas questões nas escolas, por exemplo, se um aluno está dormindo (indisciplina passiva), a forma de lidar é diferente de um aluno que está gritando na sala de aula, (indisciplina social e curricular), mas ambos os casos interferem nas aulas e na metodologia docente.

É necessário que toda a comunidade escolar reconheça essas formas de indisciplina e saiba diferenciar quando são incivildades que não rompem com o contrato pedagógico por meio da indisciplina social, quando se trata de algo que não prejudica a aprendizagem, mas desrespeita as normas e os combinados ocorridos durante o ano por meio da indisciplina regimentar, quando se trata de abstenção dos alunos em participarem das aulas por meio da indisciplina passiva, e quando chega a um ato que prejudica a aprendizagem dos alunos por meio da indisciplina curricular e por último quando ultrapassa a questão da indisciplina e chega

à violência escolar, para que possamos lidar com essas diferentes formas de maneiras adequadas a cada uma delas.

Embora conceituamos as indisciplinas como curricular, regimentar, social e passiva de Oliveira (2015) e constatamos que ocorrem essas formas nas escolas, nesse estudo focalizamos principalmente a indisciplina curricular, por meio da conceituação de Garcia (2006) que diz que as expressões de indisciplina refletem rupturas nos contratos sociais às intenções pedagógicas nas escolas, que tem como objetivo principal o processo de ensino e aprendizagem.

A visão dos professores e gestores, como vimos acima, sobre a indisciplina escolar, tem como principais atos: desrespeito às normas, atrapalhar o desenvolvimento da aula, não realização de atividades, conversas, uso de aparelhos eletrônicos, discutir com o professor e fazer algo que foge do padrão da aula, fatos encontrados em Conceição (2013, p. 22):

Quando questionados sobre o conceito de indisciplina, as respostas foram quase similares. Obtiveram-se os seguintes resultados: na visão dos professores (42,86%) indisciplina é a “desobediência a regras impostas pela escola”, e ainda a falta de respeito com o professor (28,57%) e o “mau comportamento” (28,57%). Para os próprios alunos indisciplina associa-se diretamente ao “mau comportamento” (40%), “desobediência as regras da escola” (20%), ainda, “dizer palavrões e xingamentos” (17%), “falta de respeito com o professor (15%) e “atitudes violentas” (8%). Para os gestores (50%) o “mau comportamento” seria o maior causador de indisciplina em sala de aula, seguido da “desobediência as (sic) regras escolares” (25%) e a “falta de respeito com o professor” (25%) no ambiente educativo.

Falta um conhecimento dos docentes e gestores sobre a abrangência da indisciplina escolar e como devemos atuar nas escolas com uma ação preventiva em relação a essa temática. Muitas vezes por desconhecer as diferentes formas de manifestação de atitudes inadequadas nas salas de aula, muitos docentes lidam com todos os fatores da mesma forma, assim como muitos professores quando observam um aluno dormindo, que seria a indisciplina passiva não faz nada, pois o educando não atrapalha a sua aula e os demais alunos e a indisciplina passiva tende a passar despercebida pelos professores, pois incomoda menos que o enfrentamento. Quando isso ocorre alguma coisa está errada no desenvolvimento das aulas, que pode ser suas metodologias, a falta de contextualização dos conteúdos e das didáticas à realidade dos alunos, ou outro problema que favoreça esse acontecimento entediante e desmotivador.

Esse desconhecimento sobre as quatro formas de indisciplina escolar ficou evidente nesse estudo e isso influencia diretamente no tratamento das questões disciplinares, na elaboração de regras e projetos e na proposição de ações preventivas enraizadas na cultura

escolar, com oportunidades reais à comunidade escolar de ser ouvida e de participar nas decisões educacionais em suas escolas.

Isso corrobora que há uma falha nos cursos de formação de professores, bem como nos processos de formação continuada existentes nas escolas e em outras instituições, fato alarmante que deve ser alvo de políticas públicas para manter a temática da indisciplina e violência escolares em questão:

Além disso, as escolas e os órgãos governamentais responsáveis pela educação pública precisam se conscientizar sobre o papel da formação continuada e centrada na escola. Tal formação possibilitará a aquisição de conhecimentos construídos coletivamente a partir da necessidade real do cotidiano de cada escola, proporcionando espaços de discussão e planejamento de ações conjuntas. (ZECHI, 2014, p. 254).

Portanto, a questão indisciplinar nas escolas merece uma atenção mais privilegiada para que os professores possam conhecer profundamente esse tema, por meio de estudos e reflexões, para saberem como deve ser um trabalho realmente eficaz e eficiente que contribua para a formação de pessoas autônomas e preparadas para o exercício da cidadania e isso só será possível quando houver uma formação que realmente prepare os educadores para os diversos desafios que são enfrentados nas instituições educativas.

Há uma confusão no senso comum entre indisciplina escolar e violência escolar, afinal indisciplina é violência? Violência é indisciplina? Há semelhanças, diferenças? Frequentemente constatamos essas confusões nas escolas, sobre isso é pertinente o que encontramos na seguinte entrevista:

(ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA – ESCOLA B): [...] e tem uma aluna na sala que é um caso à parte, que é a Brigitte, que já ultrapassa a barreira da indisciplina, ao meu ver, ela já é uma aluna com quadro de violência, uma aluna agressiva, uma aluna que ela não é de falar muito, ela, assim, é um tanto quieta, porém é muito agressiva, então já passa, ao meu ver, ela é uma aluna violenta, apesar de aparentar sossegada, mas é uma aluna que se você se dirige a ela, questiona alguma coisa, ela já age com violência.

Vemos, na visão da vice-diretora acima, um avanço, pois a mesma coloca a violência como algo que vai além da indisciplina, essa aluna, inclusive, esteve envolvida em um ato grave de violência escolar, levando riscos de morte a outra aluna, no entanto ela não foi citada em nenhuma entrevista como aluna com comportamento indisciplinado, com exceção da direção escolar citada acima; e também não observamos nenhum ato que se caracterizasse como indisciplina nas aulas, mas encontramos essa ocorrência grave de violência escolar no ROI:

Data: 07/11/2014

Matéria: Equipe Gestora

Ocorrência: “A aluna citada agrediu a colega de sala Bete com um canivete, ferindo o pescoço e braço da mesma. Por diversas vezes a escola tentou contato com familiares da agressora, mas não teve êxito. Os pais da Bete compareceram à escola, bem como Polícia Municipal e foram todos encaminhados para a delegacia de polícia juntamente com a mediadora. Direção: A aluna deverá ficar em casa, pois poderá sofrer represália por parte de outros alunos”.

Essa confusão entre indisciplina e violência escolares foi evidenciada no estudo de Krawczun e Platt (2015), que nos mostra como os atos distintos são designados como violência escolar, por exemplo, desobediência ao comando docente e agressão física são caracterizados como atos violentos e são tratados igualmente pelas instituições educativas, parecendo não haver no meio escolar essa diferenciação entre eles.

A violência escolar se diferencia da indisciplina escolar. Um ato violento também é indisciplinar, o que caracteriza um ato indisciplinar também como violento é a intenção de causar dano, física ou psicologicamente, à integridade do outro (Guimarães, 1996).

Quando um aluno deixa de fazer lição, ele causa mal apenas a si próprio, não ferindo a integridade de outros alunos, docentes, gestores ou funcionários, agora quando o discente ofende o professor com palavras de baixo calão, agride fisicamente outro aluno, ou outra atitude semelhante o mesmo está cometendo um ato indisciplinar, pois está rompendo com regras de convivência, bem como está agindo de forma violenta, pois está ferindo a integridade do próximo.

Notamos nesse estudo que casos de violência nas instituições educativas são mais graves, entretanto são raros, a maior parte dos casos de indisciplina estão relacionados às conversas, uso de aparelhos eletrônicos, não realização de atividades, dentre outros casos mais simples. Agressão física apareceu raramente nas observações das aulas:

(AULA 01 – LÍNGUA PORTUGUESA - ESCOLA F): A professora chamou atenção e registrou ocorrência da Flora e do Félix, pois os dois estavam batendo com o caderno do aluno, um na cabeça do outro.

Esse excerto nos mostra um caso de agressão física com pouca gravidade, que poderia ser até uma brincadeira entre pares. Outro episódio de agressão física foi relatado na escola E, numa ocorrência registrada no ROI:

Data: 27/02/2015

Matéria: Equipe Gestora

Ocorrência: “O aluno esteve envolvido em uma briga na saída da escola fora das dependências escolares com o aluno Edson do 6º ano C, indo as vias de fato e se recusando a parar de brigar com o aluno, onde os alunos do 9º ano C também estiveram envolvidos na agressão física contra o Edson, parando a agressão devido a intervenção da coordenação, mediação e do responsável pela escola da família”.

Não seremos românticos ao extremo e negarmos que ocorrem casos de violência física nas escolas, alguns com gravidade imensa, podendo ocasionar ferimentos graves e óbitos, bem como outras formas de violência que, ao não causarem danos visíveis, como no caso da violência física, passam despercebidos, entretanto constatamos nesse estudo que ocorrem mais incivildades e indisciplina do que a violência propriamente dita.

Isso não significa dizer que as agressões não mereçam a atenção necessária, nem que a indisciplina e a incivildade, por ser algo menos grave não requer uma atenção diferenciada com o objetivo de melhorar as relações escolares. Em relação a agressão física constatamos resultados semelhantes no estudo de Leme (2006, p. 45):

Verifica-se ainda que, para a grande maioria, os problemas de convivência referem-se a agressões verbais, como insultos e apelidos, ou veladas, como difamação ou danificação de pertences. Agressões físicas são mais raras. Coerentemente, as agressões autoassumidas são da mesma natureza. Por outro lado, uma pequena parcela da amostra (que varia de 3 a 10%) pode estar sendo vítima de bullying, em virtude de relatarem maus-tratos frequentes, ocorridos toda semana ou mais vezes, que caracterizariam esse tipo de fenômeno, segundo as pesquisas revistas.

Esse trecho acima refere a opinião dos alunos sobre os tipos de agressões que sofrem nas escolas, observamos que as agressões físicas são mais raras, no entanto devem ser trabalhadas também num projeto preventivo de indisciplina e violência escolares, bem como os demais tipos como agressões verbais como apelidos, insultos, e agressões veladas, como exclusão, dentre outras devem estar incluídas nessa atuação preventiva nas escolas.

No estudo, citado acima, constatamos que ocorrem, frequentemente, agressões verbais e veladas, que se assemelham com as incivildades que encontramos, como falta de respeito e a falta de uma boa conduta social:

Entre as incivildades cotidianas na escola destacam-se, por exemplo, as grosserias, as desordens, as ofensas verbais, e o que se denomina sem muita precisão conceitual de "falta de respeito". Sob essa concepção, algumas formas de "bagunça", devido a sua pouca gravidade e previsibilidade, seriam incivildades, e nem tanto indisciplina, no sentido de romper com regras de algum *contrato pedagógico*, ou mesmo em relação a alguma expectativa expressa no regimento escolar. (GARCIA, 2006, p. 127, Grifo do Autor).

Portanto, constatamos que as agressões físicas são mais raras, mas presenciemos fortemente a questão da falta de respeito e da boa conduta social em nosso estudo marcada por incivildades citadas por Garcia (2006) que se assemelham às agressões verbais como o próprio autor conceitua como incivildades.

Devemos conhecer as formas de indisciplina e violência escolares mais e menos frequentes e sabermos como lidar com cada fenômeno distinto de maneira adequada. Há casos corriqueiros que ocorrem diariamente e merecem um determinado tratamento e há casos mais graves que são esporádicos que necessitam de outros encaminhamentos, lembrando que não devemos menosprezar nenhum incidente, conflito ou confronto, por menor que seja, pois podem ser indicativos de que a relação escolar não está benéfica e precisa de uma mudança significativa nas práticas pedagógicas.

Possíveis causas para a indisciplina escolar

Com relação às possíveis causas para indisciplina escolar, temos alguns relatos importantes que atribuem como causa principal a questão do planejamento, preparo e engajamento docente em relação ao conteúdo e à própria didática presente nas instituições educativas:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA A): [...] No meu ponto de vista eu acho que a indisciplina tem em todas as classes, porém a gente tem que saber diferenciar o que é indisciplina, e o que é um bom planejamento, quando o professor está bem preparado, dificilmente acontece a indisciplina [...] (ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA - ESCOLA C): [...] Ou, às vezes, a indisciplina também é gerada por uma aula não preparada, o professor que vem com uma aula sem preparo, ele percebe quando o professor também não tem o controle do seu conteúdo, isso gera indisciplina, [...].

Percebemos aqui uma crítica dessa professora e da vice-diretora ao planejamento docente das aulas, na opinião delas, quando há planejamento e o professor está bem preparado, dificilmente ocorre a indisciplina, pois os alunos percebem que a aula tem um objetivo e foi pensada para atingi-lo e, por conseguinte não abre brechas para que os atos de indisciplina ocorram.

Nesse caso há o respeito pela autoridade docente, por meio do reconhecimento inquestionável que a aula foi planejada e preparada com um propósito benéfico a todos, levando

ao reconhecimento da autoridade, como reflete Arendt (2010), legitimando o poder dos docentes, não necessitando da violência para subordinar a turma.

No entanto, quando o aluno percebe a desorganização por parte dos professores, ou da escola, a indisciplina escolar se torna maior, Alves (2002) afirma que os atrasos e as ausências dos docentes, a presença de professores substitutos avisados de última hora sem um planejamento prévio, muitas vezes, acarretava num tumulto extremo por parte dos alunos, ao notarem a desorganização da escola e dos professores. Corroborando com isso, trazemos exemplos de observação uma mesma turma com diferentes docentes:

(AULA 04 – HISTÓRIA – ESCOLA F): A professora prosseguiu com a revisão para a prova, a professora questionava e os alunos respondiam as perguntas, além disso a professora anotava alguns tópicos e os alunos copiavam. Durante a revisão todos os alunos participaram, prestando atenção e mantendo o silêncio e não houve mais caso de indisciplina. (AULA 02 – LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA F): A professora colocou o Fabiano para fora da sala, pois ela tinha dito que o apagador não apagava a lousa, e ele ficou brincando e tirando sarro dessa fala da docente. Não veio ninguém na sala ver o que tinha acontecido, apenas ele saiu da aula. Após uns dez minutos a professora começou a aula com uma aluna lendo um texto e a professora explicando. (AULA 03 – EF – ESCOLA F): Quase ninguém estava prestando atenção na aula, os alunos estavam jogando baralho, mexendo no celular, em pé, dormindo, conversando e fora dos lugares, enquanto a professora passava a pauta e a correção na lousa, mas esses fatos não incomodavam a professora. Poucos alunos copiaram a correção. Esses comportamentos prosseguiram durante a aula inteira.

Notamos nos trechos acima a diferença entre o que ocorreu nas aulas de história e o que verificamos nas aulas de língua portuguesa e EF, sendo que os casos de indisciplina nas aulas de história foram isolados, infrequentes, e em todos os casos quando a professora cobrava uma mudança de atitude os alunos obedeciam, já nas aulas de língua portuguesa e EF ocorreram muito mais casos, mais frequentes, e muitas vezes os alunos não obedeciam ao que era cobrado pelas docentes, fato que pode ser explicado pelo tratamento entre as docentes e os alunos.

O respeito mútuo entre a professora de história e os discentes, resulta no reconhecimento da autoridade, como apontado por Arendt (2010), legitimando o poder dessa professora sobre a turma. Nesse caso, nem a persuasão nem a coação se fez necessária. Com a própria metodologia das aulas, a docente conseguiu atrair a atenção dos alunos deixando o tema da aula mais interessante. Fato curioso é que na terceira aula observada de língua portuguesa houve uma espécie de confraternização entre os alunos na escola e não ocorreram casos de indisciplina:

Portanto não era uma aula normal e sim um momento de festa, entretenimento, lazer, convivência e formação de vínculos entre os alunos, docentes, funcionários e equipe gestora da escola. Interessante observar que nesses momentos mais flexíveis, em que

não se exigem tantas regras aos alunos, eles convivem de maneira mais harmoniosa e não há problemas em relação ao comportamento dos discentes. Parece haver uma tentativa por parte dos alunos em sua indisciplina de se contraporem a uma rigidez do ambiente escolar, quando são obrigados a seguirem inúmeras regras que muitas vezes não possuem sentido e necessidade, nem para a escola, quanto mais para os alunos. (AULA 03 – LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA F).

Ou seja, essa falta de preocupação dos professores em adequar os conteúdos e suas metodologias à realidade dos alunos e a falta de organização e planejamento do sistema educacional, das escolas e dos professores abrem brechas e oportunidades para a manifestação de atos de indisciplina por parte dos alunos e também envolvendo professores e outros segmentos da escola.

Encontramos também, em discursos recorrentes de professores e gestores, a visão que, uma das causas da indisciplina escolar, seria questões familiares. Ou seja, há uma crença comum nas escolas que a indisciplina estaria atrelada a problemas e falhas familiares:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA A): Indisciplina, a gente percebe os alunos indisciplinados, a questão da família. Quando o aluno tem uma família que prepara ele para vida, quando ele tem uma base familiar, ele não é indisciplinado. O aluno indisciplinado, geralmente, é aquele que traz muito problema familiar. [...] então você vê o porquê que o aluno não tem interesse, onde causa a indisciplina, porque ele tem problemas familiares. Isso é o que a gente tem mais visto na escola [...] Então eu acho que o ponto de partida é a família, é a base familiar. (ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA - ESCOLA C): A indisciplina no geral nessa escola, ela tem alguns problemas, ou ela está relacionada com um problema social do aluno, geralmente toda vez que a gente chama o responsável de aluno que está dando problema aqui, ele tem algum problema social dentro da família, passando por alguma dificuldade. [...] (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA – ESCOLA D): Eu acho que todas as questões que a gente discute, sobre indisciplina, sobre a aprendizagem dos alunos, o que eu acho, eu acho que falta mais a participação da família, porque a gente sempre chama a atenção em relação a isso, e muitos ainda deixam a desejar, eu acho que se houvesse uma maior participação da família, um interesse maior de estar realmente participando da vida do filho, esses problemas seriam menores.

É recorrente essa transferência que muitos educadores fazem de responsabilidade da questão indisciplinar dos alunos para o seio familiar, eximindo-se de qualquer responsabilidade e função de educar os alunos, também para essa formação cidadã. Constatamos que na opinião dos docentes e gestores acima, os alunos são indisciplinados devido a atitudes dos pais e da família, como encontramos em Aquino (1998, p. 191):

Pois bem, um segundo reparo a essa ideia da falta de limites da criança e do jovem refere-se à suposta permissividade dos pais que, por sua vez, estaria criando obstáculos para o professor em sala de aula. Segundo boa parte dos professores, a família, em certa medida, não estaria ajudando o trabalho do professor, pois as crianças seriam frutos da "desestruturação", do "despreparo" e do "abandono" dos pais (vale lembrar, oriundos também das décadas de 60/70). E mais ainda, os professores

teriam se tornado quase "reféns" de crianças tirânicas, deixados à mercê de crianças "sem educação". Será isso verdade?

É evidente que a família dos alunos possui responsabilidade na educação desses jovens, entretanto a escola não deve se eximir de sua parte, ainda mais quando a família deixa a desejar. É na escola que os alunos poderão suprir essa falta de orientação e educação por parte dos pais, como afirma Dellagnelo (2004) apud Chrispino e Chrispino (2008), afirmando que todos os ambientes que interagem com as crianças têm influência sobre seus valores, não sendo possível que a escola se exima dessa função.

Culpabilizar somente a família, os alunos ou os próprios docentes como responsáveis pelos problemas de indisciplina enfrentados nas escolas não ajudará para que as instituições resolvam as dificuldades e atinjam os seus objetivos de educar os alunos para a capacitação e também sua formação autônoma e cidadã, como encontramos em Alves (2002, p. 154):

A partir das ideias da complexidade que discutimos, e do fato de que fenômenos como este são percebidos como multidimensionais, não tendo causas únicas ou simples, é importante a escola assumir seu papel nesse processo. Os comportamentos sociais inadequados, geralmente definidos como de indisciplina e que foram bem caracterizados nas cenas do cotidiano observado, não podem ser analisados de forma reduzida ou disjuntiva. Culpabilizar ora o aluno, ora a família, não permitirá encontrar caminhos viáveis para seu enfrentamento. É importante percebermos que essa escola "tradicional" que conhecemos e que esteve presente neste trabalho, não contribui para que alunos e alunas tenham prazer de ali estar e se envolverem com seu próprio aprendizado e desenvolvimento.

Concluimos, nas entrevistas, duas causas principais para a ocorrência da indisciplina escolar, segundo a visão dos docentes que seriam: planejamento docente das aulas e questões familiares. É evidente que o modo como a criança vive pode influenciar no seu rendimento e comportamento, bem como a metodologia das aulas, seus conteúdos, planejamento e didática influencia fortemente a questão disciplinar dos discentes.

Por tanto, a causa da indisciplina escolar é multifatorial, envolvendo alunos, docentes, familiares, gestores e políticas públicas. Culpabilizar somente um desses fatores é algo superficial, desonesto e incorreto que não contribui para o enfrentamento de situações que tanto incomodam e atrapalham o desenvolvimento de aulas construtivas e prazerosas num ambiente agradável, onde os confrontos são solucionados de forma democrática.

Formas de lidar com a indisciplina escolar

Encontramos no nosso estudo, diversificadas maneiras de se lidar com o fenômeno da indisciplina escolar, trazemos abaixo os principais excertos que exemplificam tal fato, demonstrando que falta, muitas vezes, uma cultura escolar preventiva para os problemas de convivência de pessoas heterogêneas e docentes despreparados para lidar com isso. Acontece o encaminhamento das ocorrências de forma distinta que varia de indivíduo para indivíduo, de acordo com as vivências e experiências profissionais e não há um trabalho enraizado em cada instituição educativa.

Com relação às regras de posturas do professor e dos alunos, há uma explicação, estipulação, estabelecimento e proposição das mesmas por parte das escolas sem uma discussão das normas e dos princípios que as regem:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA A): Específica não, mas existem as normas que a escola já propõe e além das normas que a escola propõe, eu coloco as minhas também, se não eu não consigo trabalhar. (ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE CIÊNCIAS – ESCOLA B): No começo do ano eu já explico as regras de posturas do professor e do aluno, que são normas de convivência, eles sabem o que eles podem fazer e o que não podem fazer, e é cobrado durante todo ano as normas. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE GEOGRAFIA – ESCOLA E): Nas aulas eu percebo, como eu estou trabalhando nessa escola, nesse ano, eu trabalhei o primeiro bimestre três meses e eu já observo isso que é mais na sala de aula que parece que eles não obedecem as regras estabelecidas, então as regras são quebradas e eu tenho que voltar novamente a essas regras.

Encontramos nas respostas acima algo crucial para nossos estudos, a regra é *proposta* para os alunos e não *trabalhada*, discutida democraticamente, explicados os princípios, mas apenas colocada de forma hierarquizada para que os alunos sigam o que a gestão escolar e os docentes decidem. Ou seja, as normas já vêm prontas e isso atrapalha sensivelmente a formação autônoma dos alunos. Encontramos resultado semelhante no estudo de Grigolon et al. (2013, p. 122):

Em seu trabalho diário, é de fundamental importância que o educador conheça os caminhos para a legitimação moral de sua autoridade assim como os da facilitação e orientação consciente dos alunos na construção de regras sociais. Sendo assim, o profissional deveria conscientizar-se de que alguns dos pressupostos de se educar para autonomia consistem, em princípio, em deixar claras as necessidades das normas, negociar as regras o quanto possível, dar opções de escolha e possibilidades para que as opiniões de todos sejam ouvidas e debatidas. Pela realização das entrevistas, ficou evidente a constatação de que as regras escolares são feitas, quase que totalmente, sem a participação dos alunos em conjunto com os professores – apenas 11,1% dos entrevistados relataram que a elaboração das regras conta com a participação dos

educandos; em contrapartida, 77,7% dos alunos disseram que as normas são elaboradas apenas por autoridades da escola, e 8,3% responderam que as regras são criadas por autoridades externas. O mais alarmante, em ambos os casos, é que os alunos, por vezes, acabam relatando que nem mesmo quem cria as regras sabe justificar sua necessidade.

É de senso comum que quanto mais regras e normas forem propostas, explicadas, expostas aos alunos menos casos de indisciplina escolar ocorrerão, entretanto isso não acontece, pois como vemos acima, a maioria das normas é elaborada pelas autoridades da escola, assim sendo fica difícil que os alunos respeitem aquilo que eles não conhecem ou não entendem o significado.

Para que isso não ocorra as regras devem ser discutidas e elaboradas de forma democrática e segundo a necessidade, baseadas num princípio que seja explicitado a toda a comunidade escolar para que o aluno tenha esse conhecimento. Não devemos cobrar conhecimento de regras por parte dos alunos de um regimento amarelado colado na parede há anos sem uma atualização e principalmente discussão conjunta do mesmo. A presença excessiva de regras nas escolas não garantirá por si só a disciplina escolar:

O excesso de regras na escola, ao contrário do que podem pressupor alguns educadores, não garante a esperada “obediência” do aluno, nem tampouco contribui para a construção de um ambiente democrático, objetivo tão propagado pelas teorias educacionais atuais e, pode-se dizer, almejado por muitos daqueles no ramo da educação. Diferentemente disso, constatou-se que, em muitos casos, apesar do grande número de regras impostas, persiste a indisciplina ou, em outros, gera-se mesmo o seu agravamento. Desse modo, considerou-se importante, à luz da perspectiva construtivista, analisar a construção das regras, as quais muitas vezes não são cumpridas, fato que gera dúvidas e angústia no ambiente escolar. (GRIGOLON et al., 2013, p. 121)

Não devemos impor as regras aos alunos sem uma reflexão sobre seus princípios e uma discussão democrática das mesmas, também não podemos pensar que tudo será passível de se propor por meio de combinados e acordos. Devemos ter em mente que há princípios norteadores que devem ser discutidos, explicados e refletidos com toda a comunidade escolar para que as regras necessárias sejam elaboradas e implementadas a partir dessas reflexões e posteriormente uma discussão democrática auxiliará na internalização das normas que regem aquele espaço:

Os procedimentos empregados pela professora democrática que buscava cada vez construir em sua classe um ambiente favorável ao desenvolvimento da autonomia são coerentes com os apresentados na introdução dos PCNs (Brasil, 1997) que propõem que os princípios éticos sejam explicitados de forma clara na escola, todavia, que sejam incentivados a reflexão e a análise crítica de valores, atitudes e tomadas de

decisão, possibilitando o conhecimento de que a formulação de tais sistemas é fruto de relações humanas, historicamente situadas. (VINHA; TOGNETTA, 2006, p. 15).

O que devemos construir nas escolas são momentos de diálogos, em que as opiniões dos alunos sejam levadas em conta, nos quais as regras e os princípios morais norteadores possam ser discutidos pelos docentes, gestores, alunos e toda a comunidade escolar, como enfatizado por Grigolon et al. (2013).

Muitas vezes, nas escolas, não ocorrem a participação conjunta de alunos, professores, gestores, pais e comunidade local na elaboração do Projeto Político Pedagógico e das normas e regimentos escolares, como presenciamos no nosso estudo. Nas entrevistas quando questionamos os professores e a gestão escolar sobre isso obtivemos diferentes respostas:

(ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EF- ESCOLA A): Para ser sincero, a participação dos alunos nesse projeto é limitada, por uma série de fatores, inclusive porque eles não têm essa experiência, não gostam muito de participar. Poderia ser ampliada a participação dos alunos, entre os professores é discutido junto com a coordenação e direção. [...] Entre professores e alunos devem acontecer isso em algum momento logo no começo do ano, essa discussão sobre o regimento escolar, agora uma grande reunião conjunta com a direção da escola, professores, representantes de alunos eu não vi acontecer ainda. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE EF- ESCOLA E): [...] Sim, foi apresentado o Projeto Político Pedagógico para os pais, para os alunos, numa reunião específica para apresentar o Projeto Político Pedagógico que contempla o Regimento e também nos Conselhos de Classe, existem sim, nesses momentos a gente coloca em pauta a questão da indisciplina.

Como vemos acima, muitas vezes ocorre uma apresentação do PPP aos pais e alunos sem uma elaboração conjunta por parte da comunidade escolar em relação a esse e outros documentos. Será realmente que os alunos não querem participar dessas discussões ou não foram convidados? Os alunos não possuem experiência, mas a escola sendo um lugar de formação não deveria incentivar os alunos a participarem dessas práticas justamente para adquirirem essa experiência? Como os alunos ganharão essa vivência, se esse espaço é negado?

Ainda em relação a participação dos alunos na elaboração e formulação de projetos e regimentos escolares temos o seguinte:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE GEOGRAFIA – ESCOLA E): Sim, ela pergunta, a coordenadora nova, ela disse para gente já começar a trabalhar esses projetos, minimizar esses conflitos que ocorrem entre eles, despertar neles o lado afetuoso que eles têm e parece que está meio escondido, então nós estamos resgatando isso já, eu no outro bimestre eu já tenho um projeto pronto para trabalhar isso com eles, ela conversa muito sobre isso. [...] Sim, nas ATPCs é falado, insistem da gente falar para eles das regras, todas as regras sempre você volta com eles, estão afixadas, em todas as salas estão afixadas as regras, então eu volto a trabalhar isso com eles,

olha pessoal está escrito lá, olha o que nós combinamos no começo do ano, eles já sabem as regras, às vezes podem ter um esquecimento, mas eu volto a repetir aquilo.

Portanto há essa cobrança de obediência por parte dos alunos e não uma orientação sobre as normas da escola, ou seja, as regras não são discutidas democraticamente e nem são explicados os princípios que as regem e sim a escola passa para os professores, que por sua vez, cobram dos alunos.

Outra questão é a participação da comunidade escolar nas decisões das instituições educativas, como a elaboração de projetos, a metodologia das aulas, a discussão democrática sobre os conteúdos e as normas escolares. Quase não há participação dos alunos na elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), bem como do regimento escolar com suas normas, há sim reuniões pedagógicas nas escolas e as próprias ATPCs que às vezes contam com a presença de alunos, entretanto, essa participação é ínfima e limitada e a presença maior é de docentes e gestores:

(ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA – ESCOLA A): Durante o ano, nós temos uma reunião, que é considerado como o dia “D”, esse dia é um dia para que nós possamos discutir [...] sobre várias dimensões, e uma delas trata sobre as questões disciplinares, então nesse momento, é comentado sim sobre a disciplina [...] e nesse dia é colocado o assunto na pauta e também em relação ao Projeto Político Pedagógico, também é comentado sobre isso. [...] Então nesse dia, que é o dia “D”, nós falamos na realidade sobre tudo, então fala também do regimento, fala das normas da escola e nos dias do conselho os alunos participam! Então quando tem o conselho escolar, eles trazem os problemas da sala de aula, que seria um momento assim que a gente discute as normas, as regras, o regimento escolar, esse é o momento que os alunos têm para fazer essa discussão. (ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA – ESCOLA C): Então nós vamos fazer o nosso estudo da Proposta Política Pedagógica, agora no início do ano que vem, nós estamos com a nossa proposta desatualizada, [...] nós vamos alterar completamente. [...] as normas foram totalmente alteradas, nós colocamos muitas coisas que é direito do aluno que não estava, nós colocamos coisas agora, os deveres dos alunos, nós temos um problema muito grave, o uso de celular que gera indisciplina também. Isso agora está no nosso regimento, que não estava. Então o nosso regimento está atualizado, de acordo com a legislação que nós tivemos depois do nosso regimento, que nosso regimento, ele era de 2010, então tem muita legislação que saiu depois disso, então a escola fez o estudo das legislações novas e nós estamos com o regimento novo, que está sendo publicado, e os pais que estão fazendo matrícula agora, que fizeram matrícula do dia quinze de novembro e vai até dia dez de dezembro, todos estão recebendo uma parte bem resumida do regimento, com os direitos e deveres.

Vemos que ocorrem algumas participações dos alunos, no entanto são esporádicas, em algumas escolas e em momentos raros e escassos. Não há uma cultura de participação conjunta de pais e alunos na elaboração dos aspectos pedagógicos da escola durante todo o ano letivo. Como seria essa reunião nesse dia “D”? Os alunos são preparados para fazer essa discussão? Há uma formação prévia, ou é apenas um dia curricular que os alunos se reúnem e

expressam suas opiniões sem um aprofundamento necessário? São questões que nos perpassam, pois se essas discussões ocorrem apenas nesse dia, o restante do ano letivo é levado em conta? O que os alunos falarão nesse dia reflete a opinião dos mesmos ao longo do período letivo ou apenas o que está mais recente na memória afetiva dos discentes? Essas reuniões e dias para discussão como assembleias deveriam ocorrer com uma frequência maior.

A elaboração das regras, do PPP, do regimento escolar e outros documentos e aspectos pedagógicos deve ter a participação de alunos, docentes, funcionários, gestores e pais, ou seja, toda a comunidade escolar deve estar envolvida nessa reflexão e proposição de ações que norteiam as práticas pedagógicas. Não devemos negar essa participação aos alunos sobre falsos argumentos de que eles não gostam, não possuem experiência, dentre outros. Também é tarefa das escolas promover essas vivências tendo como objetivo a formação da autonomia dos alunos, e dessa forma impactando positivamente as relações escolares e diminuindo os casos de indisciplina, como notamos nos estudos de Grigolon et. al. (2013, p. 122):

É preciso que todos os envolvidos com o sistema educacional percebam-se não apenas como responsáveis pelo aprendizado de conteúdos científicos e acadêmicos, mas também pela melhoria do trabalho, discutindo regras e limites, visto que esses fatores têm constituído, em nossa sociedade contemporânea, um problema que já ultrapassou os limites da escola e se configura como uma de nossas grandes angústias sociais. Diante de tais dificuldades, caberia uma reflexão sobre as concepções que norteiam as práticas educativas e até que ponto têm tido eficiência para além do aprendizado cognitivo. É necessário que o educador se coloque em ininterrupto processo de reflexão-ação-reflexão, estudando o desenvolvimento humano, utilizando práticas mais democráticas em seu trabalho, como rodas de conversa e assembleias, jogos cooperativos etc.

Portanto, notamos que os alunos até participam em certos momentos da rotina escolar, de reuniões e conselhos, entretanto essa participação é ínfima, muitas vezes por meio de representantes de sala, e essa reunião não é para elaboração de PPP, normas e regimentos escolares e sim para discussão do que já existe, dos casos que acontecem e da visualização por parte dos alunos das regras e normas:

(ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA – ESCOLA F): Sim, sempre a gente tira, pelo menos uns dois ATPCs para discutir, às vezes até mais. Ano passado a diretora pensou no projeto de sala ambiente, justamente para diminuir a indisciplina na sala, porque a sala ambiente ela propõe para o aluno, um ambiente mais interessante, um ambiente da matéria que ele vai estudar naquela aula, então a gente tem certeza que estar numa sala ambiente da matéria é motivador, bastante motivador, então tudo que motiva o aluno a fazer tira a indisciplina dele, fazer algo tira a indisciplina e também para que eles se movimentem, não fique naquela coisa, toda hora querer ir ao banheiro e tudo mais, querer passear pela escola, então a gente tem percebido isso, acabou, agora eles passeiam a cada duas aulas ou toda aula eles fazem a troca, de uma maneira organizada, mas fazem a troca, fazem esse movimento de guardar o material e ir para outro ambiente e nas ATPCs a gente faz muita

discussão, lemos muitos textos, a gente ouve muitas palestras, principalmente do Sérgio Cortella, que eu penso que fala muito para o educador, sobre o educador e sobre os educandos, fala muita coisa interessante para gente e é isso. [...] Sim, sempre. Nós trabalhamos com os líderes de sala, ou representantes de sala, cada sala elege dois representantes e para isso esses representantes têm que ser os melhores alunos da sala, aqueles que são líderes positivos e não líderes negativos, e nós trabalhamos com esses líderes, eu enquanto coordenadora eu faço reuniões com eles, você viu que elas vieram perguntar quando será a próxima, eu converso sobre a organização da fila, sobre a indisciplina na sala de aula, quem anda conversando muito, para que eles avisem o professor quando terá uma troca, pois nós não trabalhamos com sinal, para que eles anotem na pastinha as tarefas e trabalhos que sala deve fazer, e dessa forma a gente consegue ouvir o que está acontecendo em sala de aula partindo do educando e no conselho de classe, eles participam e lá nós temos reunião dos gestores, dos educadores e dos educandos, nessa hora nós fazemos uma ata, ouvimos os educandos, eles ouvem todo o conselho de classe, eles participam e ouvem tudo o que a gente conversa, e todos os acordos que fazemos, fazem parte disso e eles têm o compromisso de levar isso para sala, bem como os professores orientadores de sala, cada sala tem o seu professor orientador que participa e faz essa ata, é feita pelo professor orientador, ele que faz e depois os representantes o ajudam a falar na sala de aula para todos os educandos, é isso.

Ou seja, não há uma discussão democrática com a participação de todos os segmentos da escola e sim uma formulação hierárquica de acordo com as opiniões dos gestores sem a participação direta dos discentes e dos docentes, que pode não levar em conta o significado que tanto as aulas, como as regras possuem para professores e alunos. A participação dos alunos e dos docentes é limitada apenas em alguns momentos esporádicos no decorrer do ano letivo na elaboração das regras.

Percebemos que essa temática, apesar de todos os entraves pedagógicos que causa nas escolas, ainda é um tabu. A participação de pais, alunos, professores e comunidade local na elaboração e implantação dos projetos, normas, regimentos e outros aspectos pedagógicos é deficitária e não preenche as lacunas educativas encontradas nas escolas, há momentos, como conselhos de classe, ATPCs, reuniões pedagógicas e outros, no qual há uma ouvidoria de alunos e docentes, no entanto é algo muito limitado, que não está enraizado na cultura escolar e prevalece uma atuação muito mais corretiva do que preventiva, além de ser extremamente variável e distinta de uma escola para outra, sendo que em algumas instituições a participação é maior e em outras menos frequente.

Para a formação autônoma e cidadã é necessário ampliar os espaços de discussão democrática, em que todos os segmentos das escolas possam participar da elaboração e implantação de documentos e projetos, opinando, trazendo o seu ponto de vista e se sentindo integrante da instituição, assim criaremos um sentimento de pertencimento e envolvimento escolar. Bem como tornará um ambiente mais aberto e conseqüentemente mais agradável e prazeroso. É importante também que haja projetos, cursos, formação continuada de todos os

segmentos da escola para que possamos lidar com esse fenômeno e outros que surgem nas instituições.

Entretanto, não devemos ser românticos ao extremo e esquecermos que precisamos criar as condições para que isso seja possível, pois não basta oferecer esses momentos e não haver participação por falta de tempo, pela má organização dos horários e pela dificuldade de reunirmos toda a equipe. Num programa efetivo de educação em valores e outros que se fazem necessários é importante um cronograma que seja seguido e oferecer alternativas para que as participações de pais, professores e alunos ocorram.

Embora os professores relatem atitudes positivas de lidar com a indisciplina, notamos que nem sempre isso ocorre, pois acompanhamos nas nossas observações, que a forma mais comum de se lidar com a indisciplina dos alunos por meio das broncas dos docentes:

(AULA 02 – LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA A): O Aaron estava falando, com ninguém em específico, fazendo brincadeiras e a professora deu uma bronca, ele parava no momento, mas depois começava. (AULA 02 – MATEMÁTICA – ESCOLA C): A professora deu uma bronca no Cristiano, que estava discutindo e demorando para sentar. [...] O Camilo estava gritando e a professora deu uma bronca e fez uma pergunta em relação ao conteúdo da aula, e ele respondeu corretamente. (AULA 01 – LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA F): Começou a leitura de um texto dissertativo, a professora interrompia constantemente para explicar e para chamar atenção pelas conversas, deu uma bronca novamente na Fani por conversas, e ela parou nesse momento.

Essas atitudes autoritárias, como broncas, chamar a atenção dos alunos, retirar os mesmos das salas são negativas, e infelizmente comuns nas escolas, como observamos nesse estudo. Esse modelo disciplinar dos docentes pode ser eficiente e eficaz no momento da aula, da explicação, na qual o docente conseguirá se impor e obter o silêncio da turma para o prosseguimento das atividades, entretanto a longo prazo contribui para o reforço da heteronomia dos alunos e não o desenvolvimento da autonomia.

Outra forma negativa de lidar com a indisciplina dos alunos é a retirada dos mesmos da sala de aula que pode ser contraproducente e ocasionar o aumento do problema pelo reforço positivo, como presenciamos quando ocorre um caso de indisciplina que incomoda bastante a professora de língua inglesa da Escola D, ocorre o encaminhamento para que o aluno saia da sala:

A professora deu uma bronca no Damião, pois o mesmo estava cantando na aula e fazendo brincadeiras, o aluno continuou com o comportamento e a professora pediu para o mesmo sair da sala. O Diego estava gritando e fazendo brincadeiras, e a professora também pediu para ele sair da sala. Os alunos saíram da aula e não houve encaminhamento a ninguém, nem interferência do inspetor para ver o que tinha

ocorrido, nos parece que apenas os alunos ficaram no pátio fora da aula. [...] Danrlei e Donizete conversavam mais que os outros. O Danrlei acertou uma caneta na cabeça do Décio que estava sentado à sua frente, o Décio começou a chorar e a professora retirou os dois alunos da sala. (AULAS 01 e 03).

Outras atitudes que os professores e gestores citaram que tomam em relação à indisciplina escolar são explanadas nos seguintes trechos, em que encontramos algumas formas negativas de se lidar com esse fenômeno, por meio de castigos e sanções, como enviar à direção e deixar os alunos sem participar da aula prática de EF, dentre outros, como a utilização do ROI, ou atitudes autoritárias como mudar de lugar, separar os grupos, cobrança dos alunos e não uma orientação e por último há um controle excessivo olhando a matéria dos alunos diariamente:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA – ESCOLA B): [...] eu tento mudar de lugar, separo os grupos [...] eu visto no dia-a-dia, porque tudo para eles têm que valer nota, se não eles não fazem [...] então é uma cobrança para que eles não conversem, para que eles façam aquilo que eles precisam, e é dessa forma. (ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EF– ESCOLA B): [...] é muito difícil nas minhas aulas, por exemplo, colocar o aluno para fora [...] a gente tenta trabalhar assim usando algum tipo de sanção. A gente pode falar castigos, então como eles gostam muito da parte prática de EF, já a parte teórica, assim como outras matérias eles não gostam tanto, então eu procuro falar para eles: [...] se eu não terminar a matéria, a gente não pode ir lá para parte prática, só que eu percebo, que às vezes isso, nem sempre o efeito é o esperado. Às vezes continuam bagunçando, mas assim, tem dado resultado [...] alguns casos pontuais específicos, eu deixo o aluno na diretoria mesmo, então ele fica lá, eu falo para ele ir lá para pensar nas atitudes dele, enquanto isso eu vou para aula prática, ou seja, ele percebe, ele queria estar lá na aula prática, mas ele vai ter que ficar lá na diretoria. (ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA – ESCOLA B): [...] Se volta a acontecer, então convoca os responsáveis, faz de novo aquela conversa, aquela orientação, e se isso vai progredindo vai tendo as punições previstas no regimento, que é uma advertência escrita, uma suspensão, é um pedido para que o pai leve para outra escola, é nesse caminho. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE EF – ESCOLA C): Eu tento conversar, eu chamo a atenção, eu chamo a pessoa individualmente, primeiro momento dou uma advertência verbal, se o aluno continua com o mesmo problema, eu levo a advertência para a direção, a direção tentar resolver esse problema. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA F): [...] se não melhora você anota no caderno de ocorrência, diversas ocorrências você conversa com os responsáveis, você faz o encaminhamento para coordenação, dependendo do caso se for uma coisa que envolve mais o psicológico, alguma questão familiar, o encaminhamento para o psicólogo, que em alguns casos pode ajudar bastante.

Quando o professor necessita utilizar broncas, punições e premiações, há a ausência do reconhecimento da autoridade presente nesse educador, dessa forma não há a legitimação do poder docente e o professor necessita utilizar de mecanismos de opressão e violência como ameaças para se impor e conseguir a obediência dos alunos, como evidenciado por Arendt (2010). Esses fatores são negativos, pois como encontramos em Vinha e Tognetta (2006, p. 14-15):

O professor precisa conhecer bem como seu aluno desenvolve-se e aprende para que realmente o auxilie nesse processo, adequando o ambiente escolar de forma a respeitar essas características infantis, e não fazer exigências desnecessárias e mesmo absurdas como ocorre cotidianamente. Ao invés de utilizar procedimentos temporários da educação para o presente, que leva o sujeito a conformar-se com as normas, devido às manipulações feitas pelos adultos, como o poder da autoridade, o uso de recompensas (notas altas, pontos positivos, considerações especiais, elogios, etc.) e de punições (notas baixas, advertências, castigos, ameaças, etc.), visando à formação de pessoas autônomas, faz-se necessário que a apropriação das normas seja por meio da reflexão, discussão e ação, permitindo à criança perceber as consequências naturais decorrentes de suas atitudes (reciprocidade).

Ou seja, utilizando os mecanismos citados pelos professores do nosso estudo, registrados nos ROIs e observados nas aulas, estaríamos utilizando procedimentos temporários por meio de recompensas (ir à quadra e notas) e punições (ameaças, não ir à quadra, convocação dos responsáveis, advertências escritas, transferências, mudança de lugar e separar os grupos). Dessa forma poderíamos até conseguir a disciplina naquela aula ou por certo momento, mas isso deixaria de existir quando a premiação ou sanção não estivesse mais presente, mantendo os alunos na heteronomia e prejudicando assim a formação da autonomia, que só será possível em ambientes que ofereçam a reflexão, a discussão e a ação para que as regras sejam entendidas e incorporadas, como retratado por Araújo (1996) a partir do referencial Piagetiano.

Nos ROIs, nas seis escolas, encontramos algumas formas de lidar com a indisciplina escolar, sendo que encontramos quatro atitudes principais, as formas mais recorrentes de lidar com esse fenômeno foram “Aviso, Comparecimento ou Convocação dos Pais” em quatro escolas, “Encaminhado à Direção/Coordenação/Mediação” em duas escolas “Colocado para fora da sala de aula” em duas escolas, sendo que em algumas escolas houve um empate em duas medidas mais adotadas e, portanto, consideramos ambas nesse levantamento. Além dessas medidas ocorreu também a suspensão dos alunos, mas não foi a forma mais recorrente em nenhuma escola.

Constatamos acima que a forma de lidar com a indisciplina escolar é semelhante nas escolas, por exemplo, colocar para fora da sala de aula, encaminhar à direção e convocação dos responsáveis. Encontramos resultados parecidos nas observações das aulas e nas entrevistas.

Questionamos a utilização do ROI nas escolas, pois na Escola A ele quase não é utilizado, já nas Escolas B e D é o contrário, há alunos com mais de cinquenta registros de ocorrências de indisciplina, portanto se há um valor tão alto assim significa que o registro não está funcionando, pois se o mesmo funcionasse, os alunos não teriam tantas ocorrências, pois a

partir da recorrência eles já teriam mudado de comportamento, como constatamos num registro abaixo:

Data: 02/10/2014 (Berta e Bete)

Matéria: Matemática

Ocorrência: “Não aguento mais não realizarem nada em sala de aula é o tempo todo conversando e mexendo no celular, em redes sociais e música. Inúmeras advertências verbais e ocorrências no caderno, inclusive já tomei o celular”.

Ou seja, notamos certa banalização nesse ROI, constatamos que muitas ocorrências importantes não são registradas e outras simples são exacerbadas, o que leva a um total descrédito de toda a comunidade escolar, especialmente os alunos, a esse documento. Como percebemos no estudo de Negrão e Guimarães (2006), os alunos relatavam que o livro de ocorrência não dava em nada. Corroborando com isso temos um registro na escola D, em que um aluno relata que não dá importância a esse documento:

Algumas Ocorrências do Aluno Diego:

Data: 18/03/2014

Matéria: Língua inglesa

Ocorrência: “O aluno continua desrespeitando as regras e comendo em classe, também está sempre fora do seu lugar no mapa durante a troca de professores. Obs.: na última aula (6ª aula) o aluno estava comendo chicletes, **O aluno também disse que poderia anota-lo porque não liga para as anotações**”.

O ROI passa a ser um documento meramente burocrático nas instituições educativas que serve apenas para comprovar atitudes que os alunos tiveram nas aulas, mas sem auxiliar na formação dos discentes e no desenvolvimento da autonomia moral. Nesse estudo encontramos significativas diferenças entre as escolas e até entre os professores de uma mesma instituição, havendo mais registros de alguns docentes do que outros, isso mostra a falta de cultura preventiva da indisciplina por meio desse documento e que muitos alunos e docentes consideram algo banalizado.

Um documento realmente eficiente e eficaz acompanharia toda a vida escolar do aluno, bem como um conhecimento da realidade em que cada indivíduo vive e não apenas ocorrências, em sua maioria, de atos de indisciplina, que levam apenas a uma exposição e constrangimento desnecessário dos discentes. Corroborando com isso trazemos o trecho abaixo:

Nesse sentido, o caderno de ocorrências passou a assumir o estatuto de defesa da escola contra possíveis omissões, uma prova de que a escola resguarda o direito de seus alunos. A análise das frequências apontou para um decréscimo considerável dos registros, pois na nova economia disciplinar o caderno de ocorrências não se apresentou mais tão eficaz como prática de controle, governo e disciplinarização. Isso

demonstrou que as formas de resistências – materializadas na recusa em modificar os comportamentos e no descaso pelos seus efeitos manifestado pelos alunos reincidentes, na indisponibilidade das famílias em permitir que a escola conduza e reconduza suas formas de viver, nos silêncios que manifestam a recusa de confessar e de assumir a culpa – ocupam os espaços vazios das práticas disciplinares, produzindo novas formas de fazer na escola. (RATUSNIAK, 2012, RESUMO).

Pode ser que um trabalho preventivo utilize de registros, mas de uma forma mais aprofundada e complexa que realmente contribua para a melhoria das relações institucionais e favoreça o desenvolvimento da autonomia moral e intelectual dos alunos e de toda a comunidade escolar. Notamos outra fala que sugere a expulsão de alunos com casos graves de indisciplina:

(ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA E): [...] Ensino Médio, aluno de quinze, dezesseis anos, que está aqui na escola, que tem consciência do papel dele na sociedade já, não é mais criança e atrapalha, desrespeita, eu acho que deveria perder a sua vaga na escola, perder a vaga naquele ano, não ser transferido, mas perder a vaga mesmo, **devia voltar a expulsar alunos indisciplinados, casos graves, não digo assim, uma briga, uma discussão com o colega, isso é normal. Mas casos graves, aluno que agride o professor, aluno que desrespeita todo dia**, todo dia, a gente demanda tempo precioso, eu estou falando do ensino médio, repito, não falo de criança até doze, treze anos, eu falo de quinze para frente, jovem já, quase, eu acho que a gente perde muito tempo com esse pessoal aqui e a qualidade da aula se vai e a gente fica discutindo o que o professor tem que fazer, mas não é o professor. Eu acho que deveria sim, ser expulso o aluno que comete algum ato grave indisciplinar, eu digo grave, essa é a minha opinião. (Grifo Nosso).

Vemos que o docente considera brigas entre os alunos como algo normal, no entanto na visão dele quando se agride um docente ou desrespeita todo dia já passa a ser algo grave, ou seja, infelizmente há nas escolas essa visão de inferioridade dos alunos, como uma agressão entre eles fosse algo menor do que uma agressão a um docente, gestor. Fica evidente que casos assim que afetam a pessoa que ocupa o cargo hierarquicamente superior, ou seja, a autoridade, demonstram que essa autoridade não foi reconhecida pelo sujeito ou pelo grupo, como relatado por Arendt (2010). É evidente que há papéis sociais que devem ser respeitados, por exemplo, um aluno não pode ter acesso a todos os documentos que os professores e gestores possuem, como relatórios médicos de outros alunos; um discente não pode suspender o seu par. Há que se respeitar os papéis sociais hierarquicamente construídos, no entanto brigas, agressões físicas e verbais devem ser tratadas igualmente, seja a vítima aluno, docente, gestor, funcionário ou outra pessoa qualquer.

Agressão física entre os alunos é tão grave quanto outras formas de agressão, pois está violando o direito de outra pessoa, seja ela gestora, docente, funcionária ou aluna.

Observamos essa visão de diretores no estudo de Leme (2006, p. 70), em que agressão aos pares é considerada menor e naturalizada:

Os conflitos entre alunos são de certa forma naturalizados pelos diretores, que veem como mais graves as agressões perpetradas por alunos à equipe gestora, aos docentes e aos funcionários. Como os alunos relatam mais frequentemente agressões de natureza velada, é possível que os diretores não percebam a situação enfrentada por alguns alunos, principalmente os mais jovens.

Nas escolas devemos ter em mente que qualquer agressão ou conflito é importante e merece ser tratado adequadamente. Quando consideramos agressões físicas ou verbais entre os alunos mais simples estamos deixando de atuar num ponto importante e falhando no desenvolvimento da autonomia moral. Bem como quando tentamos resolver os problemas apenas com punição, suspensão, transferências compulsórias, dentre outras atitudes autoritárias.

Ao punir e transferir os alunos da sala de aula para a direção, da direção para a família ou para outra escola estamos apenas transferindo o “problema” de lugar, muitas vezes nos livrando desse “empecilho”, mas em nada estaremos resolvendo e contribuindo para a formação da autonomia dos alunos:

(ENTREVISTA COM A DIREÇÃO ESCOLAR – ESCOLA D): [...] a gente faz combinados novamente, a gente dá oportunidades, porque eu acredito que seguindo todos os padrões da disciplina da escola seria advertência oral, advertência por escrito, suspensão, até chegar o caso de uma transferência compulsória, que nós não tivemos nenhum caso esse ano, porque nós sabemos que a gente vai estar transferindo o problema de lugar e não vai adiantar muito, então nessa questão a gente conversa, combina com eles: “Olha o que aconteceu? Ai, porque eu risquei a carteira. Se você riscou a carteira, o que você pode fazer então já que seu problema foi danificar um patrimônio, o que você pode fazer pelo patrimônio da escola?” Então muitas vezes, eles mesmos colocam uma situação: “Ah posso limpar outras carteiras, da minha sala, das outras salas? Tudo bem, se os responsáveis concordarem, se não tiver nenhum problema você pode limpar.” [...].

Não adianta termos atitudes autoritárias por meio de mecanismos de violência que os alunos até obedecem por certo tempo, por medo ou para ganhar algo, entretanto não contribui para a formação cidadã de nossos educandos.

Quando falta a autoridade para legitimar o poder, que nada mais é do que ação entre as pessoas nas relações que existem na sociedade (GUIRADO, 1996), necessitamos da violência para subordinação da turma, quando os alunos não reconhecem em um determinado professor uma autoridade, não haverá respeito por parte dos discentes e o docente precisará de mecanismos de punição e opressão para conseguir o seu objetivo:

Todavia, vimos que a obediência nem sempre provém de uma relação de autoridade: pode ser pura coação. Se o professor apenas consegue ser obedecido pelo uso de recursos punitivos, entre os quais a reprovação é o mais forte e inapelável, ele não está exercendo o papel de uma autoridade. Claro, não sejamos românticos: notadamente na escola, o exercício de pura autoridade é muito raro e tem quase sempre, na retaguarda, punições de vários tipos. Porém, essas devem ser a exceção, o último recurso, e não o primeiro. Devem aparecer quando a relação de autoridade falha, mas não substituí-la. (LA TAILLE, 1999, p. 14).

Muitos professores utilizam esse artifício de opressão e violência para conseguir trabalhar o seu conteúdo, muitas vezes obtendo uma indisciplina passiva, mas que para ele é satisfatório.

Autoritarismo e permissividade são danosos no ambiente educacional, como encontramos em Ramos (2013), a permissividade interfere na elaboração de aulas produtivas por parte dos docentes e no autoritarismo há a utilização do respeito unilateral por meio de sanções expiatórias e punições. Permissividade se relaciona com ausência total de regras, ou seja, a anomia. Já o autoritarismo baseia-se em regras, cujo controle é externo se referindo a heteronomia.

Outra forma negativa no trato com a indisciplina escolar é a transferência do problema educacional para outras esferas e profissionais que não estão diretamente envolvidos com a instituição escolar, como notamos em Brito e Santos (2009) em relação a violência. Brito e Santos (2009), na questão da violência propõem apoio de outros profissionais como policiais, para tentar solucionar o problema. Encontramos isso também nas escolas na questão indisciplinar, ou seja, é recorrente o discurso de que o professor não consegue resolver sozinho o problema da indisciplina escolar. Os professores relatam que precisam de apoio de outros profissionais como, mediadores, psicólogos, psiquiatras, médicos, e que precisam também de uma formação específica para lidar com a temática. Constatamos em diversas entrevistas essa visão dos profissionais:

(ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EF – ESCOLA B): [...] O que eu percebi, é que a gente tem mesmo assim uma deficiência nessa questão da parte psicológica, de formação, quanto ao lidar com a indisciplina, [...] mas para falar sobre essa questão da formação da personalidade, para gente saber quais as sanções, o que fazer, como proceder com os alunos, para que a gente não perca o aluno no sentido de ele perder o respeito por nós, seja em uma discussão, alguma coisa. E também a gente possa ajudar para que ele possa crescer e se desenvolver. (ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA – ESCOLA B): [...] a escola pública, ela é uma escola muito diversa. E a gente tem uma escassez de recursos humanos, então hoje eu posso dizer que nós temos assim bastante recursos pedagógicos, materiais e falta para nós o recurso humano, então isso faz diferença, então precisaríamos hoje ter psicólogo na escola, isso ia ajudar muito [...] e nós temos muitos alunos que precisariam de uma orientação mais específica, se tivesse um psicólogo na escola, isso ia ajudar muito, ou até mesmo um psicopedagogo [...].

Essa fala da direção escolar que eles possuem bastantes recursos pedagógicos e materiais e falta mesmo recursos humanos, como o apoio psicológico, é constatado na fala de Zechi (2014, p. 12):

Nesse contexto, evidencia-se o papel relevante dos docentes no enfrentamento dessa problemática. Professores, coordenadores pedagógicos e diretores de escolas, além da responsabilidade de ensinar, precisam aprender a prevenir a violência e a indisciplina em sala de aula e a não produzi-las ou potencializá-las. Contudo, a situação escolar se agrava quando consideramos a precariedade da formação profissional de alguns professores e a falta de preparo psicológico para enfrentar tais problemas.

A falta de profissionais da educação é um problema, mas recorrer a outros profissionais como psicólogos, assistentes sociais, dentre outros é uma transferência de um problema educacional para outra esfera, como notamos na fala abaixo. Embora, muitas vezes, seja necessário que o docente tenha esse respaldo de outros profissionais para lidar com aspectos psicológicos e sociais dos discentes, por que o professor não possui formação adequada para isso:

(ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA - ESCOLA A): [...] Porque quando você fala indisciplina, envolvem vários aspectos, aspectos sociais, aspectos psicológicos, e muitas vezes nós sentimos falta de um apoio, do apoio de um psicólogo, de um assistente social, que muitas vezes, se nós tivéssemos esse apoio, nós evitaríamos muitos problemas, que tem alunos que são indisciplinados, porque eles passam por problemas familiares, eles passam por problemas sociais, e que não compete, às vezes, à escola, a escola não consegue resolver, então a única coisa que a gente pode fazer é instruir o aluno, conversar [...] (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE EF – ESCOLA E): Eu enquanto professora, eu me sinto assim, o pouco apoio dos outros órgãos de responsabilidade do poder público, de estar acompanhando, me sinto uma impotência, porque a atuação do professor em sala de aula tem um limite e muitas vezes está além aonde que a gente pode ir, não para ter um controle, mas para fazer com que aquele aluno avance na aprendizagem.

Ressaltado por Alves (2002), é frequente essa transferência das causas e resoluções dos problemas que muitos educadores fazem para outras instâncias, nas causas é reiterada por diversas vezes, como já mencionado, a culpabilidade das famílias, assim como para solucionar os problemas há um encaminhamento dos alunos com atos considerados de indisciplina, para os gestores e esses por sua vez, buscam o apoio de outros profissionais, seja os educacionais, como os professores mediadores, seja em outras instâncias como justiça, psicólogos e assistentes sociais, dentre outros. Assim a instituição escolar conjuntamente com seus atores principais, como professores, gestores, funcionários, alunos e familiares assumem as suas falhas

num atestado de incompetência, encaminhando os alunos a outros profissionais não envolvidos diretamente com a função de educar:

[...] Por analogia, se o processo de judicialização alcançou as relações escolares é porque os atores envolvidos não foram capazes de (1) perceber os problemas específicos que surgiam no seu espaço de domínio ou (2) de encontrar soluções para os problemas que se mantêm no espaço escolar.

Parece-nos que não é o Judiciário que deve conduzir a identificação e solução dos problemas que caracterizam a educação, o ensino e as relações escolares. Os protagonistas desse processo de restauração são os professores e os gestores educacionais de todos os níveis e, como aliadas, as famílias e seus filhos. (CHRISPINO; CHRISPINO, 2008, P. 26).

O auxílio de profissionais como psicólogos, assistentes sociais, psiquiatras, dentre outros é benéfico para dar suporte ao docente, inclusive. A questão problemática é a judicialização, de atribuir ao judiciário, o poder de lidar com os problemas das escolas, ou seja, o que era um caso de indisciplina passa a ser enfrentado como um crime que necessita de apoio policial para resolvê-lo; bem como a patologização, pela atribuição dos casos de indisciplinas aos médicos por meio de diagnósticos e medicalização.

Encontramos essa transferência do problema, que muitos professores fazem, no nosso estudo, como podemos notar no trecho abaixo do ROI na escola C:

Data: 27/02/2014 (Carvalho e mais dois alunos)

Matéria: Equipe Gestora / Língua portuguesa

Ocorrência: “A professora Carolina pediu para eu e o professor coordenador Caio conversarmos com os alunos, pois os três estavam conversando excessivamente, atrapalhando as atividades. O aluno Camilo faltou com respeito a professora, dizendo que não gostava dela e usando fone de ouvido. Todos participamos da conversa, inclusive a professora. Os alunos prometeram mudar a postura, porém o aluno Camilo permaneceu o tempo todo fazendo brincadeiras e não levou a sério a conversa. Diante disso o aluno Camilo levou convocação aos responsáveis. Obs.: Após conversarmos, Caio, Camilo e eu, o professor Caio decidiu não convocar os responsáveis, já que Camilo prometeu mudar sua postura em sala de aula.”

Corroborando com isso, encontramos um estudo sobre um programa que visava a redução da violência, havendo auxílio constantemente dos policiais participantes do programa para solucionar problemas de indisciplina. Na opinião de um sargento:

Em entrevista concedida no dia 19 de agosto de 2009, um sargento da PEC afirmou que a polícia não se importa em fazer mediação entre alunos indisciplinados e professores ou diretores, porém devido ao número reduzido de efetivos frente ao número de escolas que necessitam do atendimento, seria interessante que as escolas pudessem lidar com os assuntos restritos ao campo da indisciplina. [...] (KRAWCZUN; PLATT, 2015, p. 496).

Esse fato é alarmante, pois os educadores deveriam mediar os conflitos de indisciplina ocorridos nas escolas e não transferir a outros profissionais, como policiais. Mesmo os integrantes da polícia que participaram desse estudo acreditavam que atuar nesse tipo de situação não era de sua competência.

Há casos graves de violência que devem ser levados a outras instâncias, entretanto o que notamos são casos simples de indisciplina serem constantemente delegados a outros trabalhadores, como vemos abaixo:

As constatações aqui realizadas, não apenas pela literatura, mas também por meio das questões destinadas aos professores quanto à diferença entre indisciplina e violência e quanto à verificação de que a patrulha escolar atende chamados relacionados à indisciplina nas escolas, constituem um dado no mínimo preocupante, pois o relato dos policiais de que a solicitação da polícia para mediar assuntos pertinentes ao campo da indisciplina é comum foi confirmado por todas as professoras nas entrevistas realizadas nesse trabalho, o que demonstra que os profissionais que atuam nas escolas apresentam dificuldades em lidar com a indisciplina. (KRAWCZUN; PLATT, 2015, p. 501).

Temos um fator positivo no tratamento que a indisciplina escolar requer nas instituições educativas, que, como já apresentado, é o trabalho com temas relevantes aos alunos e metodologias que sejam atrativas e mais significativas, contribuindo para uma participação ativa dos discentes nas aulas:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE HISTÓRIA – ESCOLA A): Eu tento sempre chamar a atenção dentro dos temas que eles gostam, trabalhar mais nos temas que apetece mais eles, como uma pergunta, algum debate, que tragam eles para sala.

É uma alternativa válida e importante trabalhar com dinâmicas e metodologias diferenciadas e inovadoras que atraem e mantêm a atenção e o interesse do corpo discente, além de temas relevantes ao cotidiano dos alunos, pois são maneiras preventivas de se atuar com a indisciplina escolar. Assim como elaboração de projetos, que também é uma forma significativa de trabalho:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA A): [...] Procuo resgatar valores, inclusive este ano eu montei um projeto para trabalhar com eles atrelado à indisciplina, chamado: “Resgatando Valores” [...] cada sala eu estipulei com eles uma palavra-chave para o ano. E da 8ª 01 é comprometimento, é a palavra-chave do ano. Então a gente sempre está buscando aquela palavra, sempre voltando. Então eu procuro trabalhar a indisciplina a partir disso. Organizando o meu trabalho. Quando o aluno percebe organização do trabalho do professor, ele procura seguir. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE HISTÓRIA – ESCOLA F): Sim, sempre. Sempre. Nós temos o Projeto “Valores” que é voltado para essa questão de trabalhar o respeito, a organização, a responsabilidade, a amizade, a união, a colaboração. Durante as reuniões de pais são lidos textos, são

exibidos vídeos, são feitas orientações para que haja um trabalho conjunto, escola e família. Mesmo durante as atividades na escola, existe o trabalho do Grêmio também que tem o intuito de ajudar a reduzir a indisciplina dentro da escola.

É uma alternativa válida, significativa, proativa e podemos dizer que conta com uma boa vontade das docentes de atuarem com os projetos para uma educação em valores. Como encontramos no estudo de Zechi (2014), as escolas e a comunidade escolar possuem boa vontade e propõem projetos para atuar com a indisciplina escolar, entretanto falta compreensão, formação e preparo das escolas e seus atores da maneira correta e eficaz de desenvolverem os referidos trabalhos visando uma formação da autonomia moral.

Entretanto é necessário que o trabalho com valores exista nas escolas, independentemente se ocorrem ou não problemas de conflitos, confrontos, violência e indisciplina escolares. É viável um trabalho preventivo para a formação cidadã e o desenvolvimento da autonomia moral em todas as escolas. Não que projetos que atuem com valores sejam implantados apenas de forma corretiva, quando já há um problema existente e quando essa dificuldade é resolvida, o trabalho com o desenvolvimento moral se encerre. Deve ser algo contínuo e enraizado na cultura escolar por meio do trabalho com valores.

Acima de tudo, esse trabalho não deve ser de iniciativa isolada de um docente, gestor, ou mesmo de uma escola inteira, deve sim ser algo institucionalizado nas escolas por meio de políticas públicas que focalizem o desenvolvimento da autonomia moral como um dos objetivos máximos da educação, sempre relevando que não deve, apenas, ser algo que esteja previsto numa política e seja cumprido de forma burocrática, mas deve ser algo que ocorra efetivamente e contribua para a formação de todos os envolvidos nas comunidades escolares existentes.

Um fato interessante é a menção ao mediador, profissional presente nas escolas com a função de mediar conflitos e tentar resolver os problemas de indisciplina, violência, dentre outros:

(ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA – ESCOLA A): [...] o contrato pedagógico, o professor vai orientá-los, uma nova ocorrência, o professor orienta novamente, depois o professor passa para o mediador, o mediador conversa com o aluno para tentar resolver os problemas, casos que às vezes o professor ache um pouco mais grave, ele leva direto à direção, ao diretor. Eu converso mais com os alunos em relação ao desenrolar da aula, se ele está atrapalhando, o desempenho dos outros alunos, agora quando são casos mais graves, ele é enviado para o diretor mesmo. São alguns casos. (ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA – ESCOLA B): [...] então algo que acrescentou bastante, que está fazendo uma diferença é essa mediação, a presença do mediador aqui, o trabalho que ele faz, isso surte assim uma diferença rápida, o efeito rápido que a gente percebe, então esse ano mesmo com a presença da mediadora, no período da manhã, praticamente zerou a briga, acontece

um episódio ou outro, mas antes era constante isso, isso era comum e hoje a gente vê que isso quase que zerou [...] (ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA – ESCOLA C): O problema quando chega aqui, primeiro o professor manter o controle de sala de aula, chegou no limite, vai para a coordenação e mediação. [...].

O projeto de proteção escolar e mais especificamente sobre os professores mediadores foi implementado oficialmente pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (2010) por meio da resolução:

Resolução SE nº 19, de 12-2-2010

Institui o Sistema de Proteção Escolar na rede estadual de ensino de São Paulo e dá providências correlatas

[...] Art. 1º - Fica instituído o Sistema de Proteção Escolar, que coordenará o planejamento e a execução de ações destinadas à prevenção, mediação e resolução de conflitos no ambiente escolar, com o objetivo de proteger a integridade física e patrimonial de alunos, funcionários e servidores, assim como dos equipamentos e mobiliários que integram a rede estadual de ensino, além da divulgação do conhecimento de técnicas de Defesa Civil para proteção da comunidade escolar.

[...] Art. 7º - para implementar ações específicas do Sistema de Proteção Escolar, a unidade escolar poderá contar com até 2 docentes, aos quais serão atribuídas 24 (vinte e quatro) horas semanais, mantida para o readaptado a carga horária que já possui, para o desempenho das atribuições de Professor Mediador Escolar e Comunitário, que deverá, precipuamente:

- I - adotar práticas de mediação de conflitos no ambiente escolar e apoiar o desenvolvimento de ações e programas de Justiça Restaurativa;
- II - orientar os pais ou responsáveis dos alunos sobre o papel da família no processo educativo;
- III - analisar os fatores de vulnerabilidade e de risco a que possa estar exposto o aluno;
- IV - orientar a família ou os responsáveis quanto à procura de serviços de proteção social;
- V - identificar e sugerir atividades pedagógicas complementares, a serem realizadas pelos alunos fora do período letivo;
- VI - orientar e apoiar os alunos na prática de seus estudos.

Conforme os estudos de Chrispino (2007) sobre a mediação escolar, as instituições que valorizam o conflito ao invés de o negarem possuem uma oportunidade maior de atuar abrindo espaços ao diálogo, por meio de assembleias e da própria mediação dos embates que ocorrem entre os protagonistas do cenário educacional. Essas escolas, quando assumem que existe o conflito, estão prontas para agirem dando espaço, muitas vezes negado, aos alunos, para que aquilo que eles sentem e pensam possa ser explicitado de forma a minimizar as consequências dos conflitos existentes.

Portanto, o trabalho com a mediação nas instituições educativas é crucial para lidarmos com os conflitos escolares, sejam eles quais forem. Não devemos ignorá-los ou mesmo buscar evitá-los. Os envolvidos devem ser ouvidos, e saídas devem ser procuradas buscando a tolerância, bom senso, responsabilidade e autonomia por meio de diálogos, reuniões grupais, assembleias, dentre outras metodologias aplicáveis nas instituições educativas para que o

conflito seja refletido e discutido de maneira sensata, buscando a formação autônoma dos alunos.

No entanto devemos estar atentos para que o trabalho com a mediação não seja delegado e terceirizado a outros profissionais não envolvidos na situação ou com a educação. Pode até haver uma terceira pessoa, um mediador, mas é necessário que os alunos e os docentes envolvidos em algum ato indisciplinar, violento etc. estejam presentes na atividade mediadora, pois estavam no momento de ruptura e devem ser os mesmos que estejam presentes no momento da reconstrução das relações respeitadas entre os lados, além disso, é importante também que todos os docentes estejam preparados para atuar mediando os conflitos.

Assim como a mediação é necessária, é importante também haver um trabalho preventivo nas instituições educativas em relação à indisciplina escolar, por meio da atuação em conflitos, problemas e situações de indisciplina existentes. É crucial que haja projetos que atuem para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

É importante, por parte dos educadores e gestores que revejam os seus papéis em nas instituições educativas. Atuar com os conteúdos é apenas uma das funções das escolas, sendo que a formação cidadã e autônoma também é um dos objetivos a serem atingidos. É primordial que as expectativas dos docentes e dos alunos sejam levadas em conta nas políticas públicas educacionais, pensando num trabalho maior que tenha respaldo governamental sobre valores, atitudes, significados e relevâncias que as escolas possuem para os alunos, possibilitando espaços de diálogo e participação aos discentes, melhorando assim a relação entre alunos, professores, gestores e demais membros das escolas.

Uma forma relevante, significativa e eficaz de se atuar com a indisciplina escolar é por meio do uso de combinados e acordos. Combinados e acordos envolvem diálogos e participação conjunta na sua elaboração. Exemplificamos abaixo:

(ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EF – ESCOLA A): Conversando, a gente faz os acordos, e eu procuro na medida do possível, cumprir os acordos, a outra coisa, que é o seguinte esses acordos, inclui assim: eu tenho algumas atividades que eu falo para eles, “isso aqui é obrigatório e todos devem fazer, prática ou lá na sala, trabalho que todos devem fazer” e eu cedo também, então em troca tem coisas que eles querem fazer também, tem dia que a atividade é livre, então a gente só joga alguma coisa, faz um esporte, então eu cedo, eles cedem, e acaba dando tudo certo [...] (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA A): [...] eu faço combinados com eles [...] Eu coloco para eles o que é certo e o que é errado, qual a forma que eu trabalho. [...] (ENTREVISTA COM A DIRETORA – ESCOLA D): Olha, discussão eu não digo, mas que nós levamos como eu falei, todo começo de ano cada professor leva em sua sala, cada professor que é representante de sala, retoma os combinados, que sempre tem aluno novo, eles modificam de período, modificam de sala, retoma os conteúdos, o que é próprio da escola, é passado para eles, e o que é deles, de cada professor também é combinado ali, então eu posso ter uma discussão

com o responsável, mas eu não sou responsável dessa sala, mas eu dou aula nela, então na minha aula eu gostaria que acontecesse mais isso e isso, então isso já é feito, aquele combinado que a gente fala no começo do ano, às vezes alguns até colocam, eles fazem as, os combinados e afixam na sala no começo do ano, fica lá para todo mundo ver, que foi fechado aquele acordo, um acordo realmente fechado [...].

Contudo, é comum situações em que se chamam de combinados, mas os professores e gestores chegam com as regras prontas. Como ressaltado por Vinha e Tognetta (2006), querer formar para a autonomia moral requer uma reformulação dos educadores, em que as escolas construam ambientes propícios para que as crianças vivenciem situações de reflexão e resolução de conflitos e problemas para que, aos poucos, o respeito mútuo seja atingido e as regras não sejam obedecidas unicamente pelo respeito unilateral.

Um acordo interessante que encontramos nas nossas entrevistas é procurar resolver tudo entre o docente e os alunos, sem a transferência da questão indisciplinar para os gestores, familiares ou outros profissionais que não atuam diretamente no contexto educacional:

(ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EF – ESCOLA A): [...] um outro acordo interessante que eu tenho com eles, é que a gente resolve tudo entre nós na sala de aula, a gente procura não levar nada para diretoria [...].

Essa forma de lidar com a indisciplina citada pelo professor acima cria um clima de empatia e respeito mútuo, em que os alunos procuram seguir os combinados propostos por este professor, pois encontramos nas nossas observações que os alunos seguem os combinados citados pelo docente na entrevista:

(ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EF – ESCOLA A): [...] Como eu falei, nós temos algumas coisas combinadas, por exemplo, eles não devem me aguardar do lado de fora da sala de aula, então às vezes pega um ou outro fora da sala de aula, eles tomam bronca, a gente conversa. [...].

Embora o professor tenha citado casos em que ocorrem o desrespeito a esse combinado, em todas as aulas que chegamos no início das mesmas, realmente os alunos estavam aguardando dentro da sala de aula, portanto, não elimina as incivildades por completo, mas minimiza e cria um clima mais respeitoso entre docente e alunos.

Como já dissemos, há casos que realmente precisam de uma intervenção profissional diferenciada, mas na maioria das vezes o fato poderia ser resolvido por meio de diálogos, assembleias, ouvir os alunos, mudança na própria metodologia das aulas e dos próprios conteúdos escolares:

Portanto, considerando que a transmissão direta de conhecimentos é pouco eficaz para fazer com que os valores morais tornem-se centrais na personalidade, para a vivência democrática e cooperativa e para resolver problemas que requerem o desenvolvimento das dimensões cognitivas e afetivas, assim como de habilidades interpessoais, é preciso oferecer nas instituições educativas oportunidades frequentes para a realização de propostas de atividades sistematizadas que trabalhem os procedimentos da educação moral, tais como assembleias,²⁷ discussão de dilemas, narrativas morais etc. Procedimentos estes que favoreçam a apropriação racional das normas e valores, o autoconhecimento e o conhecimento do outro, a identificação e expressão dos sentimentos, a aprendizagem de formas mais justas e eficazes de resolver conflitos e, conseqüentemente, o desenvolvimento da autonomia.²⁸ (VINHA; TOGNETTA, 2009, p. 536-537).

No entanto as assembleias, as narrativas morais e discussões de dilemas não devem ser os únicos momentos democráticos nas escolas em que ouçamos todos os alunos, nem tampouco uma imposição de autoridades e gestores como uma atividade formal que deve ser realizada, também não deve ser um momento em que os professores imponham certas atitudes e comportamentos que devem ser realizados pelos alunos como normalmente ocorre:

Como já mencionamos anteriormente, muitas vezes a realização dos projetos não está pautada em métodos democráticos e muitas escolas ainda se mostram pouco compromissadas com a participação dos alunos na construção de seus valores, prevalecendo uma educação em valores morais por transmissão e doutrinação. As respostas parecem indicar que o esforço das escolas investigadas está mais voltado para conseguir um “bom” comportamento dos alunos e relações supostamente mais harmoniosas na escola, o que pode ter como resultado o melhor rendimento escolar dos alunos. Os valores mais citados nas experiências, como o respeito e a cidadania, parecem ser trabalhados mais pela necessidade de um controle disciplinar do que pela sua importância na formação moral autônoma dos alunos. (ZECHI, 2014, p. 144).

É necessário criar um ambiente democrático nas escolas, em que esses momentos não sejam de convencimento dos alunos pelos gestores e professores do que deve ser realizado, tampouco intervenções que visem única e exclusivamente a disciplina escolar para um melhor rendimento dos alunos.

²⁷ Segundo Puig (2000, p. 86), as assembleias são “o momento institucional da palavra e do diálogo. Momento em que o coletivo se reúne para refletir, tomar consciência de si mesmo e transformar o que seus membros consideram oportuno, de forma a melhorar os trabalhos e a convivência”. É, portanto, um espaço para o exercício da cidadania onde as regras são elaboradas e reelaboradas constantemente, em que se discutem os conflitos e se negociam soluções, vivenciando a democracia e validando o respeito mútuo como princípio norteador das relações interpessoais. As assembleias de classe tratam de temáticas envolvendo especificamente determinada classe, tendo como objetivo regular e regulamentar a convivência e as relações interpessoais, assim como a resolução de conflitos por meio do diálogo. A periodicidade geralmente é semanal, em encontros de uma hora, ou quinzenal, com os mais velhos, com a duração de 90 minutos a 120 minutos. Esses momentos são inclusos no horário. São conduzidos inicialmente por um adulto, como o professor polivalente, o professor-conselheiro ou orientador, e, posteriormente, pelos próprios alunos-coordenadores (representantes eleitos que se revezam), sob orientação do adulto. (Nota das autoras).

²⁸ Para saber mais sobre os procedimentos da educação moral, expressão de sentimentos, assembleias e resolução de conflitos consultar: MORENO; SASTRE (2002); PUIG (2000, 2004); TOGNETTA (2003); TOGNETTA; VINHA (2007); VINHA (2000, 2003).

Devem sim ser espaços internalizados na cultura escolar de formação da autonomia e da prevenção de indisciplina e violência, para criar uma sensação de pertencimento dos alunos e dos professores, tornando a escola um ambiente agradável e prazeroso que as pessoas gostem de estar presentes, criando laços emocionais que garantirão uma convivência mais harmoniosa e benéfica, em que as pessoas cuidarão daquele lugar e conseguiremos como objetivo final a formação autônoma e cidadã da comunidade escolar.

Temos como outros exemplos positivos descritos por alguns sujeitos entrevistados, para lidar com a indisciplina escolar e outros comportamentos manifestados pelos alunos, as conversas individuais e as orientações, como vemos nos trechos abaixo:

(ENTREVISTA COM A VICE-DIRETORA – ESCOLA B): Olha, quando esses alunos são encaminhados à direção, a princípio, a gente conversa bastante, orienta. [...] (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA INGLESA – ESCOLA B): Eu sempre chego individualmente, em cada aluno, pedindo, várias vezes [...] (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE MATEMÁTICA – ESCOLA C): Orientando sempre, conversando, trabalhando valores, família, conteúdo. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA F): O Trabalho com a indisciplina tem diversos estágios, primeiro você tem uma conversa individual com o aluno [...].

Com relação às conversas individuais e as orientações vemos como uma maneira positiva de lidar com a indisciplina, fato confirmado em Garcia (1999), que diz que as orientações devem estar presentes em uma diretriz disciplinar.

Essas orientações, quando previamente ocorridas, garantirão o conhecimento das regras e seus princípios a toda a comunidade escolar, e quando ocorrem após um ato indisciplinar, como é o caso, estariam retomando as primeiras orientações, entretanto, quando não acontecem essas orientações prévias e preventivas, estaríamos iniciando num momento tardio, mas, ainda assim, necessário. Outros fatores que merecem destaque nas entrevistas realizadas são maneiras significativas de lidar diretamente com a indisciplina dos alunos:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA A): [...] Eu, particularmente, tenho esse contato com o meu aluno, quando ele é indisciplinado, eu tiro ele da sala e converso com ele individualmente, então você percebe o contexto, a vida que o aluno está inserido, então você vê o porquê que o aluno não tem interesse, onde causa a indisciplina, porque ele tem problemas familiares. Isso é o que a gente tem mais visto na escola e eu puxo o aluno mesmo, eu tento resgatar esse aluno, porque afinal são crianças ainda perto da gente. [...] É tudo aquilo que eu falei. Eu volto a falar, eu acho que inicialmente o professor precisa conhecer o seu aluno, para que não haja indisciplina, ele precisa tentar conhecer o seu aluno para nortear o seu planejamento. Se eu conheço a minha sala de aula e eu faço um bom planejamento, eu consigo puxar o aluno para mim sim e ter um bom retorno do meu trabalho. É só isso que eu tenho a dizer. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE GEOGRAFIA – ESCOLA E): [...] só que eu estou aprendendo a conversar com eles, o que levou isso a eles, então eu vejo também no caso do Evandro,

o pai está preso, o Evandro parece que ele está revoltado, então eu tenho que trabalhar essa afetividade com eles, aonde eu estou trabalhando já, dou bilhetinhos, dou cartas para eles, que eu já estou vendo que eles estão melhorando aos poucos, então eu percebi que a atenção já está fazendo a diferença, como eu vim para essa escola nesse ano, quando eu faço as cartinhas, eu vejo que eles já estão retribuindo isso a mim, vai ser um trabalho de formiguinha, mas eu percebo que já está melhorando.

Como Alves (2002) afirma, a questão indisciplinar dos alunos pode estar relacionada com a história de vida do mesmo e o cotidiano que ele vive, dessa forma conhecer os alunos é crucial para o entendimento dos seus comportamentos, bem como sobre a forma de lidar e desenvolver estratégias inclusivas e afetivas em vez de confrontá-los desprezando a realidade em que eles vivem.

Outro ponto que pode ser benéfico para lidar com a indisciplina, seria em vez de transferir o problema para outros profissionais, buscar parcerias na formação continuada dos professores e gestores como encontramos na fala abaixo:

(ENTREVISTA COM A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA - ESCOLA A): [...] e que a gente tenha esse respaldo, de Universidades, ou de pessoas que possam se envolver, com seriedade, na educação.

Esse trabalho com parceria pode se dar no âmbito exterior às escolas, junto às universidades, grupos de pesquisa, dentre outros, que auxiliem os gestores e professores para uma formação continuada e que darão esse respaldo quanto à temática da indisciplina e mesmo, da violência escolar. Muitos docentes e gestores não possuem um preparo adequado para lidar com essas questões, e isso pode ser minimizado por meio dessas ações formativas que tragam especialistas e produções científicas numa área de conhecimento que muitos não tiveram nas suas experiências:

É preciso destacar no projeto “Esperança no futuro” o papel da formação centrada na escola realizada pela equipe gestora e coordenação. A proposta implantada na instituição foi viável a partir da formação buscada pela coordenadora. Ela, diante da dificuldade vivenciada no contexto escolar, procurou suporte teórico em cursos e grupos de estudos que abordavam a temática da Educação Moral e, posteriormente, iniciou um processo de formação continuada com os professores da escola, através de estudos aprofundados sobre o tema. Também buscou estabelecer parcerias entre escola e universidade. (ZECHI, 2014, p. 251).

Muitas vezes, por não possuir esse respaldo de escolas, universidades, grupos de estudo, políticas públicas, esses programas são deixados de lado ou atuam somente para resolver um problema esporádico específico.

Essa formação continuada buscada pela coordenadora citada acima, e que a coordenadora pedagógica da Escola A relatou sentir falta é um dos componentes importantes e válidos para um programa de sucesso em educação moral, ou projetos que atuem com a temática dentro do ambiente escolar, como notamos em Zechi (2014, p. 255):

Por outro lado, as experiências ilustradas revelam que a Educação em Valores pode sim ser uma “solução” aos problemas escolares. Desse modo, tendo como base os estudos teóricos sobre a violência e sobre a indisciplina, os projetos brasileiros aqui descritos e a experiência espanhola ilustrada, sintetizamos o que consideramos como uma prática positiva de Educação em Valores frente aos problemas de violência e de indisciplina escolar: [...] para tanto, é preciso investir na formação inicial e continuada dos docentes. As escolas devem garantir um processo de formação continuada, sendo esse um espaço para reflexão coletiva a respeito das necessidades da instituição e momento de estudos que embasará a elaboração de soluções sistematizadas. Também é preciso estabelecer parcerias entre escolas e universidades de modo a fortalecer teoricamente as ações concretizadas.

Essas parcerias podem também se desenvolver no próprio âmbito interno das instituições entre gestores, mediadores, coordenadores pedagógicos, docentes e outros responsáveis pela disciplina nas escolas, como vemos em Garcia (1999, p. 106):

Um outro aspecto refere-se ao papel da direção da escola. Parece particularmente importante que esta seja “visível” e atue de modo a oferecer encorajamento e suporte a professores e alunos. A visibilidade aqui considerada diz respeito à presença constante da direção nos diversos espaços da escola, onde deve exercer, de modo informal, relacionamentos com professores e estudantes, em nível pessoal e que expresse interesse pelas suas atividades. Também é importante a relação formal entre direção e corpo docente. Aos professores deve ser delegada responsabilidade para lidar com as questões disciplinares de rotina; as questões mais sérias devem ser tratadas em parceria com as pessoas ou grupo responsáveis pela orientação disciplinar (pedagógica). É necessário, portanto, que os professores desenvolvam e conquistem maior autonomia para lidar com a indisciplina de sala de aula. Isto não significa deixá-los a sós com a indisciplina de sala de aula, mas fomentar um trabalho em parceria, baseado em responsabilidades claramente definidas e no auxílio estratégico em situações de intervenção da equipe de apoio pedagógico.

Muitos professores e gestores necessitam de uma formação continuada para lidar com a indisciplina, notamos que existem excelentes pessoas dedicadas que querem lidar com o problema e tomam uma iniciativa isolada, que acaba não atingido os resultados esperados, por ser algo corretivo e não preventivo, bem como não se tratar de um programa sólido, mas sim medidas temporárias de cidadãos preocupados com o ensino e a aprendizagem e nos problemas que a indisciplina gera no seio escolar.

Os docentes necessitam de autonomia para lidar com a indisciplina escolar e precisam também de uma parceria entre professores, gestores, universidades, grupos de estudo e produções científicas que formem mais adequadamente nossos educadores para lidarem com

as complexidades do seu trabalho. No entanto, constatamos que não há a participação dos docentes na elaboração e discussão do Projeto Político Pedagógico e das normas e regimentos escolares:

(ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE HISTÓRIA – ESCOLA A): Não! Discussão não, a gente sempre tenta achar uma solução para melhorar essa questão da indisciplina na sala. [...] Discussão não. Eles põem para gente, o que temos que cobrar dos alunos, que são as normas da própria escola, para tentar respeitar para buscar assim um equilíbrio entre os alunos, a idade deles, é difícil manter eles quietos. (ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE CIÊNCIAS – ESCOLA B): Olha, quanto à indisciplina, é bem pouco, quanto à indisciplina é bem pouco, quanto a outros projetos sim, mas a indisciplina é muito pouco. [...] às vezes eles (gestores) nos relembram para relembrar aos alunos as normas de convivência, ok! Mas apenas isso.

Como vemos acima nem os professores participam da elaboração de documentos nas escolas, eles mesmos recebem tudo pronto e isso corrobora com a falta de espaço de discussão democrática e um trabalho preventivo em relação à indisciplina escolar, afetando sensivelmente o processo de formação continuada dos professores.

Ainda em relação a forma de lidar com a indisciplina dos alunos, notamos que não há uma formação para os professores proporcionada pelas escolas ou pelo Estado sobre a indisciplina escolar, ou pelo menos não é algo tão divulgado e implantado:

(ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE EF – ESCOLA B): [...] a gente tem nas reuniões com coordenadores [...] a gente conversa nos conselhos de classe, série, a gente conversa a respeito dos alunos sobre a questão da indisciplina. Já nas orientações técnicas a gente tem algum tipo de formação, mas eu não tive nenhuma específica sobre indisciplina, específico não, o que se tem é uma conversa com os professores, mas no sentido do que fazer, não tem tanto assim uma formação sobre a indisciplina, as atitudes a se tomar até o momento eu não tive ainda uma reunião, um curso sobre isso. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE MATEMÁTICA – ESCOLA C): Que eu saiba não. A escola trabalha com alguns projetos, tal, mas não é uma formação específica, são projetos. (ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE CIÊNCIAS – ESCOLA D): Não, que eu saiba não. Uma formação específica não. (ENTREVISTA COM A DIRETORA – ESCOLA D): Olha, às vezes as coordenadoras vão para as reuniões de orientação técnica, elas recebem algum material sim, não só sobre indisciplina, outros materiais que são trabalhados, e a gente aproveita esses momentos e coloca, mas fora isso, são questões que sempre nós estamos trabalhando, porque é uma coisa que não tem como, se você não consegue conter a indisciplina, você não consegue adiantar o seu conteúdo, você não consegue fazer o aluno aprender, porque você demora muito tempo acalmando uma sala para conseguir trabalhar o seu conteúdo. [...]. (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE HISTÓRIA – ESCOLA F): Em alguns ATPCs é discutido, falado, como evitar alguns casos de indisciplina, porque uma aula mais organizada, com certeza você terá um número menor de indisciplina, mas cursos específicos do Estado sobre o tema não.

Constatamos acima que a diretora da Escola D relata que as coordenadoras recebem materiais sobre vários temas que são colocados para os docentes, mas o professor da mesma

escola relatou que desconhece essa formação específica. Portanto, notamos que ocorrem apenas conversas e estudos informais nas ATPCs e em outros momentos da rotina escolar, mas não um programa de formação continuada oficial permanente sobre o assunto.

Esses excertos trazem diferentes posições, por exemplo: não ocorre; sim, nas reuniões; sim, com materiais trazidos, mas pouco explorados; sim, porque faz parte do cotidiano; ou seja, notamos que não há um trabalho aprofundado com reflexões e estudos sobre a temática e quando ocorre não é do conhecimento de todos, nem algo permanente, apenas ocasiões esporádicas no decorrer do ano letivo, corroborado nas falas abaixo:

(ENTREVISTA COM A COORDENADORA PEDAGÓGICA – ESCOLA A): Sim, esse tema é abordado, não só na reunião de ATPC, mas também no planejamento, nós discutimos em relação a isso, mas assim algum treinamento diferenciado não, alguma formação diferenciada não. A não ser aquilo que a gente já retira de algum livro, de algum autor, mas aqui mesmo, nas ATPCs e nas reuniões de planejamento (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA – ESCOLA F): Não, trabalha às vezes em ATPC algum vídeo assim, mas eu não considero isso uma formação, porque é a gente que tem que lidar com a indisciplina do dia-a-dia. [...] Raramente. Quase não se fala a indisciplina, às vezes a mediadora, com a mediadora a gente fala, mas lá só algum vídeo que aborda a indisciplina, mas não tem um estudo específico assim, hoje a gente vai falar de tal sala, como eles andam, no ATPC não, com a mediadora sim.

Percebemos que não há um consenso, alguns dizem que sim, outros que não. Pode ser que em algumas escolas o tema seja mais discutido, trabalhado e ocorra momentos de formação continuada, e em outras instituições não esteja tão presente. No entanto vemos que dentro de uma mesma escola ocorrem respostas diferentes.

Isso pode ocorrer devido a inúmeros fatores, dentre os quais o cargo que a pessoa ocupa, se o docente atua em mais de uma escola, se participa das reuniões pedagógicas, o horário que leciona suas aulas (sendo que em determinados horários podem ocorrer uma divulgação maior), o próprio interesse dos professores, se há uma divulgação realmente efetiva e se realmente há esse espaço de formação continuada nas instituições educativas.

Dessa forma constatamos que não há realmente uma cultura de prevenção de indisciplina escolar na rede estadual de ensino, há algumas iniciativas que não são obrigatórias a todos os funcionários da rede e que não são tão divulgadas.

Essa deficiência formativa, por parte dos professores, muitas vezes devido a cursos de graduação deficitários, fato confirmado nos estudos de Garcia (1999), deve ser trabalhada por meio da formação continuada dos docentes em relação à indisciplina escolar, como notamos abaixo:

De outro lado, se as escolas precisam desenvolver políticas internas para lidar sobretudo de forma preventiva com a indisciplina, há também a necessidade de programas de formação de professores, em serviço, voltada para a indisciplina. A formação acadêmica, incompleta, dos professores, que deveria instrumentalizá-los para tratar dessas questões, precisa ser remediada através de formação continuada nas escolas, pelo menos até que eventuais transformações no ensino universitário mudem este quadro. (GARCIA, 1999, p. 107).

Portanto, não há uma formação específica oferecida pelo Estado ou pela escola sobre a indisciplina escolar ou talvez haja cursos e materiais que não são muito divulgados. Foi citado que isso ocorre de forma indireta nas ATPCs por meio de conversas informais e material de estudo que as coordenadoras levam, mas algo muito vago sem um aprofundamento que se faz necessário. É crucial que essa formação continuada se efetive e prepare melhor os docentes para lidar com a questão indisciplinar e outras que surgem no seio escolar, como notamos nos estudos de Grigolon et. al. (2013, p. 121):

Embora o objetivo de se educar para a autonomia seja parte da maioria dos planejamentos, esta prática não está, de fato, presente no cotidiano das escolas. *Tal fenômeno se deve, em parte, ao despreparo e ao desconhecimento teórico dos profissionais para trabalhar a educação para além dos conteúdos, auxiliando o educando a constituir-se também enquanto ser moral.* Muito se divulga sobre os benefícios da interdisciplinaridade, mas, o que ainda se insiste em perpetuar na maioria das salas de aula é a fragmentação do conhecimento. Mesmo que no currículo escolar constem disciplinas como educação moral/ética (e afins), parece desconhecer-se que não é possível separar a autonomia moral da vida cotidiana. (Grifo Nosso).

Concluímos que os docentes e gestores tentam lidar com a indisciplina escolar com as mais variadas atitudes, negativas e positivas, de lidar com a temática. Dentre as principais formas negativas encontramos: a apresentação das regras (não uma construção conjuntamente) e a falta da participação da comunidade escolar nas decisões das instituições educativas, que afeta sensivelmente o sentimento de pertencimento dos alunos e pais em relação às escolas, além de não propiciar um conhecimento dos discentes sobre o funcionamento da escola, seus projetos e rendimentos, o que pode eclodir em casos de indisciplina escolar.

Outras medidas negativas são formas diretas de lidar: exclusão, suspensão e advertências que pode ter o efeito contrário, pois o aluno pode se revoltar contra o excesso de regras que não fazem sentido e essas atitudes autoritárias. Isso pode ocasionar o aumento dos problemas de indisciplina, além da suspensão e exclusão que pode ser um reforço positivo, pois o aluno que manifesta um comportamento indisciplinado não está gostando de algo naquela aula e deixá-lo em casa ou excluí-lo é um prêmio e não uma punição.

Também são medidas negativas a anotação no ROI, que no nosso estudo estava banalizado e não refletia em melhorias significativas no trato da indisciplina escolar; e tratar a

indisciplina escolar transferindo o problema que ocorre na sala de aula para a direção escolar, dessa para a família e outras esferas profissionais que não estão diretamente envolvidas com a instituição escolar. Essas atitudes apenas mudam o problema de lugar, mas não o solucionam, pois quando o aluno retornar para a sala de aula, provavelmente o que causou o tumulto estará lá e haverá reincidência do comportamento.

Um fato alarmante que encontramos é a disparidade entre uma briga entre alunos e uma agressão dirigida aos professores, sendo que a última foi considerada mais grave, mas sabemos que brigas e agressões são graves. É evidente que devemos respeitar os papéis sociais hierarquicamente construídos, mas agressões e brigas devem ser tratadas igualmente, de forma séria e preocupante, seja quem for a vítima.

Sobre as principais medidas positivas no tratamento com a indisciplina escolar encontradas foram o trabalho com temas relevantes aos alunos e metodologias que sejam atrativas e mais significativas, pois presenciamos aulas com essas características que eram mais agradáveis e construtivas e o processo de aprendizagem e a questão pedagógica estavam presentes, além do trabalho com projetos que pode auxiliar o entendimento de alunos e professores sobre os problemas escolares.

Um fato interessante é não negar que existe o problema da indisciplina escolar e sim tentarmos solucioná-lo, como notamos a menção do mediador que pode auxiliar na questão disciplinar dos alunos, entretanto é necessário que esse trabalho seja realizado observando algumas características, como ouvir todos os envolvidos em determinados confrontos, além da presença do docente que presenciou o ocorrido.

Outras formas relevantes, significativas e eficazes de se atuar com a indisciplina escolar que encontramos no nosso estudo são: o uso de combinados e acordos, por meio de diálogos, ouvir os alunos, mudança na própria metodologia das aulas e dos próprios conteúdos escolares, bem como as conversas individuais e as orientações, como forma de conhecer os alunos para lidar com cada caso adequadamente.

Encontramos outra menção que é importante na preparação da comunidade escolar para lidar com a temática do presente estudo que é buscar parcerias na formação continuada. Entretanto, vimos que não há a participação dos docentes na elaboração e discussão do PPP, das normas e regimentos escolares e não ocorre, ou não é tão divulgada, uma formação para os professores proporcionada pelas escolas ou pelo Estado sobre a indisciplina escolar, dificultando assim a sensibilização e preparo para lidar com esses problemas.

Um projeto eficaz para lidar com os conflitos nas instituições educativas deve atender algumas características preventivas, deve haver diálogos e discussões democráticas,

que podem ser resumidas em três intervenções necessárias, a primeira delas é o estabelecimento de relações de respeito mútuo entre alunos e docentes, a segunda o oferecimento de possibilidades de participação ativa no conhecimento e por último a construção coletiva da organização da convivência (GARCIA, 2012 apud VINHA, 2013).

Assim, os alunos terão suas necessidades de respeito e participação atendidas, propiciando um ambiente escolar democrático que leve em conta, não apenas, as necessidades dos docentes, gestores e funcionários, mas sim a relevância que a organização escolar possui aos discentes e familiares daquela comunidade, em âmbito de conteúdo e convivência escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser um tema cada vez mais presente em todas as escolas, consideramos tal assunto de primordial importância para todos os programas didático-pedagógicos, algo que deve ser considerado, estudado e entendido como um desafio crescente que deve ser enfrentado.

Diversos aspectos foram considerados nesse estudo que teve como objetivo geral analisar as manifestações de indisciplina em diferentes momentos do cotidiano escolar entre eles, as aulas de EF e como objetivos específicos: analisar o entendimento de professores e direção da escola sobre indisciplina escolar e a forma como lidam com ela; analisar a percepção de diferentes professores sobre quais alunos são considerados indisciplinados e por quê; identificar se alunos envolvidos nas situações de indisciplina nos diferentes momentos do cotidiano escolar são também os envolvidos nas situações de indisciplina nas aulas de EF; analisar como a escola lida com os alunos considerados indisciplinados; analisar a presença de trabalho (ou proposta de ação) entre educandos, educadores e gestores em referência ao tema.

Com relação ao entendimento que os docentes possuem sobre indisciplina escolar, chegamos ao resultado que os professores não possuem um conhecimento amplo sobre todas as vertentes desse fenômeno, variando suas respostas sobre o tema, dificilmente citando a indisciplina nas quatro formas trazidas por nós na revisão. Porém, na somatória do discurso encontramos que ocorrem as quatro formas de indisciplinas: regimentar, social, curricular e passiva (OLIVEIRA, 2015) e também aparecem essas quatro formas na somatória dos discursos docentes sobre os casos de indisciplina que aparecem em suas aulas. Os principais atos de indisciplina citados pelos docentes foram: desrespeito às normas, atrapalhar o desenvolvimento da aula, não realização de atividades, conversas, uso de aparelhos eletrônicos, discutir com o professor e fazer algo que foge do padrão da aula, fatos também encontrados no estudo de Conceição (2013, p. 22).

Com relação à forma que os docentes lidam com a indisciplina escolar, obtivemos alguns exemplos negativos e outros positivos, sendo os principais negativos: apresentação das regras (não uma construção conjuntamente); falta da participação da comunidade escolar nas decisões das instituições educativas; exclusão, suspensão e advertências; a disparidade entre uma agressão física entre alunos e uma dirigida aos professores, sendo que a última foi considerada mais grave; a transferência do problema que ocorre na sala de aula para a direção escolar e dessa para a família e outras esferas profissionais que não estão diretamente envolvidas com a instituição escolar.

Sobre as medidas positivas no tratamento com a indisciplina escolar apresentamos as principais encontradas: trabalho com temas relevantes aos alunos e metodologias que sejam atrativas e mais significativas; o mediador que pode auxiliar na questão disciplinar dos alunos; o uso de combinados e acordos, por meio de diálogos, ouvir os alunos, mudança na própria metodologia das aulas e dos próprios conteúdos escolares, bem como as conversas individuais e as orientações, como forma de conhecer os alunos para lidarmos com cada caso adequadamente. Tivemos também um entendimento que como os professores e a direção escolar tentam evitar ou solucionar o ato indisciplinado é tão importante quanto a entrevista para constatar a ideia que eles têm sobre o assunto.

Constatamos que não há uma relação direta entre o componente curricular e a indisciplina escolar, há indisciplina escolar independentemente da matéria. O que influencia diretamente a questão de indisciplina dos alunos é a metodologia das aulas e a relevância que determinado conteúdo tem aos alunos, sendo que aulas diferenciadas, com metodologias eficazes e conteúdo contextualizado ao cotidiano discente, foram mais construtivas e agradáveis. Não houve diferenças entre as aulas de educação física e de outras disciplinas com relação à indisciplina escolar.

Sobre a formação continuada e/ou proposta de ação, encontramos uma menção que é importante na preparação da comunidade escolar para lidar com a temática que é buscar parcerias na formação continuada, entretanto não há a participação dos docentes na elaboração e discussão do PPP, das normas e regimentos escolares e não ocorre, ou não é tão divulgado, uma formação para os professores proporcionada pelas escolas ou pelo Estado sobre a indisciplina escolar, dificultando assim a sensibilização e preparo para lidar com esses problemas.

Devemos salientar a importância dessa discussão e um debate rico sobre a indisciplina escolar em todas as escolas para que haja uma compreensão de todos os protagonistas dessa instituição, para que o tema seja abordado, estudado, refletido e possa haver alternativas para esse entrave pedagógico que tanto nos limita na busca de uma educação de maior qualidade, para que possamos ganhar em conhecimento, ensino e aprendizagem por parte de todos.

Também é necessária a ampliação da qualidade dos cursos de formação de professores, bem como os processos de formação continuada, e que as vivências escolares e os projetos que visam a diminuição de violência e indisciplina escolares sejam bem-sucedidos, pois notamos que muitas vezes há uma boa vontade dos professores, mas faltam realmente experiências e vivências eficazes, como notamos abaixo:

A análise das 193 experiências mostra que, muitas vezes, a realização dos projetos não está pautada em métodos democráticos e muitas escolas ainda se mostram pouco compromissadas com a participação dos alunos na construção de seus valores. Prevalece uma formação moral por transmissão e doutrinação de valores considerados como “corretos” pelos agentes escolares. [...] As ações realizadas pelas escolas pesquisadas revelam uma carência de projetos que poderiam ser considerados como experiências positivas de Educação em Valores e de redução da violência e da indisciplina escolar. Entre os 193 projetos relatados, somente três foram selecionados por atenderem algumas das condições presentes na literatura que esclarecem como uma Educação em Valores deveria ser, tais como descrito no capítulo metodológico desta pesquisa. (ZECHI, 2014, p. 249).

Nesse estudo de Zechi (2014) notamos que as escolas, os docentes e os gestores possuem boa vontade e propõe muitos projetos para se atuar com a questão da indisciplina, da violência e dos valores, como notamos no nosso estudo, por exemplo, a professora de língua portuguesa da Escola A que relatou que montou no ano de 2014 um “Projeto Valores” e a professora de história na escola F afirmou que a escola possui um projeto “Valores”. No entanto, falta uma compreensão por parte de toda a comunidade escolar da maneira correta de desenvolver tais projetos. A maioria dessas experiências não promove uma verdadeira formação para a autonomia, por inúmeros motivos, como a falta de formação, projetos descontínuos, projetos intervencionistas e não preventivos, como encontramos em Zechi (2014, p. 254-255):

As escolas, de modo geral, afirmam ter como objetivo o desenvolvimento da autonomia moral e de relações respeitadas, justas e solidárias. Entretanto, desconhecem como esse desenvolvimento ocorre e como podem favorecê-lo de forma mais efetiva. Faltam estratégias claras e sistematizadas, resultando em procedimentos pontuais e esporádicos. Outras vezes, mesmo que cite procedimentos ativos que considerem a importância do trabalho cooperativo, da gestão participativa e construção coletiva de regras, muitas das práticas pedagógicas não concretizam a vivência efetiva desses procedimentos. Embora se encontrem docentes bem intencionados com propostas bem elaboradas, poucas escolas estão preparadas e efetivamente comprometidas com a reorientação de valores, de modo a contribuir para a formação da identidade moral e ética de seus alunos.

É importante e crucial que os projetos escolares e a formação continuada sejam efetivos, permanentes, elaborados e estruturados por meio de conhecimentos científicos, apoio de grupos de estudo, universidades e sejam realmente programas intrínsecos na cultura escolar de forma preventiva, respaldado e embasado em estudos, pesquisas, aprofundamentos teóricos e vivências positivas, como troca de experiências, debates, discussões democráticas. Mais que para resolver um problema específico, devemos ter nas escolas um espaço que contemple essas questões pedagógicas para nortear nosso trabalho.

Quando pensamos em estudar a indisciplina tínhamos muitas dúvidas sobre o motivo dessa temática ser considerada um dos maiores entraves educacionais na atualidade e também gostaríamos de esclarecer alguns pontos, principalmente se ocorre diferença entre os componentes curriculares.

Encontramos, nas escolas, uma sucessão de equívocos. O que influencia a questão da indisciplina é a falta de um planejamento docente adequado das aulas, além da metodologia das mesmas e a contextualização do conteúdo ao cotidiano dos alunos, relacionados a diversos fatores como políticas públicas, participação familiar, apoio da gestão escolar, participação de toda a comunidade escolar nas decisões educativas, dentre outros. Falta também uma formação inicial e continuada mais adequada e eficaz para formarmos docentes preparados para lidarem com a indisciplina escolar.

Longe de ser uma resposta final a todas as questões levantadas, o presente trabalho nos fez refletir sobre diversos pontos e apontamos caminhos para prosseguirmos com o estudo sobre essa temática para que possamos criar, nas escolas, um ambiente agradável, prazeroso, construtivo que leve em conta as necessidades dos seus protagonistas e possamos trabalhar com a aprendizagem e a formação cidadã de forma democrática, efetiva com as condições para o desenvolvimento da autonomia moral e intelectual de nossos alunos e professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014 p.

AGUIAR, Odílio Alves. **A dimensão constituinte do poder em Hannah Arendt. Trans/form/ação**, Marília/SP, v. 34, n. 1, p.115-130, 2011.

ALMEIDA, Ivete Politano de. **Refletindo sobre a indisciplina na escola: Uma análise construtivista**. 2009. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2009.

ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. **(In)Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar**. 2002. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Cap. 5.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. 148 p.

_____. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 3, p. 39-56.

_____. **A indisciplina e a escola atual**. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204 - jul./dez. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000200011&script=sci_arttext. Acesso em: 19 jun. 2015.

_____. (Org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **Da (contra)normatividade do cotidiano escolar: Problematizando discursos sobre a indisciplina discente**. *Cadernos de Pesquisas*. [online]. 2011, vol.41, n.143, pp. 456-484. **São Paulo Maio/Agosto 2011**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742011000200007&script=sci_arttext Acesso em: 29 julho. 2015.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando, Introdução à Filosofia**. Editora Moderna. 2004. 3ª edição revista – São Paulo.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial Piagetiano**. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 7, p. 103-116.

ARENDT, Hannah. **Sobre a Violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 167 p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Universidade de Barcelona, Espanha. GERALDI, João Wanderley (Tradução). Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, p. 19-28; 168-169. Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

BRITO, Clovis da Silva. **Indisciplina na Educação Física: Uma Investigação Qualitativa**. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE - III ENCONTRO SUL

BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Paraná, PUCPR, p. 6044 - 6056. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2053_1013.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2015.

BRITO, Clovis da Silva; SANTOS, Lucélia Gonçalves dos. **Indisciplina e violência na escola**. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE - III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Paraná, PUCPR, p. 10719 - 10729. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2053_1476.pdf. Acesso em: 30 jul. 2015.

CARVALHO, José Sérgio F. de. **Os sentidos da indisciplina: Métodos como práticas sociais**. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 9, p. 129-138.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p.11-28, mar. 2007. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf. Acesso em: 04 nov. 2015.

CHRISPINO, Alvaro; CHRISPINO, Raquel S. P. **A Judicialização das relações escolares e a responsabilidade civil dos educadores. Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 9-30, jan./mar. 2008, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p.9-30, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n58/a02v1658.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2015.

CONCEIÇÃO, Maria Cleonice da. **A Indisciplina em sala de aula: estudo de caso na Escola Municipal Dr. Urbano Maria Eulálio do Município de Picos - PI**. 2013. 50 f. Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Picos, 2013. Cap. 03. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/picos/arquivos/files/monografia_cleonice.pdf. Acesso em: 29 jul. 2015.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: Realidade, aspectos legais e possibilidades**. In: DARIDO, Suraya Cristina (Organizadora). **Caderno de Formação de Professores: Bloco 02 - Didática dos Conteúdos. Volume 6**. São Paulo – São Paulo: Cultura Acadêmica. Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação. Universidade Virtual do Estado de São Paulo, 2012. 176 p. Disponível em: www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41556/1/Caderno_blc2_vol6.pdf. Acesso em: 19 maio 2016.

DIRETORIA DE ENSINO DA REGIÃO DE CAPIVARI (Capivari/SP). Secretaria Estadual de Educação. **Escolas Estaduais de Indaiatuba/SP**. 2015. Disponível em: <<http://decapivari.com.br/indaiatuba/>>. Acesso em: 15 out. 2015.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. Campinas: Papyrus, 1993. 511 p.

ENS, Romilda Teodora. et al. **Evasão ou permanência na profissão: Políticas educacionais e representações sociais de professores**. Revista Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 42, p. 501-523, maio/ago. 2014.

FIGUEIREDO, Antônio Macena. **Ética: Origens e distinção da moral**. Saúde, Ética & Justiça. 2008;13(1):1-9.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 1997 (1975).

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 5. Ed. - São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

GARCIA, Joe, **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.8, n.1, p. 124-132, dez. 2006.

_____. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, jan./Abr. 1999, p. 101-108.

_____. Informação verbal concedida por Joe Garcia no II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral. **Conferência: Indisciplina na escola: diferentes leituras de pesquisa**. 04/07/2011.

GARCIA, Joe; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. **Indisciplina, conflitos e bullying na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2013. Cap. 3. p. 61-90. Volume 2.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-29, maio/junho 1995.

GOLBA, Mônica Aparecida de Macedo – UNIVALE-PR. **Os motivos da indisciplina na escola: A perspectiva dos alunos**. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE - III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Paraná, PUCPR, p. 9832 - 9842. Disponível em: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2071_1923.pdf. Acesso em: 30 jul. 2015.

GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados da pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 28 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GRIGOLON, Ana Kuasne et al. **Regras Escolares: O que pensam os alunos de Ensino Fundamental I e II**. **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marília, v. 5, n. 1, p.96-127, jan. 2013. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/scheme/article/viewFile/3178/2489>. Acesso em: 31 jul. 2015.

GUIMARÃES, Áurea. M. **Indisciplina e violência: A ambigüidade dos conflitos na escola** In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 5, p. 73-82.

GUIRADO, Marlene. **Poder indisciplina: Os surpreendentes rumos da relação de poder**. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 4, p. 57-71.

KRAWCZUN, Natália Branco Lopes; PLATT, Adreana Dulcina. **Violência e indisciplina na escola: Um cotejo necessário**. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara. V. 2, n. 10, p.481-503,

2015. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7704/5400>. Acesso em: 21 ago. 2015.

LA TAILLE, Yves de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 14. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 1, p. 9-24.

_____. (1999) Autoridade na escola. In AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Autoridade e autonomia na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1999. Cap. 1, p. 9-29.

_____. **Moral e Ética: Uma Leitura Psicológica**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 26 N. Especial, p. 105-114, Brasília, 2010.

LEME, Maria Isabel da Silva. **Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo**. São Paulo: ISME, 2006. 72 p.

LOURENCETTI, Nicole Stephania Strohmayr; PALMA, José Augusto Victoria. **O conceito de indisciplina e aulas de educação física**. In: ANAIS - II CONGRESSO DE PESQUISAS EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO MORAL: CONFLITOS NA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA: PERIGO OU OPORTUNIDADE?, 2011, Campinas. Campinas, 2011. P. 735-750. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/coppem/index.php/relatos-de-pesquisas/>. Acesso em: 03 nov. 2015.

MARINHO, Ernandes Reis. **As relações de poder segundo Michel Foucault**. E-Revista Facitec ©2007 Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas, v. 2, n. 2, dez. 2008. P. 1-22. Disponível em: <http://www.facitec.br/ojs2/index.php/erevista/article/view/7>. Acesso em: 13 jun. 2015.

MACEDO, Lino de. **O lugar dos erros nas leis ou nas regras**. In: MACEDO, Lino de. (Organizador) **Cinco Estudos de Educação Moral**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 1999. Cap. 5, p. 177-203.

MACHADO, Thiago da Silva et al. **As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar**. Movimento: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p.129-147, abril-junho. 2010.

MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. **O estudo de caso como estratégia de investigação em educação**. EDUSER: Revista de Educação, 2010: Inovação, Investigação em Educação, Instituto Politécnico de Bragança / Escola Superior de Educação, v. 2, n. 2, p.49-65, 2010.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. **Desenvolvimento Moral: Refletindo com pais e professores**. In: MACEDO, Lino de. (Organizador) **Cinco Estudos de Educação Moral**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 1999. Cap. 2, p. 37-100.

MICHAELIS. **Dicionário Prático Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos Ltda., 2001. 951 p. (I).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 28 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **Trabalho de campo:** Contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** 28 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** 28 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOURA, Dirley Aparecido de. **Indisciplina na Escola:** Alunos considerados indisciplinados nas aulas de Educação Física, também são considerados indisciplinados no cotidiano escolar? (Um estudo de caso). 2011. 95 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000875596>. Acesso em: 15 out. 2015.

NEGRÃO, Adriane Vasti Gonçalves; GUIMARÃES, José Luiz. **A indisciplina e a violência escolar.** p. 403-420. NÚCLEOS DE ENSINO/PROGRAD/UNESP, 2006. Disponível em www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/artigos/eixo7/aindisciplina.pdf. Acesso em: 23 jun. 2016.

OLIVA, Luiza; GARCIA, Joe. Entrevista: JOE GARCIA: **Rever o currículo, capacitar os professores e investir nos vínculos são alguns dos pontos essenciais na redução da indisciplina escolar.** *Direcional Educador*, São Paulo, n. 68, set. 2010. Disponível em: <http://www.direcionaleducador.com.br/artigos/entrevista-joe-garcia>. Acesso em: 18 out. 2015.

OLIVEIRA, Mariana Tavares Almeida. **Conflitos entre alunos de 13 e 14 anos:** Causas, estratégias e finalizações. 2015. 247 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia Educacional, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PERISSINOTTO, Renato M. **Hannah Arendt, poder e a crítica da “tradição”.** *Lua Nova*, n. 61, p.115-138, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n61/a07n61.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2016.

PIAGET, Jean. **Os procedimentos da Educação Moral.** 1999 (1930). In: MACEDO, Lino de. (Organizador) **Cinco Estudos de Educação Moral.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 1999. Cap. 1, p. 01-36.

_____. **O Juízo Moral na Criança.** 1994 (1932). (Tradução Elzon Lenardon). 4ª Edição. São Paulo: Summus.

PRODÓCIMO, Elaine. **Lúdico e agressividade:** Como a escola lida com isso? In: ARAGÃO, Ana Maria Falcão de et al. **Caderno de Resumos do II Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral:** Conflitos na Instituição Educativa: Perigo ou Oportunidade? Campinas: By Autores, 2011. p. 30.

RAMOS, Adriana de Melo. **As relações interpessoais em classes “difíceis” e “não difíceis” do Ensino Fundamental II:** Um olhar construtivista. 2013. 298 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutor em Psicologia Educacional, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano, Psicologia e Educação da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000906017&fd=y>. Acesso em: 18 jan. 2016.

RATUSNIAK, Célia. **A história de uns e não de outros: O caderno de ocorrências e a constituição das práticas disciplinares, de controle e de governo das crianças em uma escola pública de anos iniciais.** 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99380>. Acesso em: 13 jan. 2016.

REGO, Teresa Cristina R. **A indisciplina e o processo educativo: Uma análise na perspectiva Vygotskiana.** In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na Escola: Alternativas teóricas e práticas.** 14. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 6, p. 83-101.

SANT'ANA, Antônio Sérgio Santos. **A indisciplina na educação física escolar.** 2012. 149 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestre em Educação Física, Centro de Desportos - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Coordenadoria de Gestão da Educação Básica; ALVES Aglaé Cecília Toledo Dias Porto et al. (2014). DOCUMENTO ORIENTADOR CGEB-Nº 10 de 2014. **Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) em destaque.** São Paulo, SP.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. (2010). Resolução SE nº 19, de 12-2-2010. **Institui o Sistema de Proteção Escolar na Rede Estadual de Ensino de São Paulo e dá providências correlatas.** São Paulo, SP, Disponível em: http://siaue.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/19_10.HTM?Time=14/08/2014%2002:05:11. Acesso em: 07 set. 2015.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: Pistas teóricas e metodológicas.** **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, Número I, p. 01-15, jul. 2009. Disponível em: http://redenep.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf. Acesso em: 29 jul. 2015.

SOUZA, Aline Santos; LEITÃO, Arnaldo; PRODÓCIMO, Elaine. **Práticas educativas de professores de Educação Física do Ensino Fundamental e sua relação com a teoria dos estilos parentais.** ©Conexões Campinas, SP v. 14 n. 1 p. 66-86 jan./mar. 2016.

SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Marcia de Paula. **Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil.** **Educ. Soc. Campinas**, v. 32, n. 117, p.1105-1121, out. - dez. 2011.

SOUZA, Márcia Xavier de. **Indisciplina: Causas e conseqüências.** 2003. 42 f. Monografia (Pós-Graduação – “*Latu Sensu*” Habilitação Supervisão Escolar, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2003. Cap. 02. Disponível em: www.avm.edu.br/monopdf/5/MARCIA%20XAVIER%20DE%20SOUZA.pdf. Acesso em: 17 jun. 2016.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. **EL 511 – Psicologia e Educação** (1º Semestre de 2010) – Disciplina Curricular - Faculdade de Educação – UNICAMP.

TRIGO, Telma Ramos; TENG, Chei Tung; HALLAK, Jaime Eduardo Cecílio. **Revisão da Literatura:** Síndrome de Burnout ou estafa profissional e os transtornos psiquiátricos. Rev. Psiq. Clín, São Paulo, v. 34, n. 5, p. 223-233, 2007.

VINHA, Telma Pileggi. **Os conflitos interpessoais na relação educativa.** 2003. 427 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. In: VINHA, Telma Pileggi; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. **Construindo a autonomia moral na escola:** Os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=2831&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 01 ago. 2015.

_____. **Os conflitos interpessoais na escola.** In: GARCIA, Joe; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. **Indisciplina, conflitos e bullying na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2013. Cap. 3. p. 61-90. Volume 2.

VINHA, Telma Pileggi; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. **A prática de regras na escola:** Ambiente autocrático x ambiente democrático. Esse artigo é baseado no trabalho publicado na revista Educação Unisinos. São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Vol. 10 nº1 – jan/abr 2006, p.45-55. Disponível em: http://www.forpedi.com.br/downloads/forpedi_anexo_0509121440340.pdf. Acesso em: 30 jul. 2015.

_____. **Construindo a autonomia moral na escola:** Os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=2831&dd99=view&dd98=pb>. Acesso em: 01 ago. 2015.

WESTPHAL, Sarah. **Quase.** Disponível em: http://pensador.uol.com.br/autor/sarah_westphal/. Acesso em: 06 jul. 2016.

ZECHI, Juliana Aparecida Matias. **Educação em valores:** Solução para a violência e a indisciplina na escola? 2014. 280 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/123919>. Acesso em: 17 out. 2015.